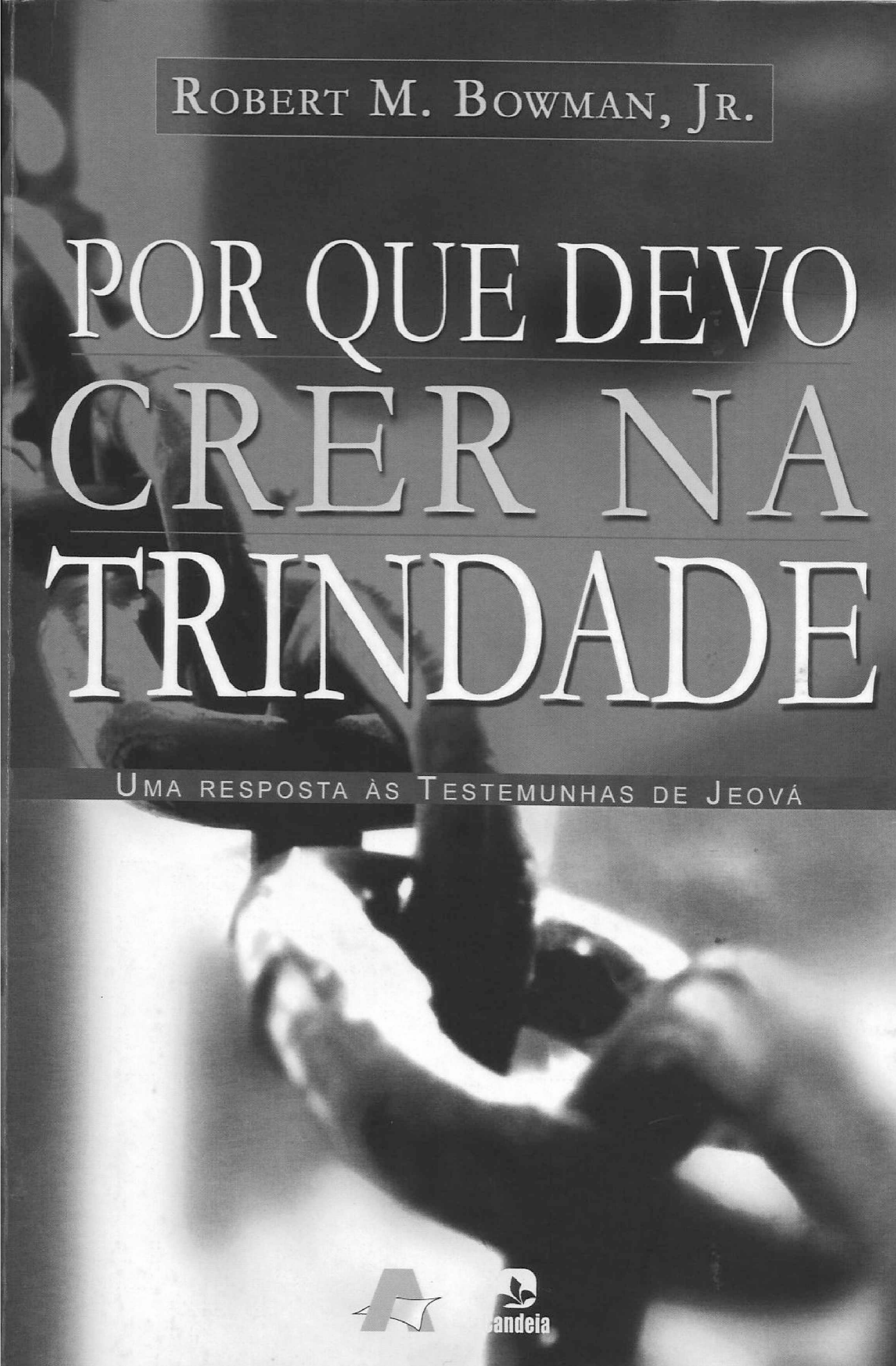
ROBERT M. BOWMAN, JR.

POR QUE DEVO CRER NA TRINDADE

UMA RESPOSTA ÀS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ



Candeia

"Existe a escolha, portanto, entre crer no Deus verdadeiro conforma Ele Se revelou, com mistérios e tudo, ou crer num Deus que é relativamente fácil de ser compreendido, mas que tem poucas semelhanças com o Deus verdadeiro. Os trinitários estão dispostos a conviver com um Deus a quem não conseguem compreender plenamente."
Robert M. Bowman, Jr.

Por Que Devo Crer na Trindade oferece motivos positivos para crer na Trindade.

Refuta as alegações feitas pelas Testemunhas de Jeová que a Trindade é um conceito apóstata que deve ser rejeitado por todos os cristãos.

É um recurso valioso para os crentes que desejam aumentar seu entendimento dessa doutrina.

Esse não é um estudo exaustivo da doutrinas da trindade. É, sim, uma explicação simples e escrita com clareza da base bíblica para a fé num Deus trino e uno. Robert Bowman oferece definições concisas e facilmente compreendidas de termos e conceitos que muitas vezes são ambíguos.

ARTE EDITORIAL
arteeditorial.com.br

Candeia
candeia.com.br

ISBN 978-85-7352-182-5
9 788573 521825

Robert M. Bowman, Jr., também escreveu *Jeovah's Witnesses, Jesus Christ, and the Gospel of John* (As Testemunhas de Jeová, Jesus Cristo e o Evangelho segundo João); *Understanding Jeovah's Witnesses* (Entendendos as Testemunhas de Jeová) e *Orthodoxy and Heresy* (Ortodoxia e Heresia).

Por que devo crer na Trindade

Por que devo crer na Trindade

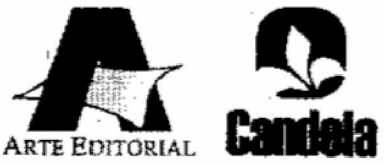
Robert M. Bowman, Jr.

ARTE EDITORIAL
Candeia
São Paulo / 2008

Copyright © 1989 by Robert M. Bowman, Jr.
Publicado originalmente por *Baker Books, a division of Baker House Company.* Todos os direitos reservados em língua portuguesa por Editora Candeia.
Título original em inglês: *Why you should believe in the Trinity*

Coordenação editorial: Magno Paganelli
Tradução: Gordon Chown
Revisão: Fausto Camargo
Diagramação: Sandra Reis Oliveira
Capa: Magno Paganelli
1ª Edição: 1996
2ª Edição: 2001
3ª Edição: 2008

Esta é uma edição conjunta de



Rua Tiro ao Pombo, 402 / 2983 - Freguesia do Ó
02844-060 - São Paulo - SP
editora@arteeditorial.com.br
www.arteeditorial.com.br
www.candeia.com.br

Índice

Introdução: Antes de você rejeitar a Trindade 07

1 Compreendendo a Trindade 11

2 A Bíblia e a Trindade 23

3 A Igreja e a Trindade 31

4 Vejamos quem é realmente politeísta 55

5 Jesus é criatura? 67

6 A Bíblia nega que Jesus é Deus? 79

7 Jesus Cristo é Deus 101

8 O Espírito Santo é uma força? 127

9 O Trinitarismo no Novo Testamento 141

10 Adore a Deus conforme Ele se tem revelado 153

Notas 161

Leituras recomendadas 167

Índice de assuntos 169

INTRODUÇÃO

Antes de você rejeitar a Trindade

Deve-se *"Crer na Trindade?"* Esta é a pergunta instante formulada no título de uma brochura das Testemunhas de Jeová, que em suas 32 folhas argumenta que a Trindade é uma doutrina apóstata, inspirada pelo Diabo, e que resultou da influência do paganismo sobre o cristianismo.

Se fossem sólidos os argumentos do livreto das Testemunhas de Jeová, a doutrina da Trindade deveria ser rejeitada por todos os cristãos. Como, porém, não são, deverá ser considerada a alternativa de ser a doutrina da Trindade bíblica e cristã apesar das dúvidas levantadas.

Este livro não oferece um estudo cabal ou exaustivo da doutrina da Trindade. Ao invés disso, oferece respostas resumidas às alegações do livrete das Testemunhas de Jeová e, ao fazê-lo, apresenta um resumo do ensino bíblico sobre a Trindade.

Embora este livro tenha como seu enfoque a negação da Trindade pelas Testemunhas de Jeová, ele não pode ser considerado uma obra exaustiva sobre o assunto. Existem vários aspectos da doutrina da Trindade que não foram

explanados neste livro. Mesmo assim, certas porções dele devem ser de interesse para pessoas que não estejam preocupadas com as Testemunhas de Jeová. Por exemplo, o estudo no capítulo 3: "A Igreja e a Trindade," deve ser do interesse de todos aqueles que gostariam de saber a respeito da origem das formulações trinitárias.

Algumas Testemunhas de Jeová talvez não gostem de ler um livro como este, que critica uma das suas publicações. Talvez sintam estar sendo "vitimadas" porque este livro as isola para criticá-las e às suas crenças. Talvez o rejeitem como literatura "contrária às Testemunhas" e, portanto, podem recusar-se a lê-lo.

Tomar essa atitude é uma liberdade que possuem. Deve ser notado, no entanto, que a brochura das Testemunhas, para a qual este livro é uma resposta, é em si mesma negativa e crítica. O propósito inteiro dela é criticar a crença na Trindade. Declaram que essa doutrina é completamente pagã e que aqueles que nela crêem são apóstatas, que desonram a Deus, e que desconhecem Sua verdadeira natureza. Tudo quanto este livro pretende fazer é explicar a base bíblica da fé na Trindade e responder às acusações específicas do livrete das Testemunhas de Jeová. Na realidade, este livro é mais positivo do que aquela brochura, pois oferece motivos positivos para a crença na Trindade (em vez de simplesmente dar motivos negativos para a descrença nas doutrinas das Testemunhas de Jeová a respeito de Deus).

As citações da Bíblia são feitas sem identificar a tradução, quando sua maioria disser virtualmente a mesma coisa. Nos demais casos, empreguei a abreviatura TNM ao citar a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1984), e

ARA ao citar a Tradução de Almeida *Revista e Atualizada* no Brasil (Sociedade Bíblica do Brasil).

Em todas as partes deste livro, referências serão feitas a fontes informativas eruditas torcidas ou falsamente interpretadas na brochura das Testemunhas de Jeová. Essas citações falsas são indicadas visando oferecer aos leitores todos os fatos relevantes para a avaliação das declarações dos eruditos em consideração. Os eruditos, como todas as demais pessoas, são falíveis e cometem pecados, com seus preconceitos, predisposições, e mal-entendidos. Freqüentemente têm razão naquilo que dizem, mas também se enganam muitas vezes... talvez a situação mais freqüente é terem razão apenas parcial. O leitor é conclamado a pesar na balança tudo quanto esses estudiosos têm dito, tudo que a brochura das Testemunhas de Jeová diz, e tudo quanto este livro diz, à luz das Escrituras (At 17.11; 1 Ts 5.21).

Acolheremos bem as perguntas, as críticas e comentários, que podem ser dirigidos ao Instituto Cristão de Pesquisas, Caixa Postal 5011, CEP 01061-970, São Paulo, SP.

1

Compreendendo a Trindade

Deixando clara a doutrina

Antes de podermos legitimamente defender ou criticar a doutrina da Trindade, devemos nos esforçar para compreendê-la. A maneira certa de começar esse esforço é definindo nossos termos. Neste capítulo basearemos nossa definição da Trindade no Credo de Atanásio.

A maneira mais simples de definir a Trindade é dizer que é um Deus em três pessoas. E assim, o Credo de Atanásio fala da Trindade em termos de "um só Deus" e "três pessoas." Mas é necessário expandir essa definição a fim de evitar mal-entendidos.

Os trinitários ou trinitaristas (os que crêem na Trindade) mantêm com muita firmeza e sem meios-termos a fé num

só Deus. O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três deuses. (Os mórmons que acreditam que são três deuses, alegam crer na Trindade, mas deixam muito claro que rejeitam qualquer forma da doutrina tradicional da Trindade.) O Credo de Atanásio deixa claro esse argumento repetidas vezes: "Não há, porém, três Deuses, mas um só Deus... De modo que somos proibidos pela fé católica [universal] de dizer que há três deuses ou três senhores." O Deus adorado pelos trinitários é o Deus único e exclusivo; não reconhecem nenhum outro deus. Jesus não é outro deus lado a lado com Deus; Ele é Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo.

As Testemunhas de Jeová freqüentemente criticam a Trindade como se essa doutrina negasse a unicidade de Deus. Por exemplo: *Deve-se crer na Trindade?* (1) expressa a opinião das testemunhas de Jeová: "... a doutrina da Trindade é falsa, que o Deus Onipotente se destaca como um ser separado, eterno e todo poderoso" (pág. 3; doravante, as citações de páginas entre parênteses referem-se à brochura das Testemunhas de Jeová: *Deve-se Crer na Trindade?*). Mas os trinitários crêem que o Deus Onipotente é o único ser separado e todo poderoso. O ensino bíblico de que "somente Deus é o Todo Poderoso, o Criador, separado e distinto de qualquer outra pessoa" (pág. 12), é considerado pelas Testemunhas de Jeová uma contradição da Trindade, mas, na realidade, concorda plenamente com ela. O escritor antitrinitarista, L. L. Paine, é citado com aprovação quando critica a doutrina da Trindade por afastar-se do "monoteísmo estrito" da Bíblia (pág. 12) - a *despeito do fato* de sustentar o trinitarismo, rigorosamente, o monoteísmo (a crença num único Deus). Fazem a pergunta: "Será que honra a Deus chamar a alguém de Seu igual?" (pág. 30), como se a Trindade ensinasse que

Jesus era uma pessoa separada de Deus, porém igual a Ele, ao passo que a Trindade ensina que Jesus é Deus.

Ironicamente, são as Testemunhas de Jeová que negam o monoteísmo. Acreditam que além do "único Deus verdadeiro" (João 17.3), e além dos muitos deuses falsos, existem muitas criaturas que são corretamente honradas como "deuses" abaixo de Jeová Deus. (Voltaremos a essa questão no capítulo 4).

Outro aspecto da unicidade de Deus é o fato de que não há separações, divisões ou repartições em Deus. A doutrina trinitarista sustenta que Deus é um ser infinito, único, que transcende os limites do espaço e do tempo, que não possui corpo material nem espiritual (a não ser o corpo que o Filho tomou sobre Si ao tornar-se homem). O Deus trino, portanto, não tem partes. Não se pode dividir em componentes a existência infinita. O Credo de Atanásio afirma que Deus não é dividido pelas três pessoas, quando declara que a fé trinitarista não aceita a possibilidade de "dividir a substância" (empregando "substância" no sentido da essência ou existência de Deus). As três pessoas, como conseqüência, não são três partes de Deus, mas três distinções pessoais dentro de Deus, cada uma das quais é integralmente Deus.

As Testemunhas de Jeová e outros antitrinitaristas freqüentemente criticam a Trindade como se esta ensinasse ou subentendesse que o Pai, o Filho e o Espírito Santo fossem três partes, componentes, ou divisões de Deus. Nesse sentido, declaram que o Espírito Santo "Não é parte de uma Trindade" (pág. 22). A idéia de que Jesus fosse "parte de uma Trindade" é criticada como impossível (pág. 23). A palavra *parte* é empregada repetidas vezes na brochura das Testemunhas de Jeová para designar pessoas na Trindade. É levantado o argumento de que "se Deus fosse composto de três pessoas" a Bíblia teria deixado

claro o fato (pág. 13) - mas a Trindade nega que Deus seja "composto" de partes.

Por enquanto temos concentrado a nossa atenção em explicar a intenção dos trinitaristas ao declararem que a Trindade é "um só Deus." Mas a declaração de que esse Deus único refere-se a "três pessoas" também tem sido mal compreendida. É comum a pressuposição de que "pessoa" seja empregada para referir-se a um ser individual separado, o que daria a entender que três pessoas divinas fossem três divindades. A crença em três deuses, chamada *triteísmo*, sempre tem sido condenada pelos cristãos trinitaristas. Já notamos que o Credo de Atanásio condena com clareza o triteísmo. Se "pessoa" fosse usada no sentido de um ser individual separado, nesse caso os trinitaristas confessariam francamente acreditar que Deus é uma só "pessoa."

Há, no entanto, outro significado da palavra *pessoa* que focaliza, não a existência separada, mas o relacionamento: os trinitaristas acreditam que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo são três "pessoas" no sentido de cada uma ter consciência das outras, falar às outras, e honrar as outras. Deus, portanto, pode ser descrito como sendo "uma pessoa" ou "três pessoas," - sendo que tudo depende do significado de "pessoa." Para evitar mal-entendidos, os trinitaristas têm tradicionalmente concordado entre si que empregarão a palavra *pessoa* para referir-se à mútua distinção entre o Pai, o Filho, e o Espírito Santo. É essa a praxe seguida no Credo de Atanásio.

Os trinitaristas reconhecem que Deus fala na Bíblia como uma só "pessoa," no sentido de um único ser pessoal quando se dirige à raça humana ou quando fala do Seu relacionamento com o mundo. Sendo assim, Deus se refere a Si mesmo com o pronome "Eu," e os seres

humanos dirigem-se a Ele como "Tu," no singular. Esse fato não é nenhum impecilho para a crença trinitarista, mas se encaixa com perfeição, pois os trinitaristas acreditam que as três "pessoas" são um único ser divino.

Outro fato que se encaixa com perfeição na doutrina da Trindade é que o Pai e o Filho falam entre Si, e se referem entre Si, como pessoas distintas. É falta grosseira de entendimento quando perguntam se Jesus orou a Si mesmo quando se dirigiu ao Pai. Essa pergunta pode ser embaraçosa quando é dirigida aos *monarquianistas* (que negam a Trindade e ensinam que Jesus é Deus Pai), mas os trinitaristas simplesmente respondem que Jesus o Filho orou ao Pai. O trinitarismo reconhece a distinção das três pessoas, que não devem ser confundidas entre si. O Credo de Atanásio, nesse sentido, declara que a fé trinitarista não permite "a confusão entre as Pessoas."

Finalmente, algo deve ser dito a respeito da questão da submissão do Filho ao Pai. Nenhum trinitarista duvida que enquanto Cristo esteve na Terra, vivia em submissão a Deus Pai. O Pai no céu era exaltado, enquanto o Filho era humilde; o Pai era maior do que Cristo (João 14.28). A natureza humana de Cristo não era divina em si mesma; a humanidade de Cristo foi criada e, portanto, Cristo como homem tinha de honrar o Pai como Seu Deus. Por isso, o Credo Atanasiano declara que Cristo é "igual ao Pai no tocante à sua deidade, e inferior ao Pai no tocante à sua humanidade." Não há dúvida, da perspectiva trinitarista, de que Cristo, como homem, estava em submissão ao Pai.

Parece, no entanto, que essa submissão transcende a vida histórica de Jesus na Terra. Ele foi *enviado* ao mundo pelo Pai (1 João 4.9), o que subentende nalgum sentido que Cristo estava em submissão ao Pai antes de tornar-se homem. Mas, ao tornar-se homem, tornou-se um servo de

Deus (Fp 2.8), o que dá a entender que Ele não estava naquele relacionamento (entre servo e senhor) com o Pai antes de tornar-se homem. Depois da Sua ressurreição e ascensão, Jesus continuava a referir-se ao Pai como Seu Deus (João 20.17; Ap 3.12) e a considerar Deus Pai como Seu "cabeça" (cf. 1 Co 11.3).

Os trinitaristas têm várias maneiras de explicar esses fatos, mas todos concordam entre si quanto às conclusões que seguem. *Primeira:* o Filho sempre foi distinto do Pai, e Ele sempre o será. *Segunda:* na Sua natureza humana, Cristo sempre honrou o Pai como Seu Deus. (Os trinitaristas crêem que Jesus ressuscitou dentre os mortos como um homem glorificado, e não um espírito imaterial - como as Testemunhas de Jeová ensinam). *Terceira:* mesmo antes de tornar-se homem Cristo Se dispôs a representar o Pai diante dos homens e buscava honrar ao Pai. *Quarta:* na Sua natureza divina Cristo sempre foi plenamente Deus, igual ao Pai na natureza essencial e nos atributos, e sempre o será. *Quinta:* na Sua humanidade Cristo tem um relacionamento com Deus diferente daquele que tinha antes de tornar-se homem. Sendo assim, Cristo na Sua natureza divina, é *essencialmente* igual ao Pai, embora no *relacionamento* (ou funcionalmente) subordinado ou submisso ao Pai, mormente depois de tornar-se homem.

Conforme veremos, quase todos os argumentos levantados pelas Testemunhas de Jeová contra a Trindade dependem, em maior ou menor grau, do falso conceito que têm da Trindade.

Além do entendimento?

As Testemunhas de Jeová, diante da sugestão de que não entendem a Trindade, provavelmente retorquirão que

ninguém a entende. A brochura *Deve-se Crer na Trindade?* cita vários teólogos e escritores eruditos para comprovar que até mesmo os trinitaristas reconhecem que não compreendem essa doutrina. A brochura passa, então, a tirar a conclusão de que uma doutrina que não pode ser compreendida não merece crédito.

É verdade que muitos trinitaristas - especialmente entre os católicos, mas também entre os protestantes e ortodoxos - declaram taxativamente que a Trindade não pode ser compreendida e que é, nesse sentido, um "mistério." É válido o aspecto da verdade que estão ressaltando, embora não seja bem exata a sua linguagem.

Um "mistério" na linguagem bíblica é geralmente um segredo que antes não era conhecido pelo homem, mas que agora passou a ser revelado, mais do que uma verdade que os homens não conseguem entender. Mesmo assim, esses mistérios tendem a possuir um elemento "misterioso" que não pode ser totalmente entendido pelos homens. Por exemplo: o ensino bíblico de que a igreja é o corpo de Cristo é chamado um mistério (Ef 5.32, onde "mistério" parece significar algo de difícil entendimento, bem como algo que Deus tinha de revelar a fim de nós o conhecermos).

Dizer que não se pode entender a Trindade é inexato, também, ou pelo menos passível de equívocos. Os teólogos trinitaristas não querem dar a entender que a Trindade é um absurdo ininteligível. Pelo contrário, apenas querem ressaltar que a Trindade não pode ser totalmente sondada e compreendida pela mente finita do homem. Há uma diferença entre conseguir uma compreensão basicamente correta de alguma coisa e ter uma compreensão completa, integral, total e perfeita da mesma. O modo de muitos teólogos expressarem essa diferença seria declarar que a

Trindade pode ser entendida ou "apreendida," mas não "compreendida".

Algumas das referências eruditas citadas pela brochura das Testemunhas de Jeová ressaltam esse mesmo fato. Por exemplo, a *Enciclopédia Americana*, que é citada na brochura por ter dito que a Trindade está "além do alcance do raciocínio humano," realmente faz essa declaração, mas no seguinte contexto:

> É sustentado [pelos trinitaristas] que, embora a doutrina esteja além do alcance do raciocínio humano, ela, de modo semelhante à muitas das formulações da ciência física, não contraria a razão, e pode ser apreendida (embora talvez não compreendida) pela mente humana. (2)

É, portanto, um erro argumentar, conforme as Testemunhas de Jeová freqüentemente o fazem, que a Trindade deve ser rejeitada porque não pode ser compreendida ou porque é "confusa" (*Deve-se Crer na Trindade?* págs. 4-5). Os cristãos que crêem na Trindade e que têm estudado com cuidado essa doutrina, reconhecem livremente que não conseguem compreendê-la plenamente, mas negam que é confusa. Geralmente só é considerada confusa pelos não-cristãos, ou pelos cristãos que são novos na fé ou que meramente não se deram ao trabalho de estudar a doutrina cristã. Não é, portanto, justo rejeitar a Trindade na base de "Deus não é Deus de confusão" (1 Co 14.33).

Além disso os trinitaristas não acreditam que é necessário entender com exatidão perfeita a doutrina da Trindade conforme é definida nos credos a fim de serem salvos. As testemunhas de Jeová têm razão ao indicar que na Bíblia "o povo comum" tinha fé em Jesus e sabia a verdade a respeito de Deus. Logo, se algumas pessoas

acham difícil entender a Trindade, não precisam duvidar da sua salvação.

O Credo de Atanásio declara: "Nós *adoramos* um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade"; a ênfase recai na adoração a Deus de modo harmonioso com as verdades a respeito de Deus que a doutrina da Trindade expressa, e não no domínio intelectual da própria expressão doutrinária. Devemos adorar ao Deus único e confiar nEle, e essa adoração e confiança devem honrar ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo como Deus, sem crer em três deuses, nem negar as distinções bíblicas claras entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Mas nossa salvação não depende de sermos teólogos, nem de entendermos como essas coisas podem ser assim, nem de conseguirmos discorrer com exatidão sobre essa doutrina.

O propósito das formulações teológicas cuidadosas não é levantar barreiras no caminho de quem está buscando a salvação, mas, sim, definir com clareza as verdades que fundamentam a fé cristã genuína, a fim de que ninguém seja enganado por falsas doutrinas. Os credos foram formulados somente depois de certos falsários astutos terem introduzido modos novos de explicar os relacionamentos entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, modos estes que subvertiam a fé bíblica e que impediam as pessoas de realmente conhecerem a Deus. Para deixar claro exatamente como essas negações astutas da doutrina bíblica eram erradas, era necessário que a igreja definisse de modo formal sua crença nessas coisas. Embora, portanto, não seja necessário entender a Trindade para ser salvo, nem sequer empregar a palavra Trindade, é necessário não rejeitar deliberadamente as verdades a respeito de Deus as quais a doutrina da Trindade foi formulada para exprimir.

A relevância prática da Trindade

Uma das queixas expressas pela brochura das Testemunhas de Jeová, através de citações da *New Catholic Enciclopedia* e do teólogo católico Joseph Bracken, é que a doutrina da Trindade parece impraticável e irrelevante, mesmo para muitas pessoas que crêem na Trindade (pág. 4). É verdade que em muitas igrejas hoje, a doutrina da Trindade se apresente pouco apreciada, mesmo onde seja formalmente reconhecida como verídica. Mas geralmente, essas mesmas igrejas apreciam bem pouco a relevância da Bíblia em sua vida, embora sua denominação reconheça oficialmente a Bíblia como a Palavra de Deus. Assim acontece especialmente em muitas congregações católicas romanas (mas não bem em todas elas). Logo, sua falta de apreciação da Trindade não refuta aquela doutrina, assim como sua falta de apreciação da Bíblia não refuta que a Bíblia é a Palavra de Deus.

O fato é que onde a Trindade não recebe vãos louvores da boca para fora, mas onde os fiéis, conforme diz o Credo de Atanásio, "*adoram* a um só Deus na Trindade," essa doutrina tem tremenda importância e relevância. Os trinitaristas têm a certeza de que Aquele que os salvou, Jesus Cristo, é nada menos do que o próprio Deus. Regozijam-se, ainda, em saber que é o próprio Deus, na pessoa do Espírito Santo, que habitem no seu coração. Para o cristão trinitarista Deus não é aquilo que as Testemunhas de Jeová ensinam - um ser muito distante que nos enviou um empregado para nos salvar do nosso pecado, ou que agora nos ajuda somente ao nos transmitir de uma grande distância, uma força ou energia impessoal. Pelo contrário, Deus veio à Terra pessoalmente para nos salvar, e está presente de modo direto e pessoal a cada

momento. Esse fato dá ao trinitarista, que realmente crê na sua doutrina, confiança tremenda em Deus e a garantia de que Deus está com ele e intimamente perto dele.

Aqui temos enfatizado a relevância positiva da doutrina da Trindade. Mas a questão pode ser explicada numa perspectiva diferente, embora esta seja negativa. Se a doutrina da Trindade for verdadeira *as criaturas nada contribuem para a salvação.* Jesus Cristo nosso Salvador não é uma "criatura", a não ser no fato em que se dignou a rebaixar Sua condição para compartilhar da nossa natureza humana. Ele é Deus. Sua morte, portanto, não é a mera substituição de um homem perfeito para tomar o lugar de um homem pecaminoso, mas a morte do Deus-homem, num sacrifício de valor infinito. Esse sacrifício infinito pelo pecado subentende que a morte de Cristo não é meramente uma oportunidade que é dada aos homens para se salvarem a si mesmos, mas *realmente* para salvar aqueles que confiam nEle como seu Salvador. O Espírito Santo não é uma energia impessoal de que nós, as pessoas humanas, aproveitamos para nos dar poder; pelo contrário, o Espírito Santo é Deus, e nos reveste de poder somente à medida que vivemos num relacionamento pessoal com Ele. A doutrina da Trindade, portanto, subentende que a salvação é totalmente uma obra de Deus, do começo até ao fim (Ef 1.3-14; 1 Pe 1.2), e que nós, as criaturas, não temos a capacidade de fazer coisa alguma para salvar a nós mesmos. Posto que os seres humanos gostam de pensar que contribuem com algo para sua própria salvação, a doutrina da Trindade é altamente ofensiva ao orgulho humano. Essa é outra razão por que grupos tais como as Testemunhas de Jeová, que negam a Trindade, também sempre negam ou prejudicam as doutrinas bíblicas da justificação pela fé e da salvação pela graça somente.

A crença na Trindade, portanto, realmente faz uma diferença. Não é simples palavrório sem sentido, um jogo de palavras que não afete nosso conceito de Deus ou nosso modo de viver. A veracidade ou não dessa doutrina pode ser verificada somente pelos ensinamentos da Bíblia. Se é a verdade, portanto, é uma doutrina que as pessoas que buscam uma fé que satisfaça devem regozijar-se em aceitar.

2

A Bíblia e a Trindade

Deixando a Bíblia ser a palavra definitiva

Conforme acabamos de dizer a veracidade da doutrina da Trindade deve ser decidida na base das Escrituras. Neste assunto é necessário confessar que nem todas as pessoas que crêem na Trindade sentem clareza nesta questão. Os católicos romanos, em especial, freqüentemente alegam que a Trindade não é uma doutrina bíblica e que foi revelada pela primeira vez pelo ministério da igreja, séculos depois da Bíblia ter sido escrita. Essa idéia está de acordo com a crença católica romana de que a doutrina cristã pode basear-se ou na Bíblia, ou na tradição eclesiástica (embora insistam, que, pelo menos, nenhuma doutrina pode *contradizer* a Bíblia).

Os cristãos evangélicos, por outro lado, crêem que a Bíblia é a única fonte infalível da verdade doutrinária. Nenhuma tradição, nenhuma organização religiosa e

nenhuma filosofia pode acrescentar algo ao corpo da doutrina cristã, embora qualquer uma dessas possa ajudar a explicar ou aplicar a doutrina bíblica. É essa a perspectiva adotada nesta obra.

A palavra Trindade

É verdade que a palavra *Trindade* não está na Bíblia. No entanto, nem sequer a palavra *Biblia* está na Bíblia! Essa não é uma simples resposta humorista sem substância. Nenhum versículo da Bíblia declara explicitamente que certa coletânea de livros é o único escrito inspirado que deve ser reconhecido como a Palavra de Deus. Não há na Bíblia nenhuma lista dos livros que devem constar ali - nenhum "índice" inspirado. Mas a crença de que esses livros, e *somente* eles, têm o direito de estar na Bíblia, baseia-se no ensinamento da Bíblia, conforme as próprias Testemunhas de Jeová reconhecem.

Os trinitaristas sustentam que assim acontece com muitos ensinamentos bíblicos. A palavra *auto-existente*, por exemplo, não consta na Bíblia, mas os cristãos acreditam que Deus é Auto-existente, ou seja: que Sua existência não depende de nada fora dEle mesmo. O que importa é se as idéias manifestadas por tais palavras são fiéis aos ensinamentos da Bíblia, e não se essas próprias palavras acham-se nas suas páginas.

A Trindade no Antigo Testamento

Todos os trinitaristas concordam em que as idéias a respeito de Deus que se acham na doutrina da Trindade não se acham diretamente no Antigo Testamento. Conforme nota a brochura das Testemunhas de Jeová (pág. 6),

algumas, tais como Edmund Fortman, têm ido a ponto de negar que o Antigo Testamento contém "sugestões, prefigurações, ou 'sinais velados' da trindade de pessoas." [1] Mas até mesmo Fortman, na mesma página onde consta a declaração supra, reconhece que "talvez se possa dizer que alguns desses escritos [do Antigo Testamento] no tocante à palavra, à sabedoria e ao espírito, realmente forneceram um clima dentro do qual a pluralidade dentro da deidade ficou sendo concebível aos judeus."

O fato é que o Antigo Testamento prepara o caminho para a revelação de Deus em três pessoas, sem a declarar nitidamente. A mensagem principal da revelação do Antigo Testamento a respeito de Deus é mostrar Jeová, o Deus de Israel, como o único Deus vivo e verdadeiro. Numa cultura impregnada de politeísmo, era necessário que os israelitas (que também eram idólatras incorrigíveis) tivessem enfatizado a unicidade e a singularidade de Deus, sem qualificações. Somente depois de terem total certeza quanto a isso, teriam as condições mínimas necessárias de aprender a respeito das pessoas do Filho e do Espírito -e mesmo assim a lição foi difícil para a maioria dos judeus no século I.

O Antigo Testamento realmente contém indicações de que o Messias seria Deus (Sl 45.6; Is 7.14; 9.6) e o Filho de Deus (Sl 2.7). Mas elas não foram compreendidas a não ser depois da vinda do Messias.

A Trindade no Novo Testamento

No Novo Testamento, porém, a situação é diferente. Embora o Novo Testamento não contenha uma explicação formalizada da Trindade, com o emprego de palavras tais como "Trindade," "três pessoas," "uma só substância,"

etc., as idéias expressas pela linguagem trinitarista estão decididamente presentes.

As Testemunhas de Jeová, procurando desfazer-se dessa declaração, citam várias referências eruditas (sendo algumas trinitaristas e outras antitrinitaristas) que dão a entender que a Trindade não é uma doutrina do Novo Testamento. Fortman, por exemplo, é citado assim: "Os escritores do Novo Testamento... não nos deram nenhuma doutrina formal ou formulada da Trindade, nenhum ensino explícito de que num só Deus há três pessoas divinas coiguais" (pág. 6). As palavras *formal*, *formulada* e *explícito* devem servir para indicar ao leitor cuidadoso que Fortman não está negando que a idéia da Trindade está no Novo Testamento. No contexto, é isto que Fortman realmente tem a dizer:

> Se tomarmos os escritores do Novo Testamento em conjunto, eles nos contarão que há um só Deus, o Criador e Senhor do Universo, que é o Pai de Jesus. A Jesus, chamam o Filho de Deus, Messias, Senhor, Salvador, Verbo, Sabedoria. Atribuem a Ele as funções divinas da criação, da salvação, do juízo. Às vezes eles chamam explicitamente de Deus. Não falam de maneira tão plena e clara a respeito do Espírito Santo como falam do Filho, mas às vezes eles O coordenam com o Pai e o Filho e O colocam no mesmo nível que Eles, no que diz respeito à divindade e à personalidade. Eles nos oferecem nos seus escritos uma base triádica e fórmulas triádicas. Não falam em termos abstratos a respeito da natureza, da substância, da pessoa, do relacionamento, da circunsessão, da missão, mas certamente apresentam, da sua própria maneira, as idéias que subjazem a esses termos. Não nos deram nenhuma doutrina formal ou formulada da Trindade, nenhum ensino explícito de que em um só Deus há três

pessoas divinas coiguais. Mas realmente nos oferecem um trinitarianismo elementar, os dados na base dos quais se pode formular semelhante doutrina formal do Deus Trino e Uno.(2)

A brochura das testemunhas de Jeová, na mesma página, cita *The New Encyclopaedia Britannica* (Nova Enciclopédia Britânica) assim: "Nem a palavra Trindade, nem a doutrina explícita constam no Novo Testamento." Mais uma vez a palavra explícita qualifica a declaração. No mesmo parágrafo a *Britannica* assevera que "o Novo Testamento estabelece a base para a doutrina da Trindade."(3) O mesmo padrão é achado na citação do *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*: "O N[ovo] T[estamento] não contém a produzida doutrina da Trindade. 'Não existe na Bíblia uma declaração expressa de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam de igual essência', [disse o teólogo protestante Karl Barth.]"(4) A palavra *produzida* [NT*] e *expressa*, qualifica a declaração, de modo que esta leve em conta a presença no Novo Testamento de um trinitarismo implícito, informal e ainda não desenvolvido.

A brochura cita, ainda na mesma página, E. Washburn Hopkins, assim: "Jesus e Paulo, que aparentemente, desconheciam a doutrina da Trindade; ... nada dizem a seu respeito." Esta citação omite as palavras "ou pelo menos" antes de "nada dizem a seu respeito", pois essas palavras "ou pelo menos" serviriam para qualificar um pouco a declaração de Hopkins. Mais importante do que este fato, no entanto, é que Hopkins declara, na frase imediatamente anterior: "O começo da doutrina da

*NT - a obra em português diz *desenvolvida*

Trindade aparece já em João (c. de 100)."(5) Esta declaração, portanto, deixa claro que Hopkins admitia a presença do trinitarismo pelo menos nalgumas porções do Novo Testamento.

Finalmente, o livrinho das Testemunhas de Jeová, cita "O historiador Arthur Weigall" no seu livro *O Paganismo no Nosso Cristianismo*. O próprio título deixa claro que não se trata de uma obra imparcial de erudição, mas, sim, uma obra polêmica que ataca as crenças cristãs tradicionais.

A fé trinitária dos cristãos primitivos

O que foi dito supra a respeito do trinitarismo do Novo Testamento é aplicável, de modo semelhante, ao trinitarismo da Igreja primitiva. A brochura das Testemunhas de Jeová continua citando referências eruditas fora do contexto para dar a impressão de que essas origens documentais negam que era trinitária a fé da Igreja primitiva.

Por exemplo: a *Encyclopaedia of Religion and Ethics* (Enciclopédia de Religião e Ética) é citada assim: "De início a fé cristã não era trinitarista... Não era assim na era apostólica e na pós-apostólica, como se reflete no N[ovo] T[estamento] e em outros primitivos escritos cristãos" (págs. 6-7). A primeira parte dessa citação foi truncada no meio da frase, que diz por extenso: "De início, a fé cristã não era trinitarista *na referência rigorosamente ontológica* [grifos nossos]."(6) Aqui, a questão em pauta é que, ao passo que os cristãos primitivos considerassem Deus *economicamente* trinitário, na Sua atividade no mundo e na experiência dos cristãos, não falavam explicitamente de Deus como *ontologicamente* trinitário, na Sua própria

natureza ou ser essencial. Mas isso não subentende, de modo algum, que os cristãos primitivos negassem a Trindade. O artigo referido, portanto, continua na mesma página: "Deve ser observado que não há nenhuma separação real ou antítese entre as doutrinas da Trindade econômica e a Trindade essencial, e é natural que seja assim. A Triunidade [ou a Trindade essencial, a doutrina do Deus Trino e Uno] representa o esforço para excogitar a Trindade [econômica], de modo que lhe forneceu uma base na razão."(7) Essa declaração é consistente com aquela que foi feita anteriormente neste artigo: "se a doutrina da Trindade apareceu um pouco tarde na teologia, deve ter existido bem cedo na devoção."(8)

3

A Igreja e a Trindade

Já vimos que as Testemunhas de Jeová deturpam de modo consistente as referências eruditas que citam na tentativa de comprovar que não existe na Bíblia nenhum fundamento para a doutrina da Trindade. A maioria das referências citadas declara que a Trindade tem sua base no Novo Testamento, embora as expressões formalizadas dessa doutrina tenham sido desenvolvidas posteriormente.

Antes de se voltarem para as evidências da própria Bíblia - onde se deve tomar a decisão final a respeito da questão - as Testemunhas de Jeová também argumentam (dependendo, de novo, de uma fieira de citações breves de referências eruditas) que a doutrina da Trindade teve sua origem perto do fim do século IV. Consideraremos pormenorizadamente essa alegação antes de debater o ensino bíblico sobre o assunto.

A teologia trinitária dos Pais da Igreja

A brochura das Testemunhas de Jeová cita de modo seletivo, e sem documentar suas citações, vários Pais anteniceanos (escritores cristãos que viveram antes do Concílio de Nicéia) tentando demonstrar que nenhum deles acreditava na Trindade. Esses escritores cristãos antigos são citados como se cada um deles, ao ser considerado um dos "Pais", fosse considerado completamente ortodoxo em sua teologia. Tal não é o caso. Justino, o mártir é considerado um "apologista" por ter dado respostas eficazes a alguns dos falsos conceitos populares do cristianismo no século II, mas não é considerado teólogo, e é geralmente criticado pelos teólogos cristãos por ter misturado crenças cristãs com a filosofia pagã. Clemente da Alexandria, em grau ainda maior, procurava interpretar as crenças cristãs de um modo aceitável aos filósofos pagãos, e embora seus escritos tenham sido estimados por conterem algumas introspecções legítimas da fé, não têm sido levados a sério, de modo global, depois do século IV. Orígenes foi de fato rotulado de herege por causa de algumas das suas opiniões (mas não por causa da sua doutrina da Trindade).

Sendo assim, as citações dos Pais anteniceanos devem ser tratadas com certa cautela. Em muitos casos, não refletem as crenças teológicas gerais dos cristãos comuns dos seus dias, mas as especulações, freqüentemente brilhantes, e freqüentemente errôneas, de intelectuais que procuravam levar a sério a nova fé.

Mesmo assim, de modo geral, as Testemunhas de Jeová têm deturpado esses Pais, conforme demonstrará a vista panorâmica que se segue.

Justino, o mártir

A brochura das Testemunhas de Jeová, *Deve-se Crer na Trindade?* assevera que Justino, o Mártir, "chamou o pré-humano Jesus de um anjo criado que 'não é o mesmo que Deus, que fez todas as coisas.' Ele disse que Jesus era inferior a Deus e 'nunca fez nada exceto o que o Criador... queria que Ele fizesse e dissesse'" (pág. 7).

O fato real é que Justino, o Mártir, ensinava que o Jesus pré-humano era Deus e não um anjo. Justino disse, também, que alguns se referiam a Cristo como a um anjo, mas explicou que isso era porque Cristo, que na realidade era Deus, assumiu a aparência de um anjo. Nesse sentido, Justino escreve que "o Pai do Universo tem um Filho, e Ele, sendo o primogênito Verbo de Deus, *é o próprio Deus*. E nos tempos antigos Ele apareceu na forma de fogo e na semelhança de um anjo a Moisés e aos demais profetas..." [grifos nossos].(1) Noutro trecho, Justino afirma que Cristo é "tanto Deus quanto Senhor dos Exércitos" (isto é, Jeová),(2) "Deus o Filho de Deus."(3)

Justino não somente acreditava que Cristo era Deus; acreditava também numa forma rudimentar da Trindade. Declarou, pois, que os cristãos adoravam a Deus Pai, "ao Filho (que veio da parte dEle...) e ao Espírito profético."(4) Que isso significava que Cristo e o Espírito eram igualmente Deus fica subentendido na sua declaração repetida de que "devemos adorar a Deus somente... a Deus somente prestamos culto."(5)

Resumindo: Embora Justino, o Mártir, não tenha empregado termos tais como "Trindade," e suas explicações filosóficas do relacionamento entre Cristo e Deus tenham sido algo confusas, adorava ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo, e considerava que Cristo era Deus Jeová.

Ireneu (ou Irineu)

A brochura da Torre de Vigia declara que Ireneu, um teólogo dos fins do século II, sustentava que Cristo era inferior a Deus, "não igual ao 'Um só e único Deus,' que 'é supremo sobre todos, à parte de quem não há outro'." (pág. 7). Mas no contexto, Ireneu estava contrastando "um só e único Deus" com os deuses inferiores da especulação gnóstica (a respeito da qual comentaremos mais adiante), e não negando que Cristo é Deus.

Na realidade Ireneu defendia um conceito do Pai, Filho e Espírito Santo que era implicitamente trinitarista. Dessa maneira declara que a igreja tem sua fé "em um só Deus, o Pai Onipotente, Criador do Céu, da Terra, do mar, e de tudo quanto neles existem; e em um só Cristo Jesus, o Filho de Deus, que se encarnou para a nossa salvação; e no Espírito Santo, que proclamou mediante os profetas as dispensações de Deus," e no mesmo contexto fala de "Cristo Jesus, nosso Senhor, e Deus, e Salvador, e Rei."(6) Ireneu escreve a respeito de "Cristo Jesus, o Filho de Deus: que, por causa do Seu amor incomparável à *Sua criação*, condescendeu em ser nascido da Virgem, sendo que Ele mesmo uniu em Si a humanidade com Deus... [grifos nossos]."(7) Dessa maneira, Jesus Cristo era tanto Deus quanto homem, o Criador que se tornou homem para salvar a Sua criação.

Clemente de Alexandria

Os escritos das Testemunhas de Jeová alegam que Clemente de Alexandria sustentava que Cristo era "uma criatura" e inferior a Deus (pág. 7). Na realidade, Clemente sustentava exatamente o inverso. Ensinava que Cristo é "realmente a deidade plenamente manifesta, sendo Ele feito

igual ao Senhor do Universo; porque Ele era o Seu Filho,"(8) e o mesmíssimo Deus que o Pai.(9) Clemente chamou Cristo explicitamente de "o Filho eterno,"(10) e negou que o Pai tenha existido nalgum tempo sem o Filho.(11)

Tertuliano

Tertuliano não somente acreditava na Trindade, como também formulou a terminologia básica usada nas expressões formais dessa doutrina. A palavra *Trindade*, bem como a distinção entre "um só Deus" e "três pessoas," foi desenvolvida primeiramente por Tertuliano. Escreveu explicitamente a respeito de "uma trindade de uma só divindade, Pai, Filho e Espírito Santo."(12)

O livrete das Testemunhas de Jeová cita Tertuliano dizendo: "O Pai é diferente do Filho (outra pessoa), uma vez que é maior; assim como quem gera é diferente de quem é gerado; quem envia, diferente de quem é enviado" (pág. 7). Isto é trinitarismo clássico. Tertuliano estava ressaltando que o Pai e o Filho eram pessoas distintas entre si. Conforme indicamos em nosso estudo do significado da Trindade, as Testemunhas de Jeová usualmente entendem mal a doutrina da Trindade, como se esta ensinasse que o Pai é o Filho.

A brochura também cita Tertuliano como se este dissesse: "Houve tempo em que o Filho não existia... antes de todas as coisas virem a existir, Deus estava sozinho." Na realidade, a expressão "houve tempo em que o Filho não existia" não foi usada pelo próprio Tertuliano. Pelo contrário, essa expressão foi usada por um estudioso moderno para resumir uma declaração feita por Tertuliano,(13) que argumentou que Deus sempre foi Deus, mas não sempre Pai do Filho: "Pois Ele não poderia ter sido o Pai anteriormente ao Filho.

nem o juiz, anteriormente ao pecado."(14) Posto que, noutros trechos, Tertuliano deixa claro que considera que a *pessoa* do Filho é eterna, nessa declaração Tertuliano está provavelmente asseverando que o título de "Filho" não se aplicava à segunda pessoa da Trindade até que Cristo começasse a relacionar-se com o "Pai" como "Filho" na obra de criação.(15)

A declaração "antes de todas as coisas, Deus estava sozinho," aparece numa obra inteiramente diferente de Tertuliano, na qual declara que a "Razão" de Deus era o Verbo anteriormente à sua atividade na criação, e que, portanto, que essa pessoa chamada Razão existia eternamente lado a lado com Deus: "Pois antes de todas as coisas, Deus estava sozinho... Mas mesmo então, não estava sozinho; pois tinha consigo aquilo que possuía em Si mesmo, ou seja: Sua própria Razão... Mesmo antes da criação do Universo, Deus não estava sozinho, posto que Ele tinha dentro de Si mesmo tanto a Razão quanto, inerente na Razão, Seu Verbo..."(16) Esse Verbo é o Filho, igual a Deus, mas funcionalmente em segundo lugar depois do Pai: "Assim Ele [o Pai] torna-O [o Filho] *igual a Ele*... embora eu reconheça o Filho, assevero a Sua distinção em segundo lugar depois do Pai [grifos nossos]."(17)

Tertuliano, portanto, embora sua linguagem fosse às vezes inconsistente, acreditava claramente na Trindade. Numa tentativa desesperada de negar esse fato a brochura das Testemunhas de Jeová declara:

> Contudo, isso [o emprego da palavra *trinitas* por Tertuliano] *em si não prova* que o próprio Tertuliano ensinasse a Trindade. A obra católica *Trinitas - A Theological Encyclopedia of the Holy Trinity* (Trinitas - Enciclopédia Teológica da Santíssima Trindade), por exemplo, diz que

algumas das palavras de Tertuliano foram mais tarde usadas por outros para descrever a Trindade. Daí faz o alerta: "Mas não se podem tirar conclusões apressadas a respeito do uso, pois ele não aplica essas suas palavras à teologia trinitarista." [*Deve-se Crer na Trindade?* 5-6].

Na base do argumento supra poderíamos supor que a obra católica *Trinitas* está dizendo que Tertuliano não empregava a palavra *trinitas* ["Trindade"] a respeito de Deus num contexto trinitarista. Mas isso é totalmente falso. A verdade é que a enciclopédia diz que Tertuliano não empregava a palavra *substantia* e seus derivados com referência à Trindade. Note o que a obra realmente diz:

O grande africano formulou a linguagem latina da Trindade, e muitas das suas palavras e frases tiveram seu emprego mantido permanentemente: as palavras *Trinitas* e *persona*, as fórmulas "uma só substância em três pessoas," "Deus de Deus, Luz de Luz." Emprega a palavra *substantia* 400 vezes, assim como também emprega *consubstantialis* e *consubstantivus*, mas não podemos tirar conclusões apressadas a respeito do uso, pois ele não aplica essas suas palavras à teologia trinitarista. (18)

Só nos resta concluir que o escritor ou escritores da brochura das Testemunhas de Jeová tiveram a máxima dificuldade em procurar evidências sólidas para apoiar a sua teoria de que a doutrina da Trindade foi desenvolvida quase dois séculos depois de Tertuliano.

Hipólito

A brochura da Torre de Vigia cita Hipólito, dizendo que Deus era "Um Só, sozinho" e que "trouxe à existência o que

não existia antes." Isso está em perfeita conformidade com a crença trinitariana. Mas, depois, a brochura passa a dizer que Hipólito incluiu entre as coisas que Deus trouxe à existência "o pré-humano Jesus, que foi criado" (pág. 7). Isso, não somente é falso, como também contradiz frontalmente os próprios ensinos de Hipólito, no próprio contexto em que fez essas declarações. Hipólito escreve: "Deus, subsistindo sozinho, e não tendo nada contemporâneo com Ele mesmo, resolveu criar o mundo... não havia nada contemporâneo com Deus. Além dEle nada havia; *mas Ele, enquanto existia sozinho, mesmo assim existia na pluralidade* [grifos nossos]." (19)

Essa pluralidade consiste no Pai, no Filho e no Espírito Santo, conforme Hipólito declara num parágrafo anterior:

> O homem, portanto, embora ele não queira, vê-se obrigado a reconhecer Deus o Pai Onipotente, e Cristo Jesus o Filho de Deus, que, sendo Deus, fez-se homem, e a Ele o Pai sujeitou todas as coisas, excetuando-se o próprio Pai; e o Espírito Santo; e que estes, portanto, são três. (20)

Hipólito até declara que a Escritura chama "Cristo o Todo Poderoso" e que "Cristo é Deus acima de tudo". É portanto inegável que as testemunhas de Jeová têm deturpado os Ensinos de Hipólito.

Orígenes

Orígenes, conforme já foi mencionado, acabou sendo considerado herege. Embora o motivo para esse juízo não tenha sido seu ensinamento a respeito da Trindade, a igreja sempre considerou a maneira de Orígenes explicar a Trindade muito útil em alguns aspectos, e noutros, totalmente errada.

Por um lado, Orígenes acreditava claramente nalguma forma da Trindade. Edmund J. Fortman demonstra esse fato com várias citações breves de Orígenes:

> "Nós, porém, estamos convictos de que realmente há três pessoas [*treis hypostaseis*], o Pai, o Filho e o Espírito Santo" (Jo. 2.6). Para ele, "declarações feitas no tocante ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo devem ser consideradas transcendentes de todos os tempos, de todas as eras, e de toda a eternidade" (*Princ.* 4.28), e que não existe "nada que não foi feito, a não ser a natureza do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (*Princ.* 4.35). "Além disso, nada na Trindade pode ser chamado maior ou menor" (*Princ.* 1.3.7). (23)

Por outro lado, Orígenes era pouco ortodoxo noutros aspectos dos seus ensinamentos sobre a Trindade. Tendia a considerar as três pessoas como (por assim dizer) três deuses, sem, porém, expressar-se exatamente assim, e (de modo inconsistente) sustentava que o Filho e o Espírito, embora fossem seres totalmente superiores a quaisquer criaturas, eram inferiores ao Pai. Negava, também, portanto, que adoração ou orações devessem ser dirigidas ao Filho ou ao Espírito.(24)

Resumindo: o conceito de Deus que Orígenes mantinha possuía semelhanças com o trinitarismo ortodoxo, mas também com a doutrina de Deus mantida pelas Testemunhas de Jeová. Diferentemente das Testemunhas de Jeová, Orígenes acreditava que o Filho era eterno e não criado, e decididamente considerava o Espírito como uma pessoa. Mas, de modo semelhante às Testemunhas de Jeová, consideravam que o Filho era um segundo Deus inferior, abaixo do Deus Onipotente.

Avaliando os Pais anteniceanos

O ensino dos Pais anteniceanos é geralmente trinitarista. Este fato fica implícito nos Pais do século II (Justino, o Mártir, Ireneu, Clemente de Alexandria), e se torna razoavelmente explícito nos Pais do século III (Tertuliano, Hipólito, Orígenes). Os Pais anteniceanos que exerceram maior influência sobre a linguagem trinitarista da igreja, depois de Nicéia, foram Tertuliano e Orígenes. A respeito destes dois pensadores, o juízo sumário de Gerald Bray vem bem ao caso: "A teologia de Tertuliano, a despeito dos seus lapsos, era fundamentalmente sadia, e a teologia posterior pouco mais fez do que arrumar algumas arestas na sua obra. Orígenes, por outro lado, foi completamente reescrito. Sua contribuição permanece, mas recebeu um novo contexto e um significado diferente."(25)

O ponto em que os Pais anteniceanos se afastaram do trinitarismo era principalmente em suas tentativas de *explicar* a Trindade em termos que fossem compreendidos e aceitos pelos judeus (Justino, o Mártir) e pelos pagãos (Justino, de novo, Clemente, Orígenes). Suas tendências ao subordinacionismo e ao triteísmo não harmonizavam com suas próprias declarações a respeito da fé com adoração que toda a igreja tinha no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

Teologias primitivas não-trinitárias

A fim de avaliarmos corretamente a alegação das Testemunhas de Jeová de que a doutrina da Trindade foi um desvio da fé cristã primitiva, é necessário dizer algo a respeito das heresias daqueles tempos. Tratavam-se de formas alternativas e não-trinitárias do cristianismo, que

os Pais da Igreja rejeitaram, e que forçaram a igreja a definir com mais exatidão a sua fé na Trindade.

O gnosticismo

Posto que o assunto do *gnosticismo* é muito complexo, será necessário simplificar bastante. O gnosticismo não era uma só seita ou doutrina religiosa, mas um movimento bastante amplo que assumia muitas formas, das quais algumas alegavam ser cristãs, e outras, não. A idéia essencial do gnosticismo era que o homem era um espírito divino emaranhado num mundo material corrupto, e necessitado de um "conhecimento" (*gnosis*) especial a fim de escapar deste mundo material. Os gnósticos de tendência "cristã" sustentavam que do Deus supremo tinham emanado deuses inferiores, inclusive um que criou o mundo material e nele prendeu os espíritos humanos. Sustentavam, ainda, que "o Cristo" era um ser divino bom, que trabalhava para desfazer os danos feitos pelo deus criador maligno. Esse Cristo veio temporariamente sobre o homem Jesus, e o abandonou imediatamente antes da sua morte.

As Testemunhas de Jeová não devem ter dificuldade em perceber que essa teoria era completamente falsa e antibíblica. Os Pais da Igreja do século II consideravam o gnosticismo como uma heresia, e enfatizavam nos seus escritos que o Deus supremo também era o Criador, e que não havia falta de união de idéias ou propósitos entre o Pai o Filho e o Espírito Santo.

O monarquianismo

O termo *monarquianismo* às vezes é usado como rótulo global para várias teorias que surgiram a partir do fim do

século II. Segundo essas teorias, o Deus supremo era uma só pessoa, o Pai, e se manifestara em Jesus. Uma versão desta idéia, o *modalismo*, sustentava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram três "modos" sucessivos segundo os quais o único Deus se manifestava e operava para trazer ao mundo a salvação. Outras versões sustentavam (ou pelo menos os ortodoxos diziam ou subentendiam) que o Pai foi feito carne, morreu, e ressuscitou dentre os mortos.

As Testemunhas de Jeová reconhecerão prontamente que essa opinião é antibíblica. O que talvez não reconheçam tão facilmente é que o monarquianismo não era trinitário. Os pais principais da igreja do século III consideravam, todos eles, que essas opiniões eram heréticas. Os trinitaristas reconhecem que o Filho é uma pessoa distinta do Pai, e negam que o Pai se tornou carne.

O arianismo

O *arianismo* surgiu no começo do século IV, com os ensinos de Ário de Alexandria. Ário, alegando estar seguindo nos passos do pai da igreja na Alexandria no século II, sustentava que o Filho era um segundo Deus, inferior ao Pai, e que o Espírito Santo era um terceiro Deus, inferior tanto ao Pai quanto ao Filho. Diferentemente de Orígenes, no entanto, Ário negava que o Filho e o Espírito Santo fossem eternos, e sustentava que "houve tempos quando o Filho não existia" e descrevia tanto o Filho quanto o Espírito Santo como criaturas exaltadas.

De todas as opiniões alternativas ao trinitarismo que circulavam nos três primeiros séculos depois da era apostólica, o arianismo parece mais próximo dos conceitos das testemunhas de Jeová. A diferença doutrinária principal parece ter sido que os arianos consideravam o

Espírito Santo como um ser pessoal, ao passo que as Testemunhas de Jeová ensinam que "espírito santo" é uma energia ou força impessoal emitida por Deus.

É interessante, no entanto, notar que as Testemunhas de Jeová hoje não alegam que os arianos eram seus equivalentes na antigüidade. Há bons motivos para isso, além do desacordo a respeito do Espírito Santo. Historicamente, não há dúvida de que as opiniões de Ário eram uma novidade. Ele não fazia parte de uma comunhão de crentes que se considerassem os cristãos fiéis, e aos trinitários como apóstatas. Embora Ário tenha se baseado nalgumas idéias de Orígenes, também discordava nitidamente delas, e isso de uma maneira que ninguém na igreja teria imaginado antes.

Onde estavam as Testemunhas de Jeová?

Tudo isso levanta uma pergunta interessante. Onde, durante os séculos que se seguiram depois da era no Novo Testamento, estavam os equivalentes às Testemunhas de Jeová dos nossos dias? De acordo com as Testemunhas, a igreja caiu em apostasia nalgum período depois da era apostólica, e as verdades da Bíblia foram restauradas somente em fins do século XIX e no começo do século XX, pela religião das Testemunhas de Jeová. Se for assim, seria de esperar que achássemos algum registro a respeito de um grupo religioso no século II ou III com opiniões que se assemelhassem pelo menos um pouco com aquelas das Testemunhas de Jeová. Mas assim não acontece. O paralelo mais próximo às Testemunhas de Jeová é o movimento ariano, mas este não passou a existir a não ser no século IV.

Constantino e Nicéia

A brochura das Testemunhas de Jeová contém várias asseverações falsas ou enganosas a respeito do Concílio de Nicéia e do papel que o imperador romano Constantino desempenhou nele. A brochura declara que o concílio "não estabeleceu a Trindade, pois não houve nele menção do Espírito Santo como a terceira pessoa de uma Divindade trina" (pág. 7). Embora esse concílio não definisse seu conceito do Espírito Santo, o Credo de Nicéia (que não deve ser confundido com a obra posterior, popularmente chamado o Credo Niceano) era trinitarista em sua estrutura: "Cremos em um só Deus, o Pai... e em um só Senhor Jesus Cristo... E no Espírito Santo."(26) Nada foi debatido a respeito do Espírito Santo, simplesmente porque o assunto da controvérsia era a pessoa do Filho. Sendo assim, o concílio sustentava uma teologia trinitarista sem elaborar a respeito da pessoa do Espírito Santo.

A brochura passa, então, a alegar que "Por muitos anos havia muita oposição, por motivos bíblicos, contra a emergente idéia de que Jesus era Deus" (pág. 8). Na realidade, conforme já vimos, a divindade de Jesus era a opinião da igreja a partir do século II (no mínimo), e os únicos dissidentes eram hereges que até mesmo as Testemunhas de Jeová considerariam como não-cristãos.

Em seguida, a brochura nos informa que somente "uma fração do total" do número dos bispos compareceu no Concílio de Nicéia. Posto que essa declaração pode ser interpretada no sentido de subentender que o concílio era composto de modo favorável aos trinitários, deve ser explicado que a situação era bem inversa. A maioria dos bispos provinha do Oriente, onde se achava a maioria dos

arianos: bem poucos bispos vieram do Ocidente, embora o Ocidente fosse solidamente trinitário.(27)

A brochura passa, então, a repetir a opinião convencional de que Constantino não era um cristão sincero, mas um mero pagão que usava o cristianismo visando propósitos políticos. É falsa essa opinião, conforme bem explica *The New Encyclopaedia Britannica*:

> A "teologia" pessoal de Constantino aparece com clareza específica numa série notável de cartas, que se estende desde 313 até o começo da década de 320, a respeito do cisma donatista na África do Norte... O cisma, na opinião de Constantino, era "loucura demente e fútil," inspirada pelo Diabo, o autor da iniqüidade. Os que aderem ao cisma estavam agindo em desafio à clemência de Cristo, e por isso podiam esperar a condenação à perdição no Juízo Final (Juízo este cujos rigores Constantino também sabia que teria de enfrentar). Entrementes, cabia aos membros justos da comunidade cristã demonstrar paciência e longanimidade. Ao fazerem assim, estariam imitando Cristo, e sua paciência receberia o mesmo galardão que é oferecido ao martírio... Do começo ao fim, Constantino não tinha a mínima dúvida de que remover o erro e propagar a verdadeira religião era tanto seu dever pessoal quanto um emprego apropriado da posição imperial.
>
> Esses pronunciamentos, registrados nas cartas aos oficiais imperiais e aos clérigos cristãos, deixam insustentável a opinião de que as atitudes religiosas de Constantino fossem, mesmo naqueles primeiros anos, veladas, confusas ou com meios-termos. Suas atitudes, manifestadas abertamente, revelavam um nítido compromisso com a fé.(28)

A brochura da Torre da Vigia passa, em seguida, a citar a *Encyclopaedia Britannica* (uma edição anterior) relatando que Constantino "pessoalmente propôs... o preceito crucial, que expressa a relação de Cristo para com Deus no credo instituído pelo concílio, 'de uma só substância com o Pai'." O que está omitido aqui é que Constantino fez essa proposta provavelmente mediante a sugestão do seu conselheiro teológico, Hósio, um bispo da Espanha. Além disso a idéia expressa pelo termo não era nova.

A brochura concluiu, então, que Constantino "interveio e decidiu em favor dos que diziam que Jesus era Deus." Isto é simplesmente falso. O que Constantino fez foi encorajar os bispos a alcançar um consenso tão perfeito quanto possível, e então empregou sua autoridade política para depor aqueles poucos bispos que insistiam em opor-se àquele consenso. A vasta maioria dos bispos acreditava com firmeza que Jesus é Deus; se não fosse assim, teria sido contrário ao propósito de Constantino "decidir em favor dos que diziam que Jesus era Deus."

O credo que o concílio realmente adotou, redigido por Eusébio da Cesaréia, descreveu Cristo como "Deus de Deus," mesmo antes da sugestão por Constantino da expressão "de uma só substância com o Pai." Antes desse credo ter sido redigido e aceito, outro credo, redigido por Eusébio de Nicomédia, um ariano, foi considerado. Embora a maioria dos bispos no Concílio pertencesse ao Oriente, e que houvesse mais arianos do que trinitaristas ali, o Concílio "rejeitou totalmente" o credo ariano, porque negava que Jesus era Deus.(29) Quanto ao credo trinitarista, a única parte dele com que muitos dos bispos orientais não se sentiam à vontade era a expressão "de uma só substância com o Pai." O motivo não era porque subentendia que Jesus era Deus (que a maioria deles

tomava por certo), nem porque fosse trinitarista, mas porque para eles soavam por demais como o monarquianismo.

Depois de Nicéia

Embora Constantino tenha apoiado os trinitaristas em Nicéia, esse não foi o fim da controvérsia ariana. A brochura das Testemunhas de Jeová atenua os fatos quando confessa: "Os que criam que Jesus não era igual a Deus até mesmo recuperaram temporariamente o favor." Na realidade, Constantino inverteu sua opinião em 332 d.C., sete anos depois do Concílio de Nicéia, e passou a apoiar Ário. Durante 45 anos dos 49 que se seguiram, os arianos gozavam o favor dos imperadores romanos.(30) Durante boa parte desse período, Atanásio, um dos trinitaristas principais em Nicéia, era praticamente o único líder cristão que não se dispunha a encontrar um meio-termo com os arianos, e assim surgiu o ditado *Athanasius contra mundum*: "Atanásio contra o mundo." Mas em 381 o imperador Teodósio, que acreditava na Trindade, declarou o cristianismo trinitarista a religião oficial do império, e convocou o Concílio de Constantinopla, onde foi adotado um credo ainda mais explicitamente trinitarista.

Muitas pessoas, inclusive as Testemunhas de Jeová, declaram-se escandalizadas diante do estabelecimento do trinitarismo pelo Império Romano como sua religião oficial. Isso não deixa subentendido que a doutrina da Trindade era, dalguma forma, mais pagã do que cristã, e que foi aceita pelas massas somente porque era a ordem ditada pelo imperador?

A resposta a essa pergunta é decididamente "não." No auge da controvérsia ariana, entre 325 e 381, o arianismo

era geralmente reconhecido pelos imperadores como um sistema religioso mais atraente do que o trinitarismo. O motivo disso era porque o arianismo, que ensinava que Jesus era uma criatura divina, dava a entender que uma criatura podia ser um Deus, poderia ficar altamente exaltada e conseguir a obediência incondicional dos homens. Essa idéia era atraente para os imperadores, pois seus antecessores pagãos freqüentemente exigiam a adoração dos súditos, e achavam mais fácil governar se o povo os considerasse divinos, nalgum sentido. O trinitarismo, por outro lado, sustentava que a totalidade da divindade pertencia ao Deus trino e uno, e mantinha uma distinção mais nítida entre o Criador e a criatura; assim, deixavam subentendido que o imperador era mero homem comum.(31) Que um imperador romano declarasse o cristianismo trinitário como a religião oficial do seu império era, portanto, surpreendente, e sugeria que a preocupação com a verdade pesava na balança mais do que a conveniência política.

Por mais que o triunfo do trinitarismo fosse devido ao apoio político do império, a questão da veracidade ou da falsidade da Trindade não poderia ser resolvida por sua aceitação na política. Era uma lógica bem errônea aquela que tomava como certo que qualquer crença apoiada pelos líderes políticos fosse forçosamente falsa. Os defensores principais do Trinitarismo, especialmente Atanásio, foram intérpretes cuidadosos da Bíblia, e se dedicaram de todo o coração a Jesus Cristo como seu Deus e Salvador.

Finalmente, deve ser notado que a alegação da brochura das Testemunhas de Jeová de que "mesmo após o Concílio de Constantinopla, a Trindade não se tornara um credo amplamente aceito," era falsa. Embora o arianismo não tivesse desaparecido naquela ocasião, a Trindade

desfrutava de aceitação generalizada; na realidade, tinha sido a opinião majoritária dos cristãos professos durante séculos antes. Os desenvolvimentos adicionais na teologia Trinitária foram meros ajustes pormenorizados de questões relativamente secundárias. Embora o Credo Atanasiano não fosse escrito por Atanásio, foi fiel à teologia de Atanásio e foi simplesmente uma afirmação mais explícita e uma formulação mais exata daquilo em que a igreja já acreditava.

Crenças Pagãs e a Trindade Cristã

Os antitrinitários, durante os últimos três séculos, têm sustentado em comum que a Trindade é uma doutrina adotada por empréstimo das crenças pagãs. É possível citar muitas obras eruditas, e menos eruditas, nesse sentido. A brochura das Testemunhas de Jeová cita várias obras que argumentam, ou que nalguns casos parecem subentender, que a Trindade era uma noção pagã que corrompeu a fé cristã (págs. 9, 11-12). Reproduz, ainda, ilustrações de várias "tríades" (ou grupos de três) pagãs, e as coloca lado a lado com quadros de arte cristã que retratam ou simbolizam a Trindade (págs. 2, 10).

Esse argumento envolve vários problemas. Primeiro: pelo menos algumas das referências citadas pela brochura foram deturpadas. Por exemplo, a *Encyclopaedia of Religion and Ethics* é citada nas suas descrições de alguns paralelos "trinitários" na religião do Egito e na filosofia neoplatônica. No contexto, porém, a enciclopédia está considerando noções semelhantes, sem identificar as origens ou influências da Trindade cristã. Na mesma página, essa obra declara: "Essa fé cristã na encarnação do Verbo (*logos, sermo, ratio*) no homem Cristo Jesus, com quem o

crente está unido mediante a comunhão do Espírito Santo, constitui-se na base distintiva da doutrina cristã da Trindade."(32)

Segundo: a brochura não indica uma ou duas origens da doutrina da Trindade, explicando como influenciaram o seu desenvolvimento. Ao contrário, cita uma variedade de obras, alegando que várias noções pagãs totalmente diferentes formaram um paralelo da Trindade ou que podem ter sido origens dessa doutrina. Tríades egípcias, babilônicas, assírias, hindus, e budistas, bem como o platonismo, são alegadas como influências sobre o desenvolvimento da Trindade. Mas é absurdo alegar que todas essas tenham influenciado os trinitários de modo significativo.

Terceiro: a maioria dessas alegadas "influências" era ou antiga demais, ou recente demais, ou geograficamente em demasia distante, para exercer alguma influência relevante. São reproduzidas obras de arte que retratam tríades egípcias ou babilônicas, a despeito do fato de que essas obras datavam cerca de dois mil anos antes da data em que as Testemunhas de Jeová alegavam que a Trindade teve sua origem! Outras obras de arte que retratam tríades hindus e budistas dos séculos VII e XII também foram reproduzidas, a despeito do fato de terem sido executadas séculos depois da Trindade ter se tornado a religião oficial do Império Romano!

Quarto: a brochura das Testemunhas de Jeová indica que Atanásio foi um bispo na Alexandria, no Egito, e argumenta na base desse fato que seu trinitarismo refletia a influência das tríades egípcias (pág. 11). Mas essa coincidência geográfica não é mais significante do que o fato de que o rival principal de Atanásio, Ário, também era de Alexandria!

Quinto: embora seja verdade que os povos pagãos do mundo antigo adorassem tríades de deuses, essas tríades eram sempre três deuses separados e não um só Deus. Além disso, sempre eram (ou quase sempre) meramente os três deuses no ponto mais alto da hierarquia de muitos deuses adorados nas religiões politeísticas.

Sexto: uma comparação entre o trinitarismo e as principais heresias não trinitárias dos primeiros séculos revela que elas, e não a Trindade, eram corrupções devidas à influência do paganismo, e especialmente do neoplatonismo. Por exemplo: os gnósticos "cristãos" sustentavam a idéia neoplatônica de que o espiritual era bom e o material era mau. Conseqüentemente, o Deus supremo e perfeitamente espiritual não poderia ter pessoalmente criado o mundo, e, portanto, este devia ter sido criado por alguma deidade inferior. O arianismo revela um modo semelhante de pensar ao ensinar que Deus não criara o mundo material, mas sim, deixava que o Verbo, uma deidade inferior, criasse o mundo. Os trinitários, opondo-se a essas teorias, sustentavam o ensino bíblico de que somente Deus era o Criador, que havia feito todas as coisas (Gn 1.1; Is 44.24).

O gnosticismo, o monarquianismo e o arianismo também concordavam entre si sobre o Ser Supremo, que deve ser um Ser indiferenciado, isto é, em harmonia com a idéia neoplatônica de que o Único estava completamente separado dos muitos, livre de toda a pluralidade - achavam inconcebível que Deus fosse três, em qualquer sentido que fosse. Sendo assim, os gnósticos e os arianos sustentavam que Jesus era uma deidade separada do Deus supremo, e os monarquianos sustentavam que Jesus era uma manifestação do Pai, a única pessoa divina. A despeito das suas diferenças, portanto, todas

essas heresias tomavam por certo que Deus não podia ser um, em certo sentido, e três, noutro sentido. Essa pressuposição foi herdada da filosofia pagã, não da Bíblia, que simplesmente declara que Deus é um, sem nunca negar que, noutro sentido, Deus também é três. Por outro lado, os trinitários insistiam em que a questão da unicidade e trindade de Deus tinha de ser decidida exclusivamente na base da Bíblia, sem auferir pressuposições estranhas, provenientes da filosofia grega.

Sendo assim, os fatos históricos demonstram que o trinitarismo desenvolveu suas fórmulas e credos teológicos exatos, não para batizar o paganismo como parte do cristianismo, mas para salvaguardar as verdades bíblicas da corrupção pelo paganismo.

O Que é a Apostasia?

Segundo as Testemunhas de Jeová, o desenvolvimento da teologia trinitariana enquadra-se nas predições do Novo Testamento de que viria "uma apostasia, um desvio, um abandono da adoração verdadeira até à volta de Cristo" (pág. 9); as Testemunhas de Jeová acreditam que "a volta de Cristo" aconteceu figuradamente em 1914 d.C. Argumentam que o trinitarismo cumpriu essa predição ao misturar com o cristianismo a religião e filosofia pagãs.

Conforme já vimos, os fatos históricos a respeito do desenvolvimento da doutrina da Trindade não apóiam o argumento das Testemunhas de Jeová. O trinitarismo representava o triunfo do monoteísmo bíblico e a revelação de Deus em Cristo, contra o politeísmo pagão.

Há maneiras melhores de interpretar as referências à apostasia no Novo Testamento. Entre outras coisas: algumas das referências à falsa doutrina e à apostasia que

as testemunhas de Jeová citam são provavelmente aplicáveis a heresias diferentes e a períodos diferentes da História Eclesiástica. Certamente algumas das advertências bíblicas contra a heresia foram cumpridas até certo ponto (se não completamente) muito tempo antes do século IV.

Por exemplo, um dos textos bíblicos referidos como alusão à "apostasia" advertia a respeito de pessoas que negavam que Jesus Cristo viera na carne (1 João 4.1-3). Essa advertência foi cumprida nas especulações gnósticas de que Cristo era um espírito divino que repousou sobre Jesus sem realmente tornar-se homem. Essas opiniões estavam em pleno florescimento no século II, e muitos dos antigos teólogos da igreja escreveram obras refutando-as.

Outro texto citado pela brochura das testemunhas de Jeová adverte a respeito de um "homem que é contra a lei" que se assenta no templo de Deus e alega ser Deus (2 Ts 2.3-7). Seja qual for o significado dessa profecia - e tem sido interpretada numa variedade estonteante de modos - parece não ter nada a ver com os eventos do século IV ou do desenvolvimento do trinitarismo que tenha a ver com a profecia.

Se a predição de uma apostasia refere-se a um desvio maciço da verdade por uma grande porção da igreja cristã professa, o chamado Iluminismo destaca-se como o melhor candidato até agora na História registrada. Nos séculos XVI e XVII quase a totalidade da cultura cristã professa estava experienciando uma fé renovada em Cristo e na Bíblia como a Palavra de Deus. Nos séculos XVIII e XIX, porém, essa mesma cultura abandonou, em grande medida, até mesmo uma profissão daquela fé, à medida que as teorias críticas a respeito da origem da Bíblia, negações céticas dos milagres, e a teoria da evolução

naturalística mudou a cosmovisão dominante do Ocidente, que passou de cristã para secular.

Durante esse período também, e continuando até dentro do século XX, um grande número de versões alternativas da religião cristã veio a existir. A maioria dessas religiões teve sua origem no nordeste dos Estados Unidos, e a maioria foi fundada por pessoas que tinham sido protestantes. Essas religiões incluíam o Unitarismo, o Mormonismo, o Novo Pensamento, a Ciência Cristã, a Escola União do Cristianismo, a Teosofia (que é uma das origens principais do movimento contemporâneo da Nova Era) - o Espiritismo Moderno (que é outro precursor principal do movimento da Nova Era) - e as testemunhas de Jeová.

Sem dúvida, as testemunhas de Jeová vão sentir-se ofendidas ao ser incluídas numa lista desse tipo, e há, sem dúvida, diferenças entre essas várias religiões. Mas todas elas têm em comum, além do seu lugár e período de origem, uma crença firme, herdada do Iluminismo, de que o cristianismo ortodoxo dos 15 séculos anteriores já não era aceitável. Todas elas, em particular, rejeitam a Trindade.

Quer o antitrinitarismo seja um aspecto da "apostasia," quer não, certamente não se pode negar que a rejeição da Trindade pelas testemunhas de Jeová é consistente com o espírito dos tempos. Os seguidores do humanismo, do secularismo, do liberalismo, das filosofias da Nova Era, e das seitas pseudocristãs, todos concordam entre si que já não se pode crer na Trindade. Naturalmente, este fato, em isolamento, não comprova que a Trindade é mesmo a verdade, mas pelo menos deve servir para advertir as testemunhas de Jeová de que negar a Trindade não é nenhum sinal de ser dono da verdade.

4

Vejamos quem é realmente politeísta

O restante deste livro vai ocupar-se com a matéria bíblica que diz respeito à Trindade, levando em conta os argumentos propostos pelas testemunhas de Jeová na tentativa de demonstrar que ela é antibíblica.

Começámos com o ensinamento bíblico de que existe um só Deus. As testemunhas de Jeová afirmam que o monoteísmo é o ensinamento bíblico (pág. 12), e citam vários textos bíblicos como confirmação (pág. 13). E os trinitários concordam totalmente. Há um só Deus, e esse Deus é uno. A unicidade de Deus é a primeira prancha na plataforma trinitarista. Por essa razão, concordo com o argumento na brochura que diz que a forma plural *elohim* como um nome de Deus no Antigo Testamento não pode ser evidência em favor da Trindade (págs. 13-14).

A Trindade e a unicidade de Deus

Há dois problemas, porém, que exigem atenção. Primeiro, as testemunhas de Jeová alegam que as afirmações do monoteísmo na Bíblia significam "que Deus é uma só Pessoa - um Ser ímpar, indiviso, sem igual" (pág. 13). Conforme já foi explicado, os trinitários não consideram as três pessoas como "divisões" de Deus, nem que o Filho e o Espírito são seres fora de Deus, porém iguais a Ele. Realmente, se "pessoa" for definida no sentido de um ser pessoal individual, os trinitários concordarão que naquele sentido "Deus é uma só Pessoa." Sendo assim, as testemunhas de Jeová, ao argumentarem como se essas verdades contradissessem a Trindade, demonstram que interpretaram erradamente a doutrina. Realmente, o fato de Deus ser uma "Pessoa" nesse sentido não comprova que Ele não é também três "pessoas" no sentido tencionado pelos trinitários.

Em segundo lugar, o monoteísmo bíblico não significa simplesmente que a existência do Deus Onipotente é uma única existência. Isso não deixa de ser a verdade, mas as Bíblia também ensina simplesmente que há um só Deus. A Bíblia é bem enfática nessa questão, e a repete freqüentemente no Antigo Testamento (Dt 4.35, 39; 32.39; 2 Sm 22.32; Is 37.20; 43.10; 44.6-8; 45.5, 14, 21-22; 46.9) como no Novo Testamento (Rm 3.30; 16.27; 1 Co 8.4, 6; Gl 3.20; Ef 4.6; 1 Tm 1.17; 2.5; Tg 2.19; Jd 25). E o próprio significado da palavra *monoteísmo* é a crença num só Deus.

É, portanto, importante notar que as testemunhas de Jeová negam terminantemente essa doutrina mais fundamental da Bíblia. Embora reconheçam que há um só Deus *Todo Poderoso*, alegam que há, além de Deus, e

sem contar os muitos deuses falsos adorados pelos idólatras, muitas criaturas corretamente reconhecidas na Bíblia como "deuses" no sentido de "criaturas poderosas" (pág. 28). Esses "deuses" incluem Jesus Cristo, anjos, juízes humanos, e Satanás. As testemunhas de Jeová adotam esse ponto de vista a fim de justificar sua idéia de que a Bíblia chama Jesus de "um deus" sem O honrar como Deus Jeová.

Devemos perguntar, portanto, se as testemunhas de Jeová podem escapar à acusação de ser politeístas (que crêem em muitos deuses). A resposta usual é que, ao passo que crêem que há muitos deuses, *adoram* somente ao único Deus, Jeová. Mas essa crença não é monoteísmo, tampouco. O termo usual para definir a crença de que existem muitos deuses, mas somente um que deve ser adorado, é *henoteísmo.*

A questão mais importante é, logicamente, se a Bíblia apóia a opinião das testemunhas de Jeová. As declarações explícitas e diretas da Bíblia, de que há um só Deus (citadas supra) não podem ser corretamente interpretadas no sentido de que existem muitos deuses, mas somente um que é todo-poderoso, ou somente um que deve ser adorado, ou somente um que é chamado Jeová. Realmente existe um só Deus Jeová Todo Poderoso, e que somente Ele deve ser adorado - mas a Bíblia também declara categoricamente que Ele é o único Deus.

Com mais exatidão: a Bíblia diz que há um só *Deus verdadeiro* (Jo 17.3; ver também 2 Cr 15.3; Jr 10.10; 1 Ts 1.9; 1 Jo 5.20), por contraste com todos os outros deuses, *deuses falsos*, que não são deuses de modo nenhum (Dt 32.21; 1 Sm 12.21; Sl 96.5; Is 37.19; 41.23-24, 29; Jr 2.11; 5.7; 16.20; 1 Co 8.4; 10.19-20). Há, portanto, duas categorias de "deuses": os Deuses verdadeiros, dos quais

só existe um, Jeová) e os deuses falsos (dos quais infelizmente há muitos).

As Testemunhas de Jeová, no entanto, em harmonia com a maioria dos atuais grupos antitrinitaristas que alegam crer na Bíblia, não conseguem concordar em que há somente um Deus verdadeiro, embora a Bíblia diga isso explicitamente assim, porque então, teriam de confessar que Jesus é aquele Deus. Por isso, apelam a alguns textos isolados na Bíblia que, segundo alegam, honram às criaturas com o título de *deuses* sem subentender que são deuses falsos. Passemos a considerar resumidamente esses textos.

Os anjos são deuses?

Existem dois tipos de criaturas que, segundo as testemunhas de Jeová alegam, são honradas como deuses nas Escrituras - os anjos e os homens. Começemos com os anjos. O texto usualmente citado como prova dessa alegação é o Salmo 8.5, que é traduzido na TNM assim: "Também passaste a fazê-lo [ao homem] um pouco menor que os semelhantes a Deus." A palavra aqui traduzida por "semelhantes a Deus" é *elohim*, a palavra que usualmente representa "Deus," mas (porque está no plural) também pode ser traduzida por "deuses." Posto que Hebreus 2.7 cita esse versículo assim: "Tu o fizeste um pouco menor que os *anjos*" (TNM), as testemunhas de Jeová concluem que o Salmo 8.5 está chamando os anjos de "deuses."

Há numerosas objeções a essa linha de raciocínio, mas só algumas delas poderão ser mencionadas aqui. Primeiro: é duvidoso que no contexto original, *elohim* no Salmo 8.5 deva ser entendido como uma referência aos anjos, e traduzido por "deuses" ou "os semelhantes a Deus." Isto

porque, no seu contexto, esse salmo fala do lugar do homem na criação em termos que formam um paralelo estreito com Gênesis, capítulo um. O Salmo 8.3 fala da criação dos céus, da lua e das estrelas (cf. Gn 1.1, 8, 16). O v. 4 pergunta como Deus pôde considerar o homem significante ao ser comparado com a grandeza da criação. A resposta dada é que o homem governa a criação - reina sobre os habitantes da terra, do céu, e do mar (vv. 6-8; cf. Gn 1.26-28). O que liga essa pergunta e resposta no Salmo 8 é a declaração que Deus fez o homem "um pouco menor que *elohim*," que forma um paralelo com a declaração em Gênesis de que o homem foi criado "à imagem de *elohim*," ou seja, à imagem de Deus (Gn 1.26-27). Assim fica bem razoável concluir que o Salmo 8.5, no seu próprio contexto, deve ser entendido no sentido de que o homem é um pouco inferior a Deus, e não aos anjos.

Se for correta essa opinião, por que Hebreus 2.7 tem a palavra *anjos* ao invés de *Deus?* A resposta simples é que o autor de Hebreus estava citando da Septuaginta, uma tradução grega do Antigo Testamento preparada por estudiosos judaicos e que era comumente usada no século I. O fato de ter o escritor de Hebreus citado a Septuaginta não subentende que a tradução da Septuaginta, por ele citada, era uma tradução literal, ou verbalmente exata, do texto hebraico (afinal das contas, "anjos", certamente não é uma tradução literal de "deuses"). Pelo contrário, Hebreus 2.7 é uma paráfrase do Salmo 8.5 que, embora apresente uma nova maneira de entendê-lo, não o contradiz. O Salmo 8 diz que o filho do homem (que significa a humanidade) foi feito um pouco inferior a Deus; Hebreus 2 diz que o Filho do Homem (referindo-se a Cristo) foi feito um pouco inferior aos anjos. O salmo fala da posição exaltada do homem, ao passo que Hebreus fala da humilhação temporária de

Cristo. Posto que os anjos são, obviamente, inferiores a Deus, e posto que a posição humilhada de Cristo foi a de um homem, o que Hebreus diz não contradiz o Salmo 8.5, embora realmente vá um passo além.

Deve ser reconhecido que essa não é a única maneira de entender Hebreus 2.7 e Salmo 8.5. Existe a possibilidade de Hebreus 2.7 estar dizendo implicitamente que o Salmo 8.5 está chamando os anjos de "deuses." Se for assim, não significaria que os anjos eram *realmente* deuses. Poderia ser argumentado, então, que a lição de Salmo 8.5 era que o homem foi feito só um pouco inferior às criaturas espirituais que os homens tão freqüentemente adoravam erroneamente como deuses. Esta interpretação também se encaixaria no contexto de Hebreus 2.7, posto que, desde Hebreus 1.5 até ao fim do capítulo 2, o autor argumenta em favor da superioridade do Filho sobre os anjos. Isto é: pode-se entender que Hebreus subentende que até mesmo os anjos de Deus podem ser idolatrados se forem erroneamente exaltados ou adorados como deuses o que alguns hereges antigos estavam fazendo (cf. Cl 2.18).

Além disso, essa interpretação também se encaixaria em Hebreus 1.6, que cita o Salmo 97.7 dizendo que todos os anjos de Deus devem adorar ao Filho. O Salmo 97.7 em hebraico é uma ordem aos "deuses" (identificados no contexto imediato como *ídolos*) no sentido de *adorar a Jeová*. Sendo assim, Hebreus 1.6 testifica, de uma só vez, que os anjos, se forem considerados deuses, são deuses falsos, e que Jesus Cristo é adorado pelos anjos como Jeová o Deus verdadeiro.

Há outros motivos para negar que os anjos sejam verdadeiramente deuses num sentido positivo. A Bíblia declara categoricamente que os espíritos demoníacos não são deuses (1 Co 10.20; Gl 4.8). Posto que os demônios são

espíritos e "poderosos" (embora iníquos) tanto quanto os santos anjos, segue-se que os anjos não podem ser deuses em virtude de serem "poderosos."

Além disso, a tradução de *elohim* no Salmo 8.5 como "os semelhantes a Deus" tem o problema de contradizer a Bíblia, que declara nítida e repetidamente que ninguém é semelhante a Deus (Êx 8.10; 9.14; 15.11; 2 Sm 7.22; 1 Rs 8.23; 1 Cr 17.20; Sl 86.8; Is 40.18, 25; 44.7; 46.5, 9; Jr 10.6-7; Mq 7.18), embora as criaturas possam refletir as qualidades morais de Deus (Rm 8.29; Ef 4.24; Cl 3.10; 2 Pe 1.4; 1 Jo 3.2).

Finalmente, ainda que os anjos *fossem* deuses nalgum sentido positivo, isso não explicaria em que sentido Jesus é chamado "Deus," posto que Ele não é um anjo - Ele é Filho de Deus (Hb 1.4-5); é adorado por todos os anjos (Hb 1.6); é o Deus que reina, e não um mensageiro espiritual (Hb 1.7-9); e é o Senhor que criou tudo, não um anjo criado para servir (Hb 1.10-13).

Antes de deixar esta questão, deve ser notado de passagem que Satanás é chamado "o deus deste século" (2 Co 4.4), mas claramente no sentido de um deus falso, que nesta presente era secular, tem licença de usurpar o lugar do Deus verdadeiro. A lição de 2 Coríntios 4.4 é esta, e não para declarar que Satanás é um ser poderoso.

Os homens poderosos são deuses?

As testemunhas de Jeová alegam que não somente os anjos poderosos, mas também os homens poderosos, são chamados "deuses" nas Escrituras, como forma de reconhecer seu grande poder. Essa alegação, no entanto, é passível de objeções ainda mais difíceis do que a declaração de que os anjos são deuses.

A Bíblia nega explicitamente que homens poderosos, tais como reis, ditadores e líderes militares, sejam deuses (Ez 28.2, 9; cf. Is 31.3; 2 Ts 2.4). De fato, freqüentemente nas Escrituras, "homem" e "Deus" são empregados como categorias opostas entre si, num paralelo com "carne" e "espírito" (Nm 23.19; Is 31.3; Os 11.9; Mt 19.26; Jo 10.33; At 12.22; 1 Co 14.2). Tendo em vista este fato, os textos que chamam os homens de "deuses" num sentido positivo devem ser estudados com cuidado, e interpretações alternativas seguidas quando assim permitir o contexto.

O texto usualmente citado nessa conexão, como, por exemplo, na brochura das testemunhas de Jeová, é o Salmo 82.6: "Eu disse: Sois deuses," que é citado por Jesus em João 10.34. Esse versículo tem sido comumente interpretado (por trinitários bem como por antitrinitários, mas tirando conclusões diferentes) no sentido de chamar os juízes israelitas de "deuses" em virtude do seu cargo honroso de representar Deus diante do povo no juízo. Mesmo supondo que essa interpretação seja certa, o versículo não estaria dizendo que os juízes realmente são deuses no sentido de "seres poderosos." Pelo contrário, seria uma simples declaração de que, como juízes em Israel, representavam Deus. Esse sentido *representativo* de "deuses" teria, então, de ser distinguido de um senso *qualitativo*, no qual as criaturas são chamadas "deuses" como uma descrição do tipo de seres que são.

Há, no entanto, bons motivos para pensar que os juízes israelitas foram chamados "deuses" não como honraria, mas para desmascará-los como falsos deuses. Este fato pode mais bem ser percebido por uma leitura cuidadosa do Salmo inteiro.

No Salmo 82.1, Jeová Deus está sendo referido pelo salmista na terceira pessoa: "Deus se põe em pé... Julga..."

(NASB). O salmista diz: "Deus [*elohim*] se põe em pé na assembléia de Deus [el]; Julga no meio dos deuses [*elohim*]" [TNM]. Aqui temos dois *elohim* diante de nós: Deus, e os juízes, que o salmista chama de "deuses."

Nos vv. 2-5 Deus pronuncia o Seu juízo contra os juízes israelitas. São injustos, mostram parcialidade aos iníquos, deixam que os iníquos abusem dos pobres e indefesos, e com seu julgamento injusto estão destruindo os alicerces da vida na Terra.

Lemos, então, no v. 6: "Eu disse: Sois deuses..." Esta é uma referência ao v. 1, onde o salmista chama os juízes de "deuses": "Julga no meio dos deuses" [TNM]. As linhas que se seguem deixam claro que, embora o salmista tenha se referido aos juízes iníquos como "deuses," não eram realmente deuses de modo nenhum, e comprovaram que não estavam à altura de ser "deuses." Este fato é deixado claro de duas maneiras.

Primeiro: a segunda linha do v. 6 acrescenta: "E todos vós sois filhos do Altíssimo" [TNM]. O que pode significar isso? A expressão semelhante "filhos de Deus" é empregada no Antigo Testamento somente a respeito dos anjos (Gn 6.2, 4; Jó 1.6; 2.1), a não ser que interpretemos Gênesis 6.1-4 como uma referência a uma linhagem piedosa de homens. Os juízes israelitas não eram nem anjos, nem homens piedosos. Oséias 1.10 fala profeticamente dos gentios que se tornarão "filhos do Deus vivo," mas esse texto refere-se aos gentios que se tornarão cristãos e, portanto, filhos adotados por Deus (Rm 9.26). Os juízes não eram cristãos, tampouco. A explicação mais fácil (e talvez a única) é que são chamados "filhos do Altíssimo" com ironia. Isto é, o salmista os chama "filhos do Altíssimo" não porque realmente o eram, mas porque assim se consideravam, e ele queria desmascarar aquela atitude

ridícula deles (ver um emprego semelhante de ironia pelo apóstolo Paulo em 1 Co 4.8). Sendo correta essa interpretação, fica subentendido que também com ironia foram chamados "deuses." Sendo assim, o pensamento em pauta seria que esses juízes humanos consideravam-se deuses, seres imortais com o poder da vida e da morte.

As linhas seguintes, no Salmo 82.7, confirmam essa interpretação: os juízes são relembrados que são homens comuns que morrerão. A implicação clara é que embora parecessem dominar sobre a vida e a morte dos seus concidadãos israelitas, não eram mais deuses do que qualquer outra pessoa, porque assim como os mais grandiosos entre os homens morreriam.

Depois, no v. 8, o salmista dirige-se a Deus na segunda pessoa: "Levanta-te, ó Deus, julga a terra!..." Noutras palavras: os juízes comprovaram ser falsos deuses; que venha, agora, o Deus verdadeiro e julgue o mundo com justiça.

Essa maneira de interpretar o Salmo 82 não entra em conflito com o argumento de Cristo, em João 10.34-36. "Se ele chamou 'deuses' aos contra quem se dirigia a palavra de Deus..." (João 10.35 TNM), nada no texto exige que os "deuses" sejam outra coisa senão deuses falsos. O argumento de Jesus pode ser parafraseado e expandido da seguinte maneira:

> Não está escrito na Lei que vocês dizem ser de vocês: "Eu disse: 'Sois deuses'"? O salmista, que vocês consideram um dos seus, e vocês mesmos como sucessores dignos dele, chamaram aqueles juízes iníquos, contra os quais a palavra de Deus veio, em condenação, "deuses." E a Escritura não pode ser anulada: forçosamente tem algum cumprimento. Portanto, esses juízes imprestáveis devem ter sido chamados "deuses" por algum motivo, a fim de ser

> ressaltado algum juiz humano digno, que é corretamente chamado Deus. Ora, o Pai tem dado testemunho da minha vocação santa, e me enviou ao mundo para cumprir todos os Seus propósitos. Sendo assim, como podem vocês, que alegam ser seguidores da tradição do salmista, ter a mínima possibilidade de serem justificados ao rejeitarem o cumprimento das suas palavras, e ao me acusarem de blasfêmia porque me chamo o Filho de Deus? Como vocês poderão escapar de ser classificados juntamente com aqueles juízes iníquos que julgaram com injustiça, quando vocês me julgam com injustiça?

Segundo essa interpretação, Jesus está dizendo que aquilo de que os juízes israelitas foram chamados com ironia e condenação, Ele o é na realidade e na santidade; Ele *faz* o que eles não poderiam fazer, e Ele *é* o que eles não poderiam ser. Esse tipo de cumprimento positivo em Cristo contrastado com uma falha humana registrada no Antigo Testamento, ocorre noutras partes do Novo Testamento, notadamente no contraste com o pecador Adão e o Cristo justo (Rm 5.12-21; 1 Co 15.21-22, 45).

Resumindo: os juízes chamados "deuses" no Salmo 82 não poderiam realmente ter sido deuses, pois a Bíblia nega que homens poderosos ou autoritarios sejam deuses. Se fossem chamados "deuses" num sentido positivo, seria rigorosamente uma expressão figurada pelo fato de representarem Deus ao julgarem o Seu povo. Mas é mais provável que tenham sido chamados "deuses" com ironia, para desmascará-los como juízes iníquos que estavam completamente inadequados para a tarefa de exercer o julgamento divino. Seja como for que interpretemos o Salmo 82, portanto, não existe nenhum fundamento para ensinar que existam criaturas que podiam ser descritas qualitativamente como deuses.

Concluímos, portanto, que as declarações bíblicas de que existe um só Deus não são contrariadas ou modificadas nem um pouco pelos "textos de prova" citados pelas testemunhas de Jeová no sentido de comprovar que as criaturas possam ser honradas como deuses. Há um só Criador, e tudo o mais é criado; há um só Eterno, e todo o resto é temporal; um só Senhor Soberano, e todos os demais são servos indignos; um só Deus, e todos os demais são adoradores. Qualquer outro ensino é um repúdio ao monoteísmo bíblico.

5

Jesus é criatura?

As testemunhas de Jeová negam que Jesus é o Criador, e argumentam em *Deve-se Crer na Trindade?* que "a Bíblia diz claramente que na sua existência pré-humana, Jesus era um ser espiritual criado, do mesmo modo como os anjos são seres espirituais criados por Deus" (pág. 14). Para apoiar essa alegação, a brochura cita Provérbios 8.22; Colossenses 1.15; e Apocalipse 3.14. Os arianos, querendo ensinar a mesma coisa, citavam esses mesmos textos, especialmente Provérbios 8.22. Consideraremos cada um desses textos por sua vez, e então indicaremos algumas das evidências bíblicas que levam a Jesus ser considerado o Criador e não uma criatura.

Jesus é uma sabedoria criada?

Provérbios 8.22 [TNM], onde a Sabedoria está falando; começa assim: "O próprio Jeová me produziu como

princípio do seu caminho..." As testemunhas alegam que aqui, no tocante à Sabedoria, "a maioria dos peritos concorda que se trata realmente de uma figura de linguagem que se refere a Jesus e sua condição de criatura espiritual anterior à sua existência como humano," e concluem que o Jesus pré-humano foi criado (pág. 14). Há vários motivos por que essa interpretação deve ser rejeitada.

Em primeiro lugar, a palavra que as testemunhas de Jeová traduzem por "produziu," e que algumas versões até mesmo traduziram por "criou," é *qanah* em hebraico. Essa palavra é empregada freqüentemente em Provérbios, nunca com o significado de "criar," mas sempre de "adquirir" ou "comprar," ou seja: adquirir com dinheiro (Pv 1.5; 4.5, 7; 8.22; 15.32; 16.16; 17.16; 18.15; 19.8; 20.14; 23.23). Esse também é o seu significado consistente em cerca de 70 outras ocasiões em que a palavra é empregada no restante do Antigo Testamento.

Em segundo lugar, a "sabedoria" é personificada, não somente em Provérbios 8.22-31, mas na totalidade de Provérbios caps. 1-9. Nada em Provérbios 8.22-31 sugere que essa é uma "sabedoria" diferente daquela que é aludida nos capítulos anteriores e posterior. Se, portanto, entendermos que 8.22 fala literalmente a respeito de Cristo, devemos também tomar por certo que Cristo é uma mulher que grita na rua (1.20-21), e que mora com alguém chamado "Prudência" (8.12) numa casa de sete colunas (9.1)!

Em terceiro lugar, o texto pode ser lido com toda a naturalidade como um modo poético de dizer que a Sabedoria preexistia eternamente com Jeová. Nos capítulos anteriores, Salomão tinha conclamado seu filho a "adquirir" (*qanah*) sabedoria (Pv 4.5, 7), e esse desafio é continuado nos capítulos posteriores (16.16; 17.16; 19.8). Em

Provérbios 3.19-20, Salomão declara resumidamente que Deus exerceu sabedoria na Sua obra de criação. Em todas as partes de Provérbios capítulos 8 e 9, a sabedoria é personificada como uma mulher que convoca os habitantes da cidade a aceitarem dela instrução (cap. 8) e a ir comer à sua mesa na sua casa (cap. 9).

No meio desse trecho altamente poético de Provérbios, surge um (8.22-31) que fala a respeito de Deus adquirindo (*qanah* de novo) sabedoria antes das suas obras, e de ter Ele criado o mundo através da sabedoria - obviamente um paralelo com o significado de 3.19-20, e que deve, com igual clareza, ser entendido como uma personificação de um dos próprios atributos de Deus: a sabedoria. Portanto, o sentido é que Salomão, depois de conclamar seu filho a "adquirir" a sabedoria, responde à pergunta da criança: "Quando Deus obteve a sabedoria?" dizendo, como efeito: "Deus 'adquiriu' a sabedoria na eternidade," ou seja: Deus sempre teve sabedoria. Por isso, 8.23 diz: "Desde a eternidade foi estabelecida..."; note que a frase *desde a eternidade* é a mesma que é aplicada a Deus no Salmo 90.2, onde as Testemunhas de Jeová reconhecem que Deus está sendo descrito como Aquele que não teve princípio.

Conforme Derek Kidner expressou o caso tão bem no seu comentário sobre Provérbios: "... esta passagem faz sentido excelente ao nível da metáfora: i.é, como modo poderoso de dizer que, se nós nada podemos fazer sem a sabedoria, o próprio Deus não criou nada, nem agiu, sem ela. A sabedoria através da qual se faz o uso devido do mundo, não é outra senão aquela sabedoria através da qual ela existe." (1)

É improvável, no entanto, que Provérbios 8.22-31 deva ser entendido como uma descrição de Cristo, embora

algumas coisas ditas ali a respeito da sabedoria possam ser cumpridas num sentido em Cristo, assim como 2 Samuel 7.14 estava realmente falando a respeito de Salomão, embora no sentido profético tivesse um cumprimento maior em Cristo (Hb 1.5b). Mesmo supondo, portanto, que Provérbios fosse uma descrição de Cristo, seria um erro tão grande argumentar na base de Provérbios 8.22 que Cristo foi criado, como argumentar na base de 2 Samuel 7.14 que Cristo seria um pecador! Na realidade, seria um erro mais grave, pois Provérbios 8.22, cuidadosamente interpretado, não está mesmo asseverando uma origem criada da sabedoria, conforme temos demonstrado. Mesmo se aquilo que é dito a respeito da sabedoria em Pv 8.22-31, seja aplicado de algum modo a Cristo, seria uma afirmação poética de Ele sempre existir, e não uma prova de que Ele foi criado.

"O Primogênito de toda a criação"

Em Colossenses 1.15 Cristo é chamado "o primogênito de toda a criação." Essa expressão é citada na brochura da Torre de Vigia sem nenhum comentário explanatório, tomando por certo, sem dúvida, que será entendido no sentido de Cristo ser uma criatura. Numa outra publicação da Torre de Vigia, *Raciocínios à Base das Escrituras*, três argumentos são apresentados em favor de interpretar Colossenses 1.15 dessa maneira.

Primeiro: as testemunhas de Jeová notam que a interpretação trinitária usual entende que "o primogênito de toda a criação" *significa que* Cristo é "o mais distinto em relação aos que foram criados," e perguntam por que, então, esse título não foi aplicado ao Pai e ao Espírito Santo. (2) Mas esse é simplesmente um argumento na

base do silêncio, ou seja, raciocinar que porque alguma coisa não é dita, não é a verdade. Argumentos assim são notavelmente indignos de confiança. Por exemplo, porque Mateus 28.1 menciona somente duas mulheres que visitaram o túmulo de Jesus, devemos concluir que *somente* duas mulheres foram? Não, porque Lucas 24.10 deixa claro que pelo menos cinco mulheres visitaram o túmulo. A Bíblia nunca diz explicitamente (nem sequer na TNM) que Deus Pai é Jeová. Mas é claro que Ele é Jeová, porque ela mesma diz que o Pai é o único Deus verdadeiro (Jo 17.3), e o Antigo Testamento nos informa que Jeová é o único Deus verdadeiro (p.e. Jr 10.10).

Além disso, há uma boa razão por que "o primogênito de toda a criação" nunca é aplicado ao Pai ou ao Espírito Santo. As testemunhas de Jeová reconhecem uma verdade quando dizem que a idéia de filiação não pode ser eliminada da palavra *primogênito*. Mas deturparam o modo de os trinitários entenderem aquela palavra. Os trinitaristas acreditam que a palavra não significa meramente algo vago como "o mais distinto," mas, pelo contrário, significa o *herdeiro*, aquele que tem o direito de herdar tudo do seu pai. Cristo, como o Filho de Deus, é o "herdeiro" do Pai porque tudo quanto é do Pai também é do Filho. É claro que essa é uma figura de linguagem, e não deve ser forçada a ser literal demais (Deus Pai nunca vai morrer e "deixar sua herança" ao Filho!) A questão em pauta é simplesmente que, assim como dizemos que o primogênito de um homem é usualmente o herdeiro de todas as suas propriedades, assim Colossenses 1.15 chama Cristo "primogênito [herdeiro] de toda a criação."

Em segundo lugar, as testemunhas de Jeová ressaltam que as expressões paralelas: "primogênito de Faraó," "primogênito de Israel," etc., sempre são usadas no sentido

da primeira pessoa a nascer naquele grupo, de modo que "o primogênito de toda a criação" deve significar a primeira pessoa a ser criada. Com mais exatidão, porém, o que essas expressões significam é o primeiro filho da pessoa mencionada - de modo que o primogênito de Faraó é o primeiro filho de Faraó; o primogênito de Israel é o primeiro filho de Israel; e assim por diante. Se a expressão "o primogênito de toda a criação" for considerada paralela com essas frases, significaria, então, o primeiro filho de toda a criação. Isto, porém, seria exatamente o inverso de tudo quanto o texto realmente diz: que toda a criação veio a existir através de Cristo (Cl 1.16). A criação não produziu Cristo; foi Cristo quem produziu a criação! Posto, portanto, que o significado de "primeiro filho de" não se encaixa no contexto, deve ficar subentendido o significado de "herdeiro." Somente essa interpretação dá sentido ao texto, que significa, então, que Cristo é o herdeiro da criação porque todas as coisas foram criadas por meio dEle e para Ele.

Uma ilustração talvez ajude a esclarecer o que está em jogo aqui. Se lermos a frase "o herdeiro de João Rocha," não teríamos problemas em compreender que aquele que foi chamado herdeiro também foi (provavelmente) um filho de João Rocha. Se, no entanto, a mesma pessoa fosse chamada "herdeiro das propriedades Rocha," reconheceríamos imediatamente que quem era chamado herdeiro não era nem parte das propriedades nem filho das propriedades! Nem ficaríamos confusos se lêssemos "o herdeiro da família Rocha"; embora esta expressão fosse incomum, entenderíamos que o herdeiro era um membro da família Rocha. Deve ficar óbvia a lição desse paralelo. "Toda a criação" não pode ser entendida no sentido de ser pai de Jesus Cristo. Nem pode ser conside-

rada a "família" da qual Ele faz parte, nem sequer dentro das opiniões das testemunhas de Jeová, pois então Deus teria de ser incluído naquela "família" chamada "toda a criação." Sobra, então, somente a possibilidade de que "toda a criação" é a propriedade que Cristo "herda" em virtude de ser o Filho de Deus, Aquele para quem foi feita toda a criação (v. 16).

Finalmente, as testemunhas de Jeová traduzem a frase "todas as coisas" em Colossenses 1.16-20 como "todas as [outras] coisas, quatro vezes, a fim de deixar subentendido que Cristo é uma das coisas criadas. Justificam esse acréscimo ao apelar a textos tais como Lucas 13.2, onde "outros" está claramente subentendido. Esse argumento olvida dois fatos chaves. Primeiro, o termo traduzido por "todas" em Colossenses 1.16-20 não é meramente a palavra geral para "tudo," *pas*, mas *ta panta*, uma forma neutra do plural que é empregada no sentido de "a inteireza" ou "a totalidade," e que, quando é empregada a respeito da criação, significa "o universo," todas as coisas criadas, sem exceção (cf., por exemplo, Ef 1.10-11 TNM). Em segundo lugar, o acréscimo também altera o significado do texto, ao invés de tornar explícito ou que já é óbvio, conforme é o caso em Lucas 13.2. Isto é: a palavra *outros* pode ser omitida de um texto tal como Lucas 13.2 sem alterar o significado óbvio; mas o significado de Colossenses 1.16-20 fica muito alterado com o acréscimo da palavra *outras*.

Concluindo: Colossenses 1.15 certamente não pode ser usado para *comprovar* que Cristo foi criado. A interpretação "herdeiro de toda a criação" faz sentido no contexto e entende "primogênito" num sentido figurado legítimo. A maneira das Testemunhas de Jeová interpretarem o texto exige que acrescentem "outras" quatro vezes aos versículos que se seguem, para forçar o texto a concordar com a

opinião deles, e mesmo assim não oferece um significado razoável para a expressão "o primogênito de toda a criação." Sendo assim, esse trecho serve mais como um poderoso texto de prova de que Cristo é o Criador. (3)

O princípio da criação de Deus

Apocalipse 3.14 chama Cristo "o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus." O emprego da palavra *princípio* como descrição de Cristo indica, segundo dizem as testemunhas de Jeová, que Ele foi criado. Se considerarmos a gama de significados possíveis da palavra grega *archê* que aqui é traduzida por "princípio," deve ser reconhecido que a palavra pode ter esse significado. Não é, no entanto, o único significado, nem sequer um significado provável.

O argumento principal apresentado na brochura das testemunhas de Jeová para interpretar "o princípio da criação" no sentido de "primeira criação" é que João (o autor do Livro do Apocalipse) sempre emprega *archê* com "o significado comum de 'princípio'" (pág. 14). Se, porém, for para entender "primeira coisa" com a palavra "princípio," essa declaração é falsa. Na realidade, tem esse significado uma só vez nos escritos de João (João 2.11). Em todo o resto do Evangelho segundo João e nas suas epístolas, sempre se refere a um ponto inicial *no tempo* (João 1.1, 2; 6.64; 8.25, 44; 15.27; 16.4; 1 João 1.1; 2.7, 13, 14, 24; 3.8, 11; 2 João 5, 6) e não à primeira coisa numa série. No livro do Apocalipse, na realidade, *archê* é empregada só mais três vezes, e sempre no tocante a Deus como "o princípio e o fim" (Ap 1.8; 21.6; 22.13). Mas as testemunhas de Jeová negarão, com toda a razão, que Deus é um primeiro objeto numa série doutros objetos.

Sendo assim, é pelo menos possível, ou até mesmo provável, que Apocalipse 3.14 não empregue "princípio" no sentido de "primeira coisa." Devemos, portanto, considerar duas interpretações alternativas, sendo que ambas são consistentes com a Trindade.

Primeiro, é possível que em Apocalipse 3.14 *archê* signifique "soberano" ou "primeira autoridade" sobre a criação. O argumento em favor dessa opinião é simples. Parece que em todos os demais lugares no Novo Testamento em que *archê* é usada no tocante a uma pessoa, quase sempre se refere a um soberano dalgum tipo. (As únicas exceções são os três empregos no Apocalipse da expressão "o princípio e o fim" como título de Deus.) Em especial, a forma plural *archai* ocorre freqüentemente no Novo Testamento e é usualmente traduzida por "principados" ou palavras semelhantes (Lc 12.11; Rm 8.38; Ef 3.10; 6.12; Cl 1.16; 2.15; Tt 3.1). Duas vezes é usada no singular no sentido de "governo" ou "domínio" (Lc 20.20; Jd 6). Três vezes ocorre na expressão "todo governo" ou "todo soberano" (1 Co 15.24; Ef 1.21; Cl 2.10).

Além disso, em Colossenses 1.18, o único outro lugar no Novo Testamento onde Cristo é chamado *archê*, e onde a palavra é usualmente traduzida por "princípio," o significado de "soberano" é praticamente certo. Isto porque o plural *archai* ocorre três vezes naquele contexto (1.16; 2.10, 15) com o significado de "soberanos," e porque em Colossenses 1.18 ("o *archê*, o primogênito de entre os mortos") forma um paralelo claro com Apocalipse 1.5 ("o primogênito dentre os mortos e o *archôn* soberano dos reis da terra.")

Essa linha de raciocínio possui muitos méritos, e é possível que "soberano" seja o significado correto de *archê* em Apocalipse 3.14. Mas também é possível (embora não

seja certo) que *archê* signifique "origem" ou "primeira causa."

A palavra grega *archê* podia, no grego do século I, ter o significado de "primeira causa" ou "origem" ou "fonte," quando é empregada com relação ao universo ou à criação. Embora esse uso da palavra não pareça ser encontradiço claramente noutras partes do Novo Testamento, no livro do Apocalipse *archê* parece estar sendo empregada nesse sentido em todas as três outras ocorrências da palavra naquele livro. Nesses três versículos, Deus é chamado "o princípio e o fim" (1.8; 21.6; 22.13). A melhor interpretação dessa expressão parece ser a de que Deus é o iniciador e o consumador da criação - que Ele é a sua causa original e seu alvo final. É, portanto, razoável supor que esse mesmo uso ocorre em 3.14.

Respondendo a essa linha de raciocínio, pode-se dizer que o fato de Jesus não ser aqui chamado "o fim", além de ser chamado "o princípio", sugere que a palavra está sendo usada com uma nuança diferente. Essa observação não refuta a interpretação da "primeira causa", mas certamente indica que essa não é a única interpretação possível.

Resumindo: *archê* em Apocalipse 3.14 pode significar ou "soberano" ou "primeira causa." O significado de "primeira coisa criada" é a interpretação menos provável, levando-se em consideração o contexto e o uso de *archê* no Novo Testamento com referência às pessoas. Certamente não é possível usar Apocalipse 3.14 para *comprovar* que Cristo foi criado.

Jesus como Criador

Por enquanto, olhamos os três textos de prova principais usados pelas testemunhas de Jeová (e por muitos outros

antitrinitários) a fim de comprovar que Cristo é uma criatura. Já vimos que certamente nenhum desses textos diz isso com clareza, e que todos os três são mais bem interpretados no sentido de ensinar que Cristo é o Criador eterno. Logo, se a Bíblia oferece noutros lugares um testemunho nítido a Cristo como o Criador, podemos concluir com segurança que esses textos de prova concordam com aquele ensinamento.

É bastante fácil demonstrar que a Bíblia ensina claramente que Cristo criou todas as coisas. "Todas as coisas vieram à existência por intermédio dele, e à parte dele nem mesmo uma só coisa veio à existência" (João 1.3). Se *todas as coisas* que "vieram a existir" dependeram de Cristo para sua existência, Ele mesmo não pode ter "vindo a existir." Já mencionamos Colossenses 1.16, que declara que "nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele" (ver também *Kingdom Interlinear Translation* [KIT] "Tradução Interlinear do Reino", publicada pela Torre de Vigia). Se todas as coisas que foram criadas, o foram nEle, por meio dEle, e para Ele, segue-se que Ele mesmo não foi criado. Hebreus 1.2 diz: "através de quem [o Filho] ele [Deus] fez as eras" (KIT). Isso deixa subentendido que o Filho transcende as eras.

As Testemunhas de Jeová procuram inverter essas evidências, dizendo que todos esses textos dizem que Deus criou o mundo *através* de Cristo, e concluem daí que Cristo era "por assim dizer, um sócio subordinado" a Deus (pág. 7), na obra da criação. Notam que 1 Coríntios 8.6 diz que a criação veio *do* Pai, mas *por* Cristo.

Existem pelo menos duas razões por que essa objeção não pode ser válida. Primeiro, o Novo Testamento também

declara que o mundo veio *por intermédio de* ou *através* de Deus (Rm 11.36), especificamente por intermédio do Pai (Hb 2.10 TNM). (A mesma palavra grega traduzida por "através de" ou "por intermédio de" [*dia*] ou sua forma contraída [*di'*] aparece em todos esses versículos. Isso significa que "através de" não subentende um papel inferior ou secundário na criação (que é o que as testemunhas de Jeová alegam). Esse fato parece embaraçar tanto as testemunhas de Jeová que traduziram *di'* como "por" em vez de "através de" ou "mediante" em Romanos 11.36 - "Porque todas as coisas são dele, e por [*di'*] ele, e para [*eis*] ele." (TNM). É também digno de nota que Romanos 11.36 diz que todas as coisas são "para" (*eis*) Deus, ao passo que Colossenses 1.16 diz que todas as coisas são "para" (*eis*) Cristo.

Em segundo lugar, a Bíblia ensina que Deus criou o mundo sozinho. "Eu, Jeová, faço tudo, estendendo os céus por mim mesmo, estirando a terra. Quem estava comigo?" (Is 44.24, TNM). Fica claro que a pergunta retórica "Quem estava comigo?" convida a resposta: "Ninguém." Logo, é bem impossível do ponto de vista bíblico sustentar que Deus criou Cristo e então criou tudo o mais através dEle. A idéia de que o Deus supremo precisava de um "sócio inferior" para fazer o serviço sujo de criar o mundo é pagã, e não bíblica, conforme vimos em nosso estudo da história da teologia trinitária no capítulo 4.

6

A Bíblia nega que Jesus é Deus?

Por enquanto, em nosso exame dos ensinamentos bíblicos relevantes à Trindade, temos visto que há um só Deus verdadeiro, sendo que os demais chamados deuses são deuses falsos; e que Jesus é o Criador, e não uma criatura.

As testemunhas de Jeová alegam, no entanto, que outras linhas de evidência das Escrituras excluem a possibilidade de Jesus ser Deus. Neste capítulo, consideraremos alguns desses argumentos.

Jesus distinto de Deus

O tipo mais fundamental de argumento empregado pelas testemunhas de Jeová para mostrar que Jesus não

pode ser Deus é este: Existem vários textos bíblicos que fazem uma distinção entre Jesus e Deus, e que os tratam como indivíduos diferentes. Alguns desses textos simplesmente fazem uma distinção entre Jesus e o Pai (João 8.17-18). Esses textos não apresentam nenhuma dificuldade para a posição trinitarista, posto que a doutrina da Trindade também distingue entre o Pai e o Filho como duas "pessoas."

Existem, ainda, os textos bíblicos que falam do Pai como o Deus de Jesus Cristo (p.e. João 20.17; 1 Co 11.3). A brochura da Torre de Vigia argumenta: "Visto que Jesus *tinha* um Deus, seu Pai, ele não podia ao mesmo tempo *ser* esse Deus" (pág. 17). Mas também, os trinitáristas não sustentam que Jesus é Seu próprio Pai. Sustentam que Jesus, porque se tornou homem, foi colocado numa posição na qual tinha que honrar o Pai como Seu Deus. Ao mesmo tempo, os trinitários podem ressaltar alguns aspectos do ensino da Bíblia que demonstram que as testemunhas de Jeová não compreenderam as implicações do fato de o Pai ser o Deus de Cristo.

Primeiro: Jesus deixou claro que o Pai era o Seu Deus de maneira bem exclusiva, por comparação com a maneira de o Pai ser nosso Deus. Em João 20.17, portanto, Jesus declarou: "Eu ascendo para junto de meu Pai e VOSSO Pai, e para meu Deus e VOSSO Deus" [TNM]. Na realidade, Jesus nunca se referiu ao Pai como "nosso Pai," não se incluía juntamente com os Seus discípulos. (Em Mateus 6.9 Jesus disse aos discípulos que *eles* deviam orar: "Pai nosso..." mas não se incluía Ele mesmo naquela oração). Jesus tomava o cuidado de distinguir entre os dois relacionamentos, porque Ele era o Filho de Deus *por natureza*, ao passo que os cristãos são "filhos" de Deus *por adoção*. Semelhantemente, o Pai era Deus de Jesus porque Jesus

se humilhou para tornar-se homem (Fp 2.7), ao passo que o Pai é nosso Deus porque somos criaturas por natureza.

Em segundo lugar, no contexto imediato de João 20.17 fica claro que, qualquer que fosse o relacionamento de Jesus com o Pai, o relacionamento que nós, como discípulos, temos com Jesus é que Ele é nosso "Senhor" e nosso "Deus" (João 20.28). (Teremos mais para dizer a respeito de João 20.28 no capítulo 7).

Além disso, há textos que simplesmente se referem a "Deus" lado a lado com Cristo, de tal maneira que fazem distinção entre Eles. Por exemplo: 1 Timóteo 5.21 fala em "Deus e Cristo Jesus," e 1 Coríntios 8.6 distingue entre "um só Deus, o Pai," e "um só Senhor, Jesus Cristo." Os trinitários, no entanto, têm uma resposta simples: Esses textos referem-se ao Pai como "Deus", não porque Jesus Cristo é menos que Deus, mas simplesmente porque o título *Deus* era normalmente usado para o Pai.

Poderá ajudar uma analogia, se não for forçada além da lição que procura ilustrar. Referindo-se ao casal presidencial dos E.U.A. George e Bárbara Bush, um jornal pode noticiar: "Bush apareceu com Bárbara," não quer subentender que somente George tem o sobrenome de Bush, ou que o sobrenome de Bárbara não é Bush; a linguagem jornalística é simplesmente determinada pelo fato de que é George que é usualmente referido como "Bush." Ora, essa analogia tem um problema, posto que George e Bárbara são dois Bush separados, ao passo que o Pai e o Filho não são dois deuses. Mas essa diferença é *exatamente o que esperaríamos* ao comparar o Deus infinito com seres humanos infinitos.

Podemos comprovar que esses textos não significam que Jesus não é Deus, mediante o estudo dos próprios textos. Conforme dissemos: 1 Coríntios 8.6 distingue

entre "um só Deus, o Pai," e "um só Senhor, Jesus Cristo." As testemunhas de Jeová concluem desse versículo que, posto que o Pai é o "um só Deus," Jesus não pode ser Deus. Mas, por esse tipo de raciocínio, posto que Jesus é o "um só Senhor," o Pai não pode ser Senhor! Mas sabemos que o Pai *é* mesmo Senhor (Mt 11.25). Logo, deve haver algo de errado com esse raciocínio. O erro, conforme já foi explicado, é que toma por certo que o emprego de um título para uma pessoa exclui sua aplicação a outra. Isso não pode ser pressuposto, mas deve ser determinado mediante a consideração de todos os ensinamentos bíblicos relevantes.

Finalmente, 1 Timóteo 2.5 diz que Jesus é "um só mediador entre Deus e homens" [TNM], e a partir dessa declaração, a brochura das testemunhas de Jeová conclui que Jesus não pode ser Deus, porque "por definição mediador é alguém a parte dos que precisam de mediação" (pág. 16). Mas por esse raciocínio, Jesus não pode ser um homem, tampouco; mas esse próprio texto diz que ele é "um homem"! A verdade é que Jesus tem a capacidade de mediar entre Deus e os homens, porque Ele mesmo é tanto Deus quanto homem.

Os paradoxos de Jesus

Alguns argumentos que granjearam popularidade fácil, contra a crença de que Jesus é Deus, baseiam-se em vários paradoxos que surgem quando comparamos o que a Bíblia diz a respeito de Jesus com aquilo que ela diz a respeito de Deus. A brochura das testemunhas de Jeová considera alguns deles. Deus não pode ser tentado, mas Jesus foi tentado (págs. 14-15); Deus é maior do que os anjos, mas Jesus era inferior a eles (pág. 15); Deus não

pode ser visto, mas Jesus foi visto (pág. 16); Deus não pode morrer, mas Jesus morreu de fato (pág. 18); Deus sabe tudo, mas Jesus tinha conhecimentos limitados e aprendia (pág. 19). A esses paradoxos podem ser acrescentados outros tantos. Deus é eterno; porém Jesus nasceu; Deus nunca muda, mas Jesus crescia; Deus não fica cansado, mas Jesus ficou cansado. Todos esses paradoxos baseiam-se num único paradoxo básico: Deus não é um homem, porém Jesus era um homem.

Poderíamos imaginar que numa brochura sobre a Trindade que levanta esses paradoxos, seria pelo menos mencionada a resposta trinitária a eles. Mas assim não acontece. Os trinitários acreditam que Jesus era Deus *e também* homem. Com mais exatidão, acreditam que Jesus era uma única pessoa divina (a segunda pessoa da Trindade) em quem foram unidas duas naturezas - Sua própria natureza divina, que Ele sempre possuía, e a natureza humana, que Ele tomou sobre Si a fim de redimir a humanidade.

A reação usual das testemunhas de Jeová diante dessa doutrina é perplexidade. Como Jesus pode ser tanto Deus quanto homem? Isso não é contraditório e irracional?

Os trinitários acreditam que não é irracional nem contraditório dizer que Jesus era e é tanto Deus quanto homem. Seria contraditório se asseverássemos que a carne de Jesus era divina em si mesma, ou que a Sua natureza divina fosse mortal. Mas essas asseverações não representam o trinitarismo clássico. O que asseveramos mesmo é que Deus, sem cessar de ser Deus, tomou sobre Si a natureza humana, não por meio de misturar as duas juntas, mas por meio de uni-las na única pessoa de Jesus. É difícil compreender ou entender plenamente esse fato, assim como é difícil a própria doutrina da Trindade, mas não é incoerente. (1)

Por exemplo: Jesus foi tentado. Mas os trintários não acreditam que a Sua tentação derivou-se nalgum sentido da Sua natureza divina, mas, sim, foi resultado do Seu viver como ser humano num mundo corrupto onde abundam as tentações. Fica assim: Deus, *como Deus*, não pode ser tentado; mas Jesus, que é tanto Deus quanto homem, foi tentado *como homem* vivendo na Terra depois da Queda.

Além disso, a brochura das testemunhas de Jeová deixa desapercebidos certos ensinamentos relevantes de Jesus que lançam uma luz diferente sobre esses paradoxos. Certo: Deus não é homem (Nm 23.19), ao passo que Jesus o é (1 Tm 2.5); mas Jesus também é Deus (João 20.28). Certo: Deus não pode ser tentado (Tg 1.13), ao passo que Jesus foi tentado (Hb 4.15); porém Jesus não podia pecar (João 5.19). Certo: Deus sabe todas as coisas (Is 41.22-23), ao passo que Jesus não sabia o dia da Sua volta (Mc 13.32); porém Jesus sabia todas as coisas (João 16.30). Certo: Deus não pode ser visto (Jo 1.18), ao passo que os homens realmente viram a Jesus (1 João 1.1-2); porém nenhum homem tem visto nem poderá ver Jesus (1 Tm 6.16). Certo: Deus não pode morrer (1 Tm 1.17), ao passo que Jesus realmente morreu (Fp 2.8); porém ninguém poderia tirar de Jesus a Sua vida (João 10:18), era impossível para Ele permanecer morto (At 2.24), e Ele ressuscitou a Si mesmo (João 2.19-22). Certo: Deus nunca muda (Sl 102.26-27), ao passo que Jesus crescia (Lc 2.52) e aprendia (Hb 5.8); porém Jesus também nunca muda (Hb 1.10-12; 13.8). Certo: Deus é eterno (Sl 90.2), ao passo que Jesus nasceu (Mt 1.18); porém Jesus também sempre existiu (João 8.58).

Esses fatos bíblicos excluem a possibilidade de resolver o paradoxo por meio de simplesmente negar que Jesus é

Deus. Nem é possível resolver o paradoxo por meio de negar Sua humanidade (conforme fizeram alguns gnósticos). Nem é legítimo resolvê-lo por meio de dizer que Jesus era um mero homem em quem Deus habitava, pois também podia-se dizer que Deus habitava noutros homens, ainda que fosse em grau menor. Todas essas teorias foram propostas nos primeiros séculos da História da Igreja, e todas elas foram rejeitadas pelos ortodoxos, e por bons motivos: realmente não se encaixam com aquilo que a Bíblia diz a respeito de Jesus. São menos misteriosas, menos paradoxais, mas contradizem categoricamente a Bíblia.

Deve ser mantido em mente que nenhum desses textos bíblicos que falam a respeito de Jesus nascendo, crescendo, aprendendo, resistindo tentações, ficando cansado, morrendo, e assim por diante, consegue tirar desses fatos as conclusões que as testemunhas de Jeová tiram. Isto é: a Bíblia nunca chega à conclusão: "Portanto, Jesus não é Deus," ou algo assim. O que temos são declarações que as testemunhas de Jeová *acham* que são incompatíveis com o fato de Ele ser Deus. Mas essa é questão de inferência, e não questão de alguma declaração explícita. Além disso, essas declarações não contradizem, a rigor, a idéia de que Jesus é Deus, conforme já foi explicado.

O sacrifício vicário de Jesus

As testemunhas de Jeová acreditam que se Jesus fosse Deus, Sua morte não teria sido por um resgate apropriado, porque teria sido em excesso da justa exigência de Deus. A brochura das testemunhas de Jeová explica:

> Jesus, nada mais e nada menos do que um humano perfeito, tornou-se um resgate que compensou exatamente

> o que Adão perdera - o direito à vida humana perfeita na terra ... A perfeita vida humana de Jesus foi o "resgate correspondente" [1 Tm 2.6 TNM] exigido pela justiça divina - nada mais, nada menos... Se Jesus, no entanto, fosse parte de uma Divindade, o preço do resgate teria sido infinitamente superior ao que a lei do próprio Deus exigia [pág. 15].

Deve ser notado que, mais uma vez, as testemunhas de Jeová têm construído um argumento sobre aquilo que supõem ser uma inferência válida do seu modo de entender o significado da morte de Cristo. A Bíblia nunca tira a conclusão de que Jesus não poderia ter sido nada mais do que um mero homem.

Além disso, esse argumento acaba revelando o conceito que as testemunhas de Jeová realmente têm de Jesus. Embora admitam que Jesus tenha tido uma "existência pré-humana," isto não significa que o homem Jesus fosse aquela mesma criatura espiritual poderosa que, segundo acham as testemunhas de Jeová, tenha sido o "sócio subordinado" de Deus na criação do mundo. Pelo contrário, a opinião das testemunhas de Jeová é que no momento da concepção de Jesus no ventre de Maria, o espírito pré-humano chamado "o Verbo" (Jo 1.1) ou o "Filho" de Deus (Hb 1.2) *cessou de existir*, e uma pessoa humana foi *criada* por Jeová com as lembranças da criatura espiritual que antes existira. Portanto, segundo as testemunhas de Jeová, Jesus na Terra *não* era o "Deus Forte" (Is 9.6), mas somente um mero homem com as lembranças daquele Deus Forte.

Assim somos levados a uma conclusão curiosa: As testemunhas de Jeová não podem oferecer a mínima razão por que Deus precisaria mesmo enviar o Seu Filho à Terra como homem. Posto que tudo o que se precisava

era um ser humano perfeito, Deus poderia simplesmente ter criado "do nada" um desses, se assim o tivesse desejado.

O argumento das Testemunhas de Jeová a respeito do "resgate correspondente" também padece pelo menos dois problemas mais diretos. O primeiro é que traduzir *antilutron* por "resgate correspondente" em 1 Timóteo 2.6, se "correspondente" for entendido no sentido de "nada mais, nada menos," é um caso claro de tradução exagerada - de atribuir à palavra mais do que está realmente ali. Embora a palavra *antilutron* seja muito rara em grego, e embora apareça somente aqui na Bíblia, o significado é certamente o mesmo que a declaração de Cristo em Marcos 10.45, de que Ele veio dar Sua vida "como resgate em troca de [*lutron anti*] muitos" (TNM). A idéia nos dois trechos bíblicos é simplesmente a da substituição - de Cristo tomar o nosso lugar. A idéia de que isso exigia que Cristo fosse "nada mais" do que um ser humano perfeito está ausente.

Em segundo lugar, a alegação das testemunhas de Jeová de que a morte de Cristo tinha a intenção de ser meramente o sacrifício de um ser humano perfeito para compensar o pecado de um só homem, Adão, é refutada por Marcos 10.45, que diz que Cristo "foi resgate em troca de *muitos*." Cristo, portanto, não era meramente um homem que morria em favor de um só outro homem; estava morrendo em favor de milhões de homens, mulheres, e crianças. Cristo é chamado o "último Adão" e contrastado com Adão (Rm 5.12-21; 1 Co 15.21-22, 45), mas isso não comprova que Ele era "nada mais" do que Adão.

A Submissão de Jesus a Deus

Talvez o argumento mais freqüentemente ouvido contra o fato de Jesus ser Deus pela Sua natureza e igual ao Pai

na Sua divindade, seja o ensinamento bíblico a respeito da submissão de Jesus ao Pai. As testemunhas de Jeová têm consciência de que os trinitários acreditam que Cristo, na Sua natureza humana, estava numa posição de submissão ao Pai. As testemunhas de Jeová, no entanto, argumentam que isso não explica como Jesus Se submeteu a Deus depois da Sua ressurreição dentre os mortos e a Sua ascensão ao Céu.

Sendo assim, as testemunhas de Jeová, embora citem textos bíblicos que se referem à posição humilde de Cristo, enquanto era um homem na Terra, relativo ao Pai (especialmente João 14.28), dependem ainda mais de textos bíblicos que falem da submissão de Cristo depois da Sua ressurreição. Notam, por exemplo, que 1 Coríntios 11.3 diz que "Deus é o cabeça de Cristo"; 1 Coríntios 15.28 diz que o Filho se sujeitará a Deus Pai depois de eliminados o pecado e a morte; e vários textos bíblicos dizem que até mesmo agora, depois da ascensão de Cristo, o Pai é Deus de Cristo (p.e., João 20.17; Rm 15.6; 1 Co 15.24; 2 Co 1.3; Ap 1.6; 3.12). Na base desses textos bíblicos, concluem que Jesus não era simplesmente inferior ao Pai temporariamente enquanto estava na Terra, mas que sempre estará submisso a Deus.

Podemos ressaltar dois fatos que demonstrarão que nenhum desses textos bíblicos contradiz o ensino da Bíblia de que Jesus Cristo é Deus. Primeiro: o argumento das testemunhas de Jeová toma por certo que Jesus cessou de ser um homem. As testemunhas de Jeová acreditam que o corpo físico de Jesus nunca foi ressuscitado à vida, mas foi "levantado" ("criado de novo" pode ser mais exato) como mero espírito. Se o corpo de Jesus fosse ressuscitado dentre os mortos, porém, da maneira como os trinitários acreditam, Jesus, como homem,

naturalmente continuaria tendo algum tipo de submissão ao Pai como Seu Deus.

Embora esta não seja a ocasião própria para uma discussão extensiva da natureza da ressurreição de Cristo, umas poucas observações breves virão ao caso. A Bíblia declara explicitamente que Jesus Cristo, depois da Sua ressurreição e ascensão, é "um homem"; Ele, como homem, é mediador da nova aliança (1 Tm 2.5), e, como homem, julgará o mundo (At 17.31). Jesus também negou totalmente que Ele era mero espírito (Lc 24.39). Antes da Sua morte, Jesus profetizara que ressuscitaria Seu próprio corpo dentre os mortos (João 2.19-22), o que, naturalmente, também subentende que Jesus é Deus. Jesus também disse que entregaria a Sua "alma," ou vida física, a fim de recebê-la de novo (João 10.17-18). Pedro pregou no Dia do Pentecostes que Jesus não podia ser mantido na morte e que a Sua *carne* vivia na esperança da ressurreição da Sua *alma* do Hades (At 2.24-32), o que subentende, naturalmente, que a carne de Jesus foi ressuscitada da morte.

As testemunhas de Jeová argumentam que Jesus não podia ter ressuscitado com Seu corpo físico porque isso teria envolvido tomar de volta o "preço de resgate" que pagou pela nossa salvação. Conforme já vimos, as testemunhas de Jeová têm alguns mal-entendidos a respeito do "resgate" de Cristo. De novo, esse argumento baseia-se numa inferência que não tem apoio na Bíblia. Jesus deu a Sua *alma* como resgate (Mc 10.45), e Ele tinha o direito de receber Sua alma de volta (João 10.17-18), tendo por base a promessa de Deus de que a sua alma não permaneceria no Hades (At 2.27).

As testemunhas de Jeová também indicam os trechos nos Evangelhos onde os discípulos não reconheceram

Jesus de início. Mas em cada caso, o texto oferece outra explicação do que aquela de ser Ele mero espírito: os olhos dos discípulos foram impedidos de reconhecê-Lo (Lc 24.16, 31); Maria Madalena estava chorando de madrugada e nem estava olhando Jesus diretamente de início (Jo 20.11-16); os discípulos no barco estavam longe da praia e, de novo, mal rompera a aurora (João 21.4-7).

Há mais alguns outros trechos bíblicos citados pelas testemunhas de Jeová na tentativa de comprovar que o corpo físico de Cristo não foi ressuscitado, mas estes também foram interpretados de modo equívoco. (2) A questão continua sendo que se Jesus foi ressuscitado como um ser humano - embora fosse um ser humano glorificado, exaltado, e imortal - Ele continuaria a submeter-se ao Pai como Seu Deus em virtude de Ele ser homem.

A segunda verdade que deve ser ressaltada no tocante à submissão do Filho ao Pai depois da Sua ressurreição e ascensão, é que semelhante submissão não é, de modo algum, inconsistente com a Trindade. A doutrina da Trindade sustenta que as três pessoas são iguais entre si no tocante à essência ou à natureza, e deixa em aberta a questão de como as três pessoas se relacionam entre si dentro da Trindade. Sendo assim, ao passo que os trinitários insistem que Cristo é tanto Deus como o Pai, não negam que o Filho está, nalgum sentido, submisso ao Pai mesmo depois da Sua ascensão.

Um exame dos textos "subordinacionistas" citados pelas testemunhas de Jeová confirma essa verdade. Por exemplo: 1 Coríntios 11.3 diz que "Deus é o cabeça de Cristo." Mas também declara que Cristo é o cabeça de todo homem; e que o homem (ou seja: o marido) é a cabeça da mulher (ou seja: da sua esposa). Ora, a Bíblia deixa bem claro que os homens e as mulheres são iguais quanto à

sua natureza; ambos são plenamente humanos, ambos são à imagem de Deus, e em Cristo são um (Gn 1.26-28; Gl 3.28). A submissão feminina, portanto, é uma questão de função, de posição, ou de papel a ser desempenhado, e não de superioridade do homem sobre a mulher. Quanto a Cristo ser o cabeça de todo homem, no contexto há referência a uma chefia funcional, e não a uma superioridade essencial. E em certo sentido, Cristo não é essencialmente superior aos homens, posto que o próprio Cristo é um homem, conforme temos visto. É lógico que, noutro sentido, Cristo é muito superior aos homens na Sua essência, posto que Cristo também é Deus.

O fato de que a submissão de Cristo ao Pai é tão freqüentemente considerada uma prova da inferioridade da Sua natureza acaba revelando algo a respeito da nossa própria atitude enganada e pecaminosa para com a autoridade e a submissão. Pressupomos que seja quem está "em cima" está ali porque, dalgum modo, é "melhor." Consideramos a submissão como uma posição indesejável. Mas parece claro que as pessoas da Trindade não se sentem assim. Cada uma das três pessoas deleita-se em glorificar as outras. Nesse sentido, o Filho quer ser glorificado pelo Pai a fim de assim poder trazer mais glória ao Pai (João 17.1). O Espírito Santo vem exclusivamente com o propósito de glorificar ao Filho (João 16.14). O Pai exalta Jesus diante do mundo, e conclama todos a honrá-Lo como Senhor, ou seja: como Jeová; isso, porém, dá glória a Deus Pai (Fp 2.9-11). Entre as pessoas da Trindade, não há concorrência visando a glória, a honra, ou o poder; a única coisa desse tipo é que as pessoas da Trindade estão trabalhando com zelo a fim de trazerem glória uns aos outros.

Jesus como o "Filho Unigênito"

As testemunhas de Jeová alegam que a descrição de Cristo como o "Filho Unigênito" indica que o Filho foi criado. Argumentam que o termo "unigênito" (em grego, *monogenês*) realmente inclui a idéia de gerar, e, portanto, que Jesus foi gerado pelo Pai. Notando que os trinitários alegam que a palavra é aplicada a Jesus, significando "um relacionamento do tipo filho único sem a parte do gerar" (aliás, só uma minoria dos trinitários definiria assim a palavra), a brochura da Torre de Vigia pergunta: "Isso soa lógico para você? Um homem pode ser pai de um filho sem gerá-lo?" (pág. 15).

Indicando que Isaque é chamado o "unigênito" de Abraão em Hebreus 11.17, a brochura continua: "Não pode haver dúvida de que, no caso de Isaque, ele era unigênito no sentido normal" (pág. 16). Na realidade, porém, essa alegação está sujeita a graves dúvidas. Isaque *não* era o filho unigênito de Abraão no sentido literal de o *único* filho que Abraão gerou. Abraão tinha muitos outros filhos, inclusive Ismael, que foi gerado por Abraão antes de Isaque. Portanto, Isaque é chamado o "unigênito" de Abraão no sentido do filho *incomparável* ou especial de Abraão.

Depois de citar algumas obras eruditas que parecem estar de acordo com a interpretação que as testemunhas de Jeová atribuem a "unigênito," a brochura conclui que "o Deus Todo-Poderoso pode corretamente ser chamado de seu [de Jesus] Genitor, ou Pai, no mesmo sentido que um pai terrestre, como Abraão, gera um filho" (pág. 16).

Se essa linha de raciocínio fosse sadia, no entanto, sugeriria uma conclusão bastante embaraçosa para as testemunhas de Jeová. Se, portanto, Deus é o Pai de Jesus

"no mesmo sentido que um pai terrestre... gera um filho," parece que Jesus deve ter tido uma Mãe celestial, bem como um Pai celestial. Naturalmente, as testemunhas de Jeová recuariam diante de semelhante sugestão. Diferentemente dos mórmons, por exemplo, as testemunhas de Jeová negam que o Jesus pré-humano foi gerado através de uma mãe divina. Mas seus argumentos parecem indicar semelhante conclusão.

Podemos explicar esse fato doutra forma. As testemunhas de Jeová estão empregando um argumento que tem a seguinte forma lógica: (a) Todos os filhos são gerados; (b) o Jesus pré-humano era um filho; logo (c) Jesus foi gerado; mas (d) todos que são gerados também começam a existir nalgum momento do tempo, e, portanto, são criaturas; por isso (e) Jesus, tendo sido gerado, deve também ser uma criatura. Isto soa bem, e é lógicamente válido - o que significa que *se* as premissas, ou asseveração de fato em que se baseia o argumento, são verdadeiras, a conclusão também teria de ser verdadeira. Considere, no entanto, o seguinte argumento paralelo: (a) Todos os filhos tiveram mães; (b) o Jesus pré-humano era um filho; logo, (c) o Jesus pré-humano teve uma mãe. O argumento pode ser colocado assim: (d) Todos que são gerados tiveram uma mãe; (e) Jesus, tendo sido gerado, também teve uma mãe.

Há somente duas maneiras de escapar desse argumento. A primeira é indicar que a Bíblia não *diz* que Jesus tinha uma mãe celestial. Isso não chega a refutar o argumento, mas pelo menos demonstra que, do ponto de vista bíblico, pode haver algo de errado nele. A segunda é argumentar que aquilo que se aplica aos pais e filhos terrestres nem sempre se aplica ao Pai divino e ao Seu Filho divino. E assim fica demonstrado que as declarações "todos os

filhos tiveram mães" e "todos que são gerados tiveram mães" são generalizações apressadas - somente se aplicam a seres *terrestres*.

Essas mesmas respostas, no entanto, também podem ser feitas aos argumentos das testemunhas de Jeová no sentido de comprovar que Jesus deve ter tido um começo. A Bíblia não chega a *declarar* que o Jesus pré-humano foi gerado pelo Pai *nalgum momento do tempo;* não declara que Ele teve um início. (Já notamos que Pv 8.22; Cl 1.15; e Ap 3.14 não sustentam semelhante conclusão). Além disso, um fato certo a respeito de pais e filhos terrestres (que os filhos são sempre mais jovens do que os pais e nascem dentro do tempo) não se aplica necessariamente ao Pai eterno e ao Seu Filho.

A brochura das testemunhas de Jeová argumenta: "Os trinitaristas dizem que, visto que Deus é eterno, o Filho de Deus também é eterno. Mas, como pode uma pessoa ser filho e ao mesmo tempo ter a mesma idade de seu pai?" (pág. 15). A resposta é: não pode, *se for um filho literal.* E, conforme já vimos, Jesus não pode ser considerado um filho literal de Deus. Mas a brochura das testemunhas de Jeová, inconsciente desse fato, alega que, quando a Bíblia chama Jesus de Filho de Deus, "quer dizer 'Filho' em sentido literal, como no caso de um pai e seu filho, não como uma misteriosa parte duma Divindade Trina" (pág. 29).

A pergunta mais apropriada a ser feita é: como um Pai eterno, infinito, e divino poderia mesmo ter um filho temporal, finito e que é uma criatura. Se *Filho,* conforme a palavra é aplicada ao Jesus pré-humano, é alguma descrição da Sua natureza, e não (conforme sua aplicação aos anjos ou aos homens) uma expressão completamente

simbólica que retrata o nosso relacionamento com Deus, esperaríamos que o Filho fosse do mesmo tipo de ser que Seu Pai, em todos os aspectos substanciais. E é realmente isso que a Bíblia diz a respeito do Filho.

Jesus pode ser Filho de Deus e também ser Deus?

O raciocínio das testemunhas de Jeová a respeito dessa questão parece ser tão lógico. Como Jesus pode ser "Filho de Deus" e também ser Deus? Como alguém pode ser seu próprio filho? Não é irrazoável e ilógico?

Sim, é irracional dizer que alguém é seu próprio filho, mas não é assim que o trinitarismo ensina. A doutrina da Trindade não entende que Jesus é Seu próprio pai, nem entende que Deus Pai é seu próprio filho. Conforme tem sido necessário repetir muitas vezes neste livro, o Pai e o Filho são duas pessoas distintas na Trindade.

É certo que Jesus é chamado o Filho *de Deus*, e não simplesmente o Filho do Pai (embora Ele também receba esse título em 2 João 3). Mas isso deve ser entendido no sentido de usar o título *Deus* com referência especialmente ao Pai, sem negar que também se aplica ao Filho, com validade igual. Empregando uma analogia útil, porém limitada, se alguém se referisse a mim como "filho de Robert Bowman," teria razão, embora "Robert Bowman" seja meu próprio nome, porque também é o nome do meu pai. (Relembre a analogia de George e Bárbara Bush tendo o mesmo sobrenome em comum, e as limitações daquela analogia). Noutras palavras, "Filho de Deus" é uma forma abreviada de "Filho de Deus Pai."

A designação de Jesus como o "Filho de Deus," longe de refutar a igualdade essencial entre Jesus e Deus, é uma das provas mais importantes na Bíblia inteira, daquela

verdade (Aqui, é importante manter em mente que a doutrina da Trindade sustenta que o Filho é igual ao Pai na Sua *essência* ou natureza, e que não nega que o Filho obedece ao Pai ou que busca a Sua glória). As considerações abaixo revelarão que esse é o caso.

1. Há numerosos exemplos nas Escrituras da palavra *filho* sendo usada figuradamente no simples sentido de "possuir a natureza de"; por exemplo: "os filhos da desobediência" em Efésios 2.1 significa aqueles que são desobedientes. A expressão "Filho do homem" significa, não que Jesus era literalmente o filho de um homem (Ele não tinha pai humano!), mas que Ele mesmo era um homem.

2. Não se pode duvidar que Jesus é chamado o Filho de Deus num sentido não literal, posto que não foi fisicamente procriado. Este fato já foi ressaltado detalhadamente.

3. É também certo que Jesus é chamado o Filho de Deus de modo muito especial, posto que é chamado o *monogenês* Filho de Deus. Para o presente argumento, não importa se *monogenês* é entendido no sentido de "unigênito" ou de "incomparável", posto que até mesmo "unigênito" dá a entender que há algo incomparável no sentido em que Jesus é Filho de Deus.

4. O Filho de Deus, segundo o Novo Testamento, realmente possui a natureza de Deus, plena e completamente (Cl 2.9; Hb 1.2). Logo, é razoável interpretar o título *Filho* no sentido de ter Ele a natureza do Seu Pai.

5. Um filho físico compartilha da natureza do seu pai, inclusive porque tanto o pai quanto o filho tiveram um começo (embora o começo do pai fosse anterior). Posto que o Filho compartilha da natureza do Seu Pai, é lógico que Ele possui também a eternidade do Seu Pai, pelo fato de não ter tido nenhum começo.

6. Que Jesus não teve um começo é confirmado por vários textos bíblicos (João 1.1; 8.58; 17.5; Cl 1.17; Hb 1.2).

7. Que esse raciocínio é válido é confirmado pelo fato de que os difamadores de Jesus entre os judeus entenderam Suas declarações de que era o Filho único de Deus basicamente nesse sentido. Tanto em João 5.17-18 como em João 10.30-39 os líderes judaicos procuraram matar Jesus como blasfemo, porque entendiam Sua declaração de ser ele o Filho de Deus como uma declaração da Sua igualdade com Deus. Persistia esse modo de entender as coisas, a despeito do fato de Jesus ter sido, conforme certamente concordarão as testemunhas de Jeová, um Mestre na comunicação das idéias. Quando O entregaram a Pilatos, citaram o mesmo motivo: Jesus, ao declarar-se Filho de Deus, violara a lei deles (contra a blasfêmia) e merecia a morte.

Nessa última questão, não basta alegar (conforme faz a brochura das testemunhas de Jeová - págs. 24-25) que os judeus simplesmente entenderam erroneamente as palavras de Jesus. Seria necessário demonstrar, primeiramente, que os motivos independentes supra para entender que "Filho de Deus" é uma reivindicação da igualdade com Deus, é um erro. Depois disso, seria necessário explicar por que Jesus nunca simplesmente negou ser Deus.

Por exemplo, quando Ele disse que "o Filho nada pode fazer de si mesmo" (João 5.19a), não se tratava de uma negação de ser essencialmente igual com Deus, mas na realidade era uma reivindicação tácita da igualdade: Jesus, como o Filho, *não podia fazer* nada senão aquilo que Deus faz! Se Jesus fosse mero homem, e nada mais, certamente poderia ter feito algo contrário àquilo que

Deus faria. Se houve algum ponto em que os judeus não entenderam as palavras de Jesus, foi em pensar que Suas declarações de que fazia obras que somente Deus podia fazer, eram uma reivindicação à igualdade com Deus como um segundo Deus, independente dEle - mal-entendido este que Jesus repudiou ao declarar que Ele nada fazia por conta própria. Jesus passou, então, a asseverar que Ele fazia tudo quanto o Pai fizesse (vv. 19b-20), ressuscitaria dentre os mortos a quem Ele quisesse, prerrogativa esta que pertence a Deus (v. 21), e que será o juiz final de toda a humanidade (v. 22). Como conseqüência, disse Jesus, todos devem atribuir a mesma honra ao Filho - ou seja, ao próprio Jesus - que é devida ao Pai (v. 23). Essa dificilmente pode ser uma maneira convincente de negar que Ele está reivindicando igualdade com Deus!

O mesmo padrão aparece em João cap. 10. A queixa dos próprios judeus era que Jesus, ao chamar Deus de Seu próprio Pai (e assim, ao considerar-Se Filho de Deus de modo exclusivo), estava alegando ser Deus (João 10.30-33). A brochura das testemunhas de Jeová declara que Jesus, na Sua resposta, "argumentou enfaticamente que as suas palavras não eram uma afirmação de que ele era Deus" (pág. 24). Isso é interessante, porque, nesse caso, deve ser considerada incorreta a tradução que a TNM fez da acusação dos judeus contra Jesus: "tu, embora sejas um hõmem, te fazes *um deus*." Mas Jesus em João 10.34-36 certamente não negou que era Deus. Simplesmente asseverou mais enfaticamente aquilo que escandalizara os judeus desde o início, a saber, que Ele era o Filho de Deus de modo exclusivo. De novo: se havia algum mal-entendido que Jesus queria refutar, era que Sua declaração de igualdade com Deus envolvia uma reivindicação de ser

um Deus independente. Jesus passou, então, a dizer que a comprovação da Sua reivindicação achava-se no fato de que Ele fazia obras que somente Deus podia realizar (João 10.37-38). O resultado foi que os judeus "tentaram novamente apoderar-se dele" (10.39 TNM), obviamente porque ainda entendiam que Ele estava declarando que era Deus. É digno de nota que na brochura, as testemunhas de Jeová param no v. 36, e deixam de considerar o significado dos vv. 37-39.

Interpretado assim, João 10.30 deve ser entendido como uma declaração de Jesus da Sua unicidade essencial com Deus. A brochura das testemunhas de Jeová, notando que noutros lugares a mesma palavra neutra *(hen)* traduzida por "um" subentende apenas a união de propósitos (João 17.21-22; 1 Co 3.6, 8), conclui que semelhante união funcional é tudo quanto é entendido em João 10.30. A brochura também cita João Calvino que, embora fosse um trinitário, interpretava o versículo de modo semelhante (pág. 24). Mas embora *hen* não precise, de si mesmo, indicar mais do que a unidade funcional, no contexto de João 10 certamente significa muito mais.

Concluímos, portanto, que nada na Bíblia nega que Jesus é Deus. Pelo contrário, a Bíblia ensina que Ele é Aquele que criou todas as coisas, que Ele é eterno, que Ele possui a própria natureza de Deus, e que Ele é essencialmente igual a Deus. E todas essas verdades têm sido vistas primariamente na base dos textos bíblicos que as testemunhas de Jeová acham que sustentam o ponto de vista *delas*, de que Cristo é uma criatura! Passaremos, em nosso próximo capítulo, a evidências ainda mais positivas na Bíblia de que Jesus é Deus.

7

Jesus Cristo é Deus

A erudição moderna e Jesus como Deus

Antes de examinarmos as evidências bíblicas em prol da crença de que Jesus é Deus, seria útil responder ao uso que as testemunhas de Jeová fizeram de um artigo não identificado do *Bulletin of the John Rylands Library* ("Relatório Periódico da Biblioteca John Rylands") que citam no sentido de comprovar que uns estudiosos bíblicos concordam com elas, quando afirmam que Jesus não era Deus.

Primeiro, a brochura das testemunhas de Jeová: *Deve-se Crer na Trindade?* cita esse artigo no seguinte sentido: "Deve-se encarar o fato de que a pesquisa do Novo Testamento, ao longo dos, digamos, últimos trinta ou quarenta anos tem levado um crescente número de renomados peritos do Novo Testamento à conclusão de que Jesus... certamente nunca creu ser ele mesmo Deus"

(pág. 20). Essa declaração avalia corretamente a erudição bíblica moderna, mas a brochura das testemunhas de Jeová omitiu uma parte da frase, que lança uma luz totalmente diferente sobre esse fato. A frase inteira diz (grifando a parte omitida):

> Seja isso como for, deve-se encarar o fato de que a pesquisa do Novo Testamento, ao longo dos, digamos, últimos trinta ou quarenta anos tem levado um crescente número de renomados peritos do Novo Testamento à conclusão de que Jesus *pessoalmente pode não ter reivindicado alguns dos títulos cristológicos que os Evangelhos atribuem a ele, nem sequer o desígnio funcional de "Cristo," e* certamente nunca creu ser ele mesmo Deus. (1)

Isto é, os mesmos estudiosos bíblicos que negam que Jesus reivindicava ser Deus duvidam, também, que Ele se chamava o "Cristo," o Messias. As testemunhas de Jeová dificilmente podem alegar que esse julgamento é fidedigno.

Em seguida, a brochura das testemunhas de Jeová cita o mesmo artigo quando ele diz, no tocante aos cristãos primitivos: "Quando, pois, eles atribuíram [a Jesus] títulos honoríficos tais como Cristo, Filho do homem, Filho de Deus e Senhor, essas eram maneiras de dizer, não que ele era Deus, mas sim que ele fez a obra de Deus" (pág. 20). Note que o artigo diz que os cristãos primitivos "atribuíram" esses títulos a Jesus. Aqui, a questão em pauta é que Jesus, na opinião desses estudiosos, não declarava ser Ele nem Cristo, nem o Filho do homem, nem o Filho de Deus, nem o Senhor! Além disso, não estão declarando que Jesus *ou* os cristãos primitivos consideravam Jesus como uma criatura divina preexistente que, segundo a vontade de Deus, tornou-se homem. Pelo contrário, estão

declarando que os cristãos primitivos deram a Jesus esses títulos por causa da sua "experiência" daquilo que Ele fazia, e que esses títulos nada diziam, originalmente, a respeito de quem, ou o que, Jesus realmente *era*. Sendo assim, bem na frase imediatamente em seguida, o artigo declara: "Noutras palavras, semelhantes designações expressavam, originalmente, não tanto a natureza do íntimo do ser de Cristo com relação ao ser de Deus, mas, sim, a preeminência da sua função soteriológica [i.é, sua função ao trazer a salvação] na redenção divina da humanidade." (2)

Finalmente, mais tarde na brochura, o mesmo artigo é citado no sentido de dizer que, segundo Karl Rahner, "ao passo que *theos* ['Deus'] é usado em textos como João 1.1 como referência a Cristo, 'em nenhum desses exemplos *theos* é usado de tal modo que identifique Jesus com aquele que em todas as outras partes no Novo Testamento aparece como *ho Theos*, isto é, o Deus Supremo" (pág. 28). Em seguida, a brochura cita com aprovação o argumento do artigo de que esperaríamos que o Novo Testamento declarasse mais freqüentemente que Jesus era Deus, se fosse tão importante confessar esse fato.

O que a brochura deixa de relatar, porém, é que o artigo anota (3) que Karl Rahner reconhecia que Jesus era chamado *theos* em Romanos 9.5; João 1.1, 18; 20.28; 1 João 5.20; e Tito 2.13. As testemunhas de Jeová reconhecem que assim aconteceu nos três versículos alistados do Evangelho segundo João, mas negam que os outros textos aplicaram *theos* a Jesus. Afinal de contas, nesse caso os demais textos estariam chamando Jesus de "o Deus que está sobre todos" (Rm 9.5), "o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1 João 5.20), e "nosso grande Deus e Salvador" (Tt 2.13). Como Rahner podia reconhecer que

esses títulos eram dados a Jesus, e ainda negar que Ele estava sendo chamado ho *theos* ["o Deus"] é, no mínimo, de difícil compreensão.

O que os estudiosos pensam a respeito do ensino do Novo Testamento a respeito de Jesus é interessante, mas longe de ser decisivo. Tanto as testemunhas de Jeová como os trinitários evangélicos concordam que a erudição bíblica crítica, com sua negação da inspiração e fidedignidade da Bíblia, e com suas tentativas de negar o Jesus sobrenatural, operador de milagres da Bíblia, é apóstata e indigna de confiança. É, portanto, lastimável que as testemunhas de Jeová tenham citado (e ainda fora do contexto) esses estudiosos, no argumento contra o trinitarismo.

"O Verbo Era Deus"

Em João 1.1 lemos: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." A TNM traduz assim a última frase desse versículo: "e a Palavra era [um] deus." Várias traduções são citadas pela brochura das testemunhas de Jeová, e uns poucos estudiosos são citados como se concordassem com a interpretação que as testemunhas de Jeová atribuem a esse versículo, como se ensinasse que Jesus era um segundo deus, inferior.

Em 1987 ofereci à Sociedade Torre de Vigia um convite para fazer uma crítica do manuscrito original de um livro que tratava, em grande parte, de João 1.1. Prometi que incluiria, como apêndice do livro, a crítica das testemunhas de Jeová. *Ninguém sequer deu uma resposta a essa oferta.* O mesmo convite foi feito a outras testemunhas de Jeová que diziam ter competência no estudo do grego, e elas também não responderam. Depois disso, o livro foi

publicado, com o título *As Testemunhas de Jeová, Jesus Cristo, e o Evangelho de João.* (4) Neste capítulo, simplesmente resumirei alguns dos argumentos que levantei naquele livro - argumentos estes que essa nova brochura publicada pela Torre de Vigia nem sequer menciona.

As testemunhas de Jeová raciocinam que o Verbo não pode *ser* "Deus" e também estar *"com* Deus," pois "alguém que está 'com' outra pessoa não pode ser ao mesmo tempo aquela outra pessoa" (pág. 27). Mas os trinitários concordam, neste sentido: sustentam que "o Verbo estava com Deus" significa que o Verbo estava com a pessoa comumente chamada "Deus," ou seja: o Pai, ao passo que "o Verbo era Deus" significa que o próprio Verbo era pessoalmente Deus pela Sua natureza, não menos Deus do que o Pai, sem ser a mesma pessoa que o Pai. (5)

A brochura argumenta que porque "não existe artigo ["o"] antes do segundo *theos* em João 1.1... uma tradução literal seria 'e Deus era a Palavra'." (pág. 27). Declaram que isso é confirmado pelo fato da palavra *theos* em João 1.1 ser "um substantivo predicativo" que antecede o verbo e que não tem o artigo definido. Exemplos são oferecidos doutros versículos na Bíblia que exibem esse padrão e que são traduzidos com o artigo indefinido antes do substantivo. Esses exemplos demonstram, alegadamente, que "a regra de Colwell" (6) não pode comprovar que *theos* em João 1.1 não pode ser traduzido por "um deus" (págs. 27, 28).

Esse tipo de raciocínio talvez pareça válido, mas na realidade, confunde várias questões entre si. Primeiro: até mesmo Jeová pode ser chamado "um Deus" na Bíblia, em textos que empregam exatamente a mesma construção em grego. (Deve ser notado que não há diferença

substancial entre "um deus" e "Deus," pois só algumas línguas modernas conseguem até mesmo fazer essa distinção). Por exemplo, em Lucas 20.38 lemos na TNM [em inglês] que Jesus disse, a respeito de Jeová: "Ele é *um Deus*, não de mortos, mas de viventes..." Aqui, "um Deus" traduz *theos* sem o artigo e antes do verbo, exatamente como em João 1.1. Sendo assim, mesmo se alguém quisesse traduzir *theos* em João 1.1. como "um deus," isso não refutaria o fato de ser Ele o Deus verdadeiro. (7)

Em segundo lugar, os textos paralelos citados pela brochura das testemunhas de Jeová, alegando que têm a mesma construção grega, são dignos de nota porque nenhum deles dá ao substantivo grego um significado mais fraco, ou diferente, do que se tivesse o artigo definido na sua frente. Por exemplo, "um fantasma" (Marcos 6.49) não é menos fantasma do que um que é chamado "o fantasma"; o Diabo é tão "mentiroso" e "homicida" (João 8.44) quanto qualquer pessoa poderia ser! Além disso, as testemunhas de Jeová deixam de mencionar o fato de que noutros lugares no Novo testamento, sempre quando a palavra *theos* é usada na mesma construção, sempre se refere claramente ao único Deus verdadeiro (Marcos 12.27; Lucas 20.38; João 8.54; Fp 2.13; Hb 11.16). Logo, o fato de que o Verbo é chamado *theos* em João 1.1 nessa construção não O faz *menos* Deus do que o Pai. (8)

Em terceiro lugar, não é de modo nenhum necessário traduzir substantivos nessas construções, usando o artigo indefinido, conforme as próprias testemunhas de Jeová reconhecem ao dizer: "quando o contexto o *exige*, os tradutores podem inserir um artigo indefinido na frente do substantivo nesse tipo de construção de frase" (pág. 28, grifo nosso). Posto que foi demonstrado que o único argumento do contexto que as testemunhas de Jeová

propuseram (que o Verbo [ou: Palavra] estava *com* Deus e, portanto, não podia *ser* Deus) não exige a interpretação deles, é incorreto traduzir como *elas* fizeram.

Em quarto lugar, o contexto realmente apóia enfaticamente a conclusão de que o Verbo era Deus, e não um deus secundário e inferior. O versículo começa dizendo que o Verbo existia "no princípio," o que significa que o Verbo já existia quando o próprio tempo começou. Logo, o Verbo não era uma criatura, mas era realmente eterno. (9) Além disso, o v. 3 declara que tudo que já veio a existir foi feito pelo Verbo; conforme foi indicado no capítulo 5, isso significa que o Verbo era o Criador e, portanto, Deus.

Em quinto lugar, ao traduzirem "um deus", as testemunhas de Jeová fizeram a Bíblia contradizer a si mesma. Conforme foi demonstrado anteriormente neste livro, a Bíblia nega categoricamente, e repetidas vezes, que há qualquer outro deus real e verdadeiro fora do único Deus verdadeiro. Posto que o Verbo claramente não é um deus falso, forçosamente deve ser um Deus verdadeiro - ou seja, o *único* Deus verdadeiro, Jeová.

O problema, portanto, não é principalmente com a inserção de "um" antes da palavra *deus;* é mais com a própria palavra *deus* com "d" minúsculo que em português (mas não nas línguas antigas) sugere ao leitor um deus inferior. Traduzir "um Deus" em português também subentenderia essa idéia, mas de modo bem menos claro, e somente porque no contexto "um Deus" pareceria estar contrastado com "Deus." Mas em grego a diferença entre *ton theon* ("Deus" no meio do versículo) e *theos* ("Deus" no fim do versículo) não sugere esse tipo de mudança de significado. Esse fato pode ser percebido ao ler outros trechos no Novo Testamento onde *theos* aparece no mesmo contexto tanto com o artigo definido quanto sem ele, mas

sem mudança de sentido (João 3.2; 13.3; Rm 1.21; 1 Ts 1.9; Hb 9.14; 1 Pe 4.10-11). (10)

Talvez a melhor maneira de traduzir a fim de ressaltar essa diferença seja esta: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com a Deidade, e o Verbo era Deidade." O único problema com essa tradução é que normalmente, não traduzimos *theos* por "Deidade"; fora desse fato, provavelmente seja a tradução mais exata em português. (11)

Deve ser mencionado, também, que a brochura continua a prática das testemunhas de Jeová de citar fora do contexto as referências eruditas. Mais notável, nesse sentido, é seu emprego de um artigo no *Journal of Biblical Literature* ("Revista de Literatura Bíblica") a respeito de João 1.1. A brochura chega a ponto de alegar que o artigo no JBL diz que a construção grega de João 1.1 "indica que o *logos* pode ser assemelhado a um deus" (pág. 27). A alegação é totalmente falsa. O que Philip Harner, que escreveu o artigo no JBL, realmente disse que se João tivesse escrito *ho logos ên theos* (traduzindo palavra por palavra: "O VERBO ERA DEUS") o significado teria sido "que o *logos* era 'um deus' ou algum tipo de ser divino," mas que João *não* escreveu assim! Pelo contrário, conforme indica Harner, João escreveu *theos ên ho logos* (traduzindo palavra por palavra: "DEUS ERA O VERBO"), que, segundo ele conclui, significa que o *logos*, "não menos que *ho theos*, tinha a natureza de *theos*." (12) Noutras palavras, João poderia ter dito que "o Verbo era um deus" como um meio de alterar a ordem das suas palavras, mas não o fez, e preferiu, pelo contrário, dizer enfaticamente que o Verbo era Deus *tanto quanto a pessoa* chamada "Deus" com quem Ele existia no princípio.

Outro estudioso, John L. McKenzie, é citado fora do contexto, dizendo: "João 1.1 deve rigorosamente ser

traduzido... 'a palavra era um ser divino'." (pág. 28). A brochura das testemunhas de Jeová subentende que chamar a Palavra (ou Verbo) de "um ser divino" faz dEle algo menos do que Jeová. Mas na mesma página em que McKenzie chama *Yahweh* (Jeová) "um ser divino pessoal"; McKenzie também declara que Jesus é chamado "Deus" em João 20.28 e em Tito 2.13, e que João 1.1-18 expressa "uma identidade entre Deus e Jesus Cristo." (13)

"Meu Senhor e meu Deus!"

O Evangelho segundo João começa (1.1) e termina (20.28, excetuando-se o cap. 21, que é um tipo de epílogo) com a confissão de dois dos discípulos originais de Jesus de que Jesus Cristo é Deus. Em João 1.1, o apóstolo João, cuja fé em Jesus foi talvez a mais forte entre todos os discípulos, declarou que Jesus Cristo foi Deus no próprio princípio do tempo. Em João 20.28 Tomé, que entre os discípulos teve provavelmente a fé mais fraca (a não ser no caso de Judas Iscariotes), também confessou que Jesus Cristo foi seu próprio Senhor e Deus.

A maneira das testemunhas de Jeová debaterem esse versículo demonstra que não têm certeza que sentido devem fazer dele: "Para Tomé, Jesus era como 'um deus', especialmente nas circunstâncias miraculosas que provocaram essa sua exclamação. Alguns peritos sugerem que Tomé talvez estivesse simplesmente fazendo uma exclamação emocional de assombro, falando a Jesus, mas dirigindo-se a Deus" (pág. 29).

Nenhuma dessas explicações convence muito. Tratando da primeira, e supondo (como as testemunhas de Jeová) que Jesus não era Deus, se Tomé tivesse chamado Jesus de seu 'deus' numa exclamação provocada pelas

'circunstâncias miraculosas', isso não teria passado de superstição, e teria exigido uma repreensão (compare At 14.11-15).

Quanto à segunda explicação, a idéia de um judeu devoto do século 1 ter exclamado algo semelhante a "Meu Deus!" por ter ficado atônito, é um anacronismo, que atribuiria à Bíblia algo que é comum em nossa cultura, mas virtualmente desconhecido na cultura à qual Tomé pertencia. O judaísmo do século 1 considerava qualquer emprego descuidado ou impensado das palavras *Senhor* e *Deus* como blasfêmia (pelo menos nalgum grau). Além disso, embora as pessoas freqüentemente exclamem: "Meu Deus!" ou "Meu Senhor!" ao ficarem confrontadas com alguma coisa chocante - nem em nossa cultura, nem em nenhuma outra, as pessoas exclamam: "Meu Senhor e meu Deus!" numa situação assim.

As testemunhas de Jeová raciocinam que, seja qual for o significado de João 20.28, não pode significar que Jesus seja Deus Jeová, por três razões: (1) João 17.3 diz que "apenas Jeová é 'o único Deus verdadeiro'." (2) Jesus em João 20.17 referiu-se a Jeová como Seu Deus; e (3) João 20.31 declara que o Evangelho foi escrito para demonstrar que Jesus é o Filho de Deus, e não o próprio Deus (pág. 29). Mas esse raciocínio das testemunhas de Jeová sai pela culatra. Se Jeová é o único Deus verdadeiro (e Ele o é), Jesus não pode ser o Deus de Tomé a não ser que Jesus fosse também o único Deus verdadeiro; doutra forma, Tomé estaria adorando um deus falso. O fato de que no contexto imediato Jesus chamou o Pai de "meu Deus," longe de demonstrar que Jesus era um deus inferior, demonstra que Tomé, ao chamar Jesus "meu Deus" em João 20.28, estava prestando a Jesus as mais altas honrarias possíveis. E o fato de que Jesus é o Filho de

Deus sustenta (e não contradiz) o fato de ser Ele também Deus - doutra forma, João 20.28 seria uma contradição de 20.31.

Podem ser levantadas mais duas considerações. A linguagem de "meu Senhor e meu Deus" acha-se noutros lugares na Bíblia, com referência a Jeová (Sl 35.23; Ap 4.11). Em segundo lugar, pelo menos uma publicação das testemunhas de Jeová tem declarado que quando um hebreu (isso é, um israelita ou um judeu) diz "Deus meu", está referindo-se a Jeová. (14) Esses fatos oferecem confirmação adicional de que Tomé falava de Jesus Cristo como sendo o único Deus verdadeiro, Jeová.

"Deus Poderoso"

Isaías 9.6 chama Jesus de "Deus Poderoso," que, segundo argumentam as testemunhas de Jeová, subentende que Ele é um deus inferior, porque não é chamado de "Todo Poderoso." Argumentam, ainda, que "chamar a Jeová Deus de 'Todo Poderoso' pouco significaria se não existissem outros que também são chamados de deuses, que, no entanto, ocupam uma posição inferior" (pág. 28).

Esse raciocínio é comprovadamente falso pelas seguintes considerações. Primeiro, em Isaías 10.21, um só capítulo mais adiante no mesmo Livro, *Jeová* é chamado "o Deus poderoso." Logo, o contexto não somente refuta a idéia de que a expressão "Deus Poderoso" significa um deus inferior, como também apóia a interpretação segundo a qual identifica Jesus como Jeová.

Em segundo lugar, a expressão "Deus Todo Poderoso" é muito importante, embora esse Deus Todo Poderoso seja também o único Deus genuíno e real. Por exemplo: os que

sustentam o *deísmo* dizem crer em um só Deus, mas negam que o único Deus é Todo Poderoso, e sustentam, pelo contrário, que Deus não tem a capacidade de mudar o curso da História. O argumento das testemunhas de Jeová nessa questão acaba revelando o falso conceito que têm de Deus. Acham que "Todo Poderoso" significa que Deus é simplesmente o mais poderoso, aquele que é mais forte do que todos os outros seres poderosos (inclusive um número desconhecido de "deuses poderosos"). O conceito bíblico é que "Todo Poderoso" significa que Deus possui "todo o poder," que Ele é "poderoso para tudo," Aquele para quem nada é impossível (Lucas 1.37). Logo", posto que Deus é o Deus todo Poderoso e o único Deus verdadeiro, Jesus não pode ser o Deus Poderoso sem ser o próprio Deus verdadeiro e Todo Poderoso, Jeová.

"Eu Sou"

Em João 8.58, na TNM, as palavras de Jesus são registradas assim: "Antes de Abraão vir à existência, eu tenho sido." A maioria dos tradutores traduz a parte final do versículo por "Eu sou" ao invés de "eu tenho sido." A expressão "Eu sou" tem geralmente sido entendida como eco das palavras de Jeová em Êxodo 3.14 ("EU SOU O QUE SOU" na maioria das traduções). As testemunhas de Jeová argumentam que assim não pode ser, porque (1) Êxodo 3.14 deve ser traduzido "Eu serei o que serei" ou algo assim; (2) a expressão grega em João 8.58 é mais bem traduzida: assim "eu tenho sido," ou algo semelhante; e (3) a surpresa dos judeus *diante da declaração* de Jesus que Ele tinha visto Abraão apesar de ter menos de cinqüenta anos de idade (João 8.57) demonstra (segundo as Testemunhas de Jeová) que no v. 58 Jesus estava simplesmente afirmando

que era mais velho do que Abraão (pág. 26).

Esse argumento baseia-se principalmente em meias verdades. A segunda metade do meu livro: *Jehovah's Witnesses, Jesus Christ, and the Gospel of John*, que a Sociedade Torre de Vigia e várias testemunhas de Jeová individualmente foram convidadas a avaliar, é um estudo exaustivo desse versículo, e demonstra que é errônea a interpretação que as testemunhas de Jeová fazem dele. (15) Aqui, só levantarei algumas questões mais simples que ali foram tratadas.

Primeiro, embora seja verdade que a expressão em Êxodo 3.14 seja provavelmente mais bem traduzida como "Serei o que serei," o assunto não se esgota aí. Entre outras coisas: realmente não há muita diferença, quanto ao sentido, entre essa tradução e "Eu sou o que sou." As duas expressões dão a entender que Deus é completo em Si mesmo, e que somente Ele determina o que ou quem Ele é, e o que Ele fará, e que simplesmente ser quem Ele é bastará para satisfazer as necessidades do Seu povo. (16) Além disso, a Septuaginta, a tradução principal do Antigo Testamento em grego que circulava no século I, traduziu Êxodo 3.14 como "Eu sou Aquele que é" (*egō eimi ho ōn*), e os leitores do Evangelho segundo João que conheciam a Septuaginta poderiam facilmente ter notado um paralelo com Êxodo 3.14 no texto grego de João 8.58, onde as palavras "eu sou" também são *egō eimi*. Não falta probabilidade, portanto, de haver uma conexão entre os dois trechos. (17)

Em segundo lugar, a tradução "Eu sou" para as palavras de Jesus *egō eimi* em João 8.58 deve certamente ser preferida a "Eu tenho sido" ou qualquer outra tradução dessa natureza. Debati exaustivamente as questões gramaticais no meu livro anterior. (18) Aqui, simplesmente

quero indicar que as palavras *egō eimi* aparecem em toda parte no Evangelho segundo João, e sempre (ao serem faladas por Jesus) com a maior relevância, sendo sempre traduzidas (até mesmo na TNM) por "Eu sou" (João 4.26; 6.35, 48, 51; 8.12, 24, 28, 58; 10.7, 11, 14; 11.25; 14.6 15.1, 5; 18.5, 6, 8). Esses ditos com "Eu sou" obviamente existem em mútuo relacionamento deliberado, e essa conexão se perderia se *egō eimi* em João 8.58 fosse traduzido por "Eu tenho sido." Portanto, a tradução "Eu sou" que se acha na maioria das versões é correta, e não as formas do tempo passado do verbo que aparecem noutras versões.

Outra coisa que a TNM perde é a conexão entre João 8.58 e as declarações de Jeová, na forma de "Eu sou" no livro de Isaías. A maioria dos estudiosos bíblicos que têm escrito exaustivamente sobre esse assunto concordam que essas declarações "Eu sou" em Isaías são ainda mais relevantes para João 8.58 do que as palavras de Deus em Êxodo 3.14. A TNM traduz essas declarações como "Eu sou o mesmo" ou "Eu sou o Mesmo," que esconde ainda mais o paralelo. Em hebraico dizem literalmente "Eu [sou] ele," e na Septuaginta foram traduzidas por *egō eimi*, "Eu sou" (Is 41.4; 43.10; 46.4; 52.6; cf. 45.18). (19)

Em terceiro lugar, a alegação das testemunhas de Jeová que em João 8.58 Jesus estava meramente asseverando que Ele era mais velho do que Abraão não se encaixa no contexto. É verdade que os judeus ressaltaram que Ele ainda não tinha cinqüenta anos (v. 57). Não se tratava, porém, de uma pergunta a respeito da Sua idade real (pois nenhum ser humano do século I teria a mínima possibilidade de ter vivido nos dias de Abraão, uns 2.000 anos antes!) A questão realmente em debate na totalidade do capítulo 8 é a identidade de Jesus (João 8.12, 19, 24,

25, 28, 53). A pergunta, então, tratava realmente de quem Jesus pensava ser (sendo Ele um homem na vida plenamente adulta) para alegar que tinha visto Abraão. (20)

Nesse contexto Jesus não declara meramente ser Ele mais velho do que Abraão. A mesma coisa poderia ter sido reivindicada por Gabriel, pelos anjos, ou até mesmo pelo Diabo. Devemos realmente acreditar que Gabriel ou o Diabo poderia dizer: "Antes que Abraão existisse, Eu sou"? A verdade é que essa declaração era uma reivindicação por ser Ele *eterno*, existente sem começo, por contraste com Abraão, que teve um começo. Essa verdade encaixa-se no contexto em que Jesus declarava ser maior do que Abraão (vv. 52-57). Harmoniza-se, também, com a linguagem exata que foi empregada, e que contrasta "veio a existir" com "sou." (21) Esse mesmo contraste, que emprega até mesmo as palavras idênticas, acha-se na tradução na Septuaginta do Salmo 90.2, que diz a Jeová: "Antes de os montes serem *levados à existência...* de eternidade a eternidade *tu és*." (22) Posto que as testemunhas de Jeová reconhecem que no Salmo 90.2 a linguagem indica que Jeová é eterno, assim também devem reconhecer que a linguagem de Jesus em João 8.58 indica a mesma coisa a respeito dEle mesmo.

"Igual a Deus"

Filipenses 2.6, na TNM, diz a respeito de Cristo: "O qual, embora existisse em forma de Deus, não deu consideração a uma usurpação, a saber, que devesse ser igual a Deus." As testemunhas de Jeová argumentam que aqui Paulo está dizendo que Jesus não era igual a Deus e nem sequer considerava tentar fazer-se igual a Deus.

Reconhecem que esse versículo tem sido entendido no sentido de Jesus ter sido igual a Deus, mas que Ele não considerava a igualdade com Deus como algo que precisava manter firme, mas argumentam que a palavra *harpagmos* ("uma usurpação," TNM) não pode ter aquele significado. Procuram apoio no comentário de Ralph Martin, que citam: "É questionável, porém, se o sentido do verbo [*harpazõ*, o verbo do qual se forma *harpagmos*] pode desviar de seu sentido real de 'usurpar,' 'arrebatar violentamente,' para o de 'reter com firmeza'" (pág. 25).

No entanto, Ralph Martin (cujo livro anterior sobre Filipenses 2.5-11 tornou-o geralmente considerado a autoridade principal na interpretação desse trecho (23)) oferece uma interpretação desse versículo-chave que é diferente daquela das testemunhas de Jeová. Em primeiro lugar, Martin declara que "*subsistindo na forma de Deus* relembra a existência pré-temporal do nosso Senhor como a Segunda Pessoa da Trindade." (24)

Em seguida examina as interpretações possíveis da frase "não considerou a igualdade com Deus uma coisa a ser agarrada" (NASB). As opiniões tradicionais eram que Cristo era igual a Deus e não considerava que isso fosse errado, ou que Ele fosse igual a Deus e não se agarrou a essa condição. Essas opiniões são consideradas inadequadas. (25) Assim, temos de ficar com a opinião de que Cristo, quando estava "na forma de Deus," não procurou agarrar, ou conseguir com força, a igualdade com Deus.

Até aqui esse argumento talvez pareça uma confirmação das opiniões das testemunhas de Jeová, mas no seu livro anterior, Martin faz uma distinção importante que as testemunhas de Jeová deixam passar despercebida. Martin relaciona a "igualdade como Deus" em Filipenses 2.6 com

"igual a Deus" em João 5.18. Na base de expressões paralelas na literatura judaica rabínica, entende que as duas expressões significam, não a igualdade substancial da natureza divina que Cristo possuía desde a eternidade como a segunda pessoa da Trindade, mas uma "igualdade" independente segundo a qual Ele teria sido um Deus rival ou rebelde. Martin conclui que Cristo era por Seu próprio direito (*de jure*) igual a Deus no sentido de possuir a natureza de Deus, e poderia ter exigido que as Suas criaturas O adorassem como tal; mas Ele optou por buscar a igualdade de fato (*de facto*), sem a exigir independentemente do Seu Pai, mas, pelo contrário, por meio de humilhar-se como homem e deixar que o Pai O exaltasse. (26)

O contexto revela que esse modo de raciocínio é essencialmente correto. O própria brochura das testemunhas de Jeová chama a atenção a um aspecto desse contexto. Em Filipenses 2.3-5 Paulo diz que devemos seguir o exemplo da humildade de Cristo, e "que cada um considere os outros melhores do que a si mesmo" (v. 3 Douay, conforme é citado na brochura, pág. 25). Na base dessa declaração, a brochura conclui que Jesus "reputava a Deus como sendo melhor do que ele", e que assim negou ter qualquer tipo de igualdade com Deus (págs. 25-26). Mas essa conclusão é o inverso do argumento no contexto. Paulo não está dizendo aos cristãos que são *realmente* inferiores uns aos outros (obviamente não, pois nem todo cristão pode ser inferior a todo outro cristão!), mas que devem tratar uns aos outros *como se* a outra pessoa fosse mais importante, ou melhor. E então ele cita o exemplo supremo: Cristo, na realidade, não era inferior a Deus, e poderia ter reivindicado o direito de ser tratado como igual a Deus; mas, ao contrário, Ele optou por fazer-se o servo

de Deus e humilhar-se como homem, até o ponto da morte (vv. 7-8). Isso se encaixa com perfeição com a doutrina da Trindade, porque ensina que as três pessoas são iguais na sua natureza, mas tão perfeitas no amor que procuram glorificar umas às outras, ao invés de a si mesmas.

A outra característica principal do contexto que indica que Jesus era verdadeiramente Deus é o fato de que nos vv. 9-11 Paulo diz que Deus exaltou Jesus sobremaneira e Lhe deu "o nome que está acima de todo nome," a fim de que cada um confesse Jesus como *Senhor*. Conforme indica Ralph Martin, a linguagem empregada aqui (parafraseando as palavras de Jeová em Is 45.23) e o emprego da palavra *Senhor* indicam que "o nome que está acima de todo nome" é *Senhor*, a palavra que no Novo Testamento Grego substitui Jeová. (27)

As testemunhas de Jeová usualmente argumentam que isso é impossível, porque se Jesus fosse Jeová, Ele sempre teria tido aquele nome, e não precisaria ser "exaltado" por Deus nem receber aquele nome "dado." Mas esse argumento deixa desapercebida a lição do texto, que é que o Filho de Deus humilhou-se ao tornar-se homem, e que assim colocou-se na posição de precisar ser exaltado pelo Pai e revelado pelo Pai como o verdadeiro Senhor Jeová. Assim como Jesus era o Filho de Deus, o Messias, e o Senhor, pelo menos desde o Seu nascimento (Lc 1.35; 2.11), mas foi revelado ou declarado, pela Sua ressurreição (At 2.36; Rm 1.4), assim também Ele era Jeová, Deus na carne, o tempo todo, mas só foi publicamente exaltado pelo Pai como tal, depois de ter *sido ressuscitado dentre os mortos* (Fp 2.6-11).

Jesus Cristo, portanto, não foi um deus inferior que foi obrigado, por causa de ser mera criatura, a fazer tudo quanto Deus exigisse, nem um segundo Deus

independente, que asseverasse os Seus direitos como Deus sobre o mundo que Ele criara. Pelo contrário, Ele foi o humilde Filho de Deus, que possuía a natureza de Deus e que tinha todo o direito de ser reconhecido como tal, mas que voluntariamente escolheu, por causa do Seu grande amor, humilhar-se diante do Pai e servir a Deus e os homens como o Salvador do mundo, dependendo do Pai para exaltá-Lo segundo a Sua perfeita vontade.

Jesus como Deus; não apenas um título

Além dos trechos bíblicos considerados até agora nesse capítulo, existem mais quatro textos na Bíblia que não foram estudados na brochura das testemunhas de Jeová, mas que dão testemunho claro da verdade que Jesus Cristo é Deus Jeová. Esses textos também demonstram por que é tão importante reconhecer Jesus como Deus. Esses quatro textos são: Tito 2.13, "do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus"; 2 Pedro 1.1, "nosso Deus e Salvador Jesus Cristo"; 1 João 5.20, que chama Jesus Cristo "o verdadeiro Deus e a vida eterna"; e Hebreus 1.8-12, que chama *Cristo Deus* e *Senhor*.

A tradução dos dois primeiros desses textos é freqüentemente disputada. E assim, a TNM os traduz como "do grande Deus e [do] Salvador de nós, Cristo Jesus" (Tito 2.13) e "de nosso Deus e [do] Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 1.1). Mas o acréscimo da palavra *do* entre parênteses (que indica que não se acha no grego original), tentando fazer "Deus" uma pessoa diferente do "Salvador," é incorreto (a despeito do fato de que alguns tradutores tenham feito assim). Esses trechos seguem exatamente a mesma construção que se acha nas expressões "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo," "o Senhor e Salvador

Jesus Cristo," e "o Senhor e Salvador" (2 Pedro 1.11; 2.20; 3.2, 18). Essa construção em grego liga dois substantivos por meio da palavra grega *kai* (que significa "e"), e coloca o artigo definido "o" na frente do primeiro substantivo, mas não do segundo (p.e., "o Senhor e Salvador"). A verdade é que cada vez que essa construção ocorre, quando os substantivos estão no singular e são substantivos comuns que descrevem pessoas (Pai, Filho, Senhor, Salvador, irmão, etc.), os dois substantivos são usados para se referirem à mesma pessoa. (28) Portanto, a construção usada, e especialmente a maneira de Pedro a usar noutros lugares, apóia enfaticamente a conclusão de que em 2 Pedro 1.1 Jesus é chamado "Deus."

Em Tito 2.13 o contexto também apóia essa interpretação. Primeiro, a palavra grega traduzida *manifestação* (ou *aparecimento* nalgumas traduções) é *sempre usada por Paulo com referência a Cristo somente* (2 Ts 2.8; 1 Tm 6.14; 2 Tm 1.10; 4.1, 8; Tito 2.13). Isso faz sentido, posto que Jesus Cristo é a representação ou manifestação visível de Deus (João 1.18; Cl 1.15; Hb 1.2; etc.). Em segundo lugar, três vezes em Tito a expressão "nosso Salvador" é usada com referência a Deus (1.3; 2.10; 3.4) e então imediatamente depois com referência a Cristo (1.4; 2.13; 3.6). Em todos esses seis textos, as palavras "nosso Salvador" têm o artigo definido grego diante delas, excetuando-se Tito 2.13. A explicação mais fácil (e talvez a única) dessa omissão é que o artigo definido antes de "Deus" ("o grande Deus e Salvador de nós") serve como o artigo dos dois substantivos.

1 João 5.20 termina assim: "... seu Filho Jesus Cristo. Esse é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (TNM). Os estudiosos bíblicos discordam entre si quanto à expressão "o verdadeiro Deus": se é aplicada aqui a Jesus Cristo, ou

ao Pai, de quem Jesus Cristo é o "Filho". As testemunhas de Jeová, naturalmente, insistem em que o Pai está sendo chamado o verdadeiro Deus. Gramaticalmente, existe essa possibilidade (mas não é a interpretação mais óbvia ou fácil), mas o contexto indica o contrário. A declaração: "Esse é o verdadeiro Deus *e a vida eterna*" refere-se claramente a uma só pessoa que é tanto "o verdadeiro Deus" quanto "a vida eterna." Mas em 1 João 1.2 Jesus Cristo é identificado como "a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada" (TNM). Nesta epístola, portanto, João começa e termina com uma referência a alguém chamado "a vida eterna" - e no começo da epístola é *forçosamente* Jesus, ao passo que, no fim, a gramática sugere com a maior naturalidade que também é Jesus. Tanto a gramática como o contexto, portanto, indicam muito fortemente a conclusão de que é Jesus Cristo que *está sendo chamado "o verdadeiro Deus e a vida eterna."*

Esses três textos revelam que não podemos conhecer Jesus como "Salvador," como a fonte da "vida eterna," sem também O conhecermos como "nosso grande Deus," "o verdadeiro Deus." É somente porque Jesus Cristo é Deus que Ele nos pode salvar. (29)

Finalmente, Hebreus 1.8-12 é um dos trechos mais poderosos na Bíblia no assunto de Jesus como Deus. Os primeiros versículos de Hebreus já declaram que o Filho é o "herdeiro de todas as coisas" (v. 2a; cf. Cl 1.15-17), Aquele através de quem tudo foi feito (v. 2b), a "expressão exata" do próprio Ser de Deus (v. 3a), Aquele que "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder" (v. 3b), e que realizou a nossa salvação (v. 3c), que é melhor do que todos os anjos (v. 4), e que é adorado pelos anjos (v. 6). O Filho, portanto, já foi descrito como Deus, em essência, identificado como o Criador, Sustentador, Dono e Salvador,

a Quem é atribuída adoração pelos habitantes do Céu. Não deve se constituir uma surpresa, portanto, que no v. 8 Deus Pai diga "acerca do Filho: 'O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre...'"

Para contornar essa declaração nítida, a TNM traduz assim o v. 8: "Deus é o teu trono para todo o sempre..." Na dependência só de considerações gramaticais, essa tradução seria possível, e alguns estudiosos bíblicos a têm favorecido. Se for aceita essa interpretação, o sentido da declaração será o de que Deus é a origem da autoridade de Jesus.

Essa, portanto, parece ser uma maneira incomum, ou até mesmo completamente estranha, de dizer isso. Nas Escrituras, um "trono" não é a fonte da autoridade da pessoa, mas a posição ou lugar de onde ela governa. Sendo assim, o Céu é chamado "o trono de Deus" (Mt 5.34). Por certo, Deus não deriva a Sua autoridade do Céu, nem de qualquer pessoa ou objeto! Mas mesmo supondo que "Deus é o teu trono" fosse entendido assim, não faz sentido no contexto. O escritor de Hebreus está citando o Salmo 45.6 e aplicando-o ao Filho a fim de demonstrar que o Filho é muito maior do que qualquer dos anjos. Entretanto, esse versículo não O faz de nenhum modo incomparável ou maior do que os anjos, posto que essas palavras podiam ser ditas a respeito de qualquer um dos anjos obedientes de Deus.

De qualquer maneira, a citação seguinte dos Salmos não deixa lugar para dúvidas. Continuando a falar a respeito do Filho, o escritor de Hebreus cita estas palavras *(Hb 1.10-12 TNM):*

> Tu, ó Senhor, lançaste no princípio os alicerces da própria terra, e os céus são obras das tuas mãos. Eles é que

> perecerão, mas tu és que hás de permanecer continuamente; e todos eles envelhecerão qual roupa exterior, e tu os enrolarás assim como a uma capa, como a uma roupa exterior; e eles serão mudados, mas tu és o mesmo, e os teus anos nunca se acabarão.

No contexto do Salmo 102.25-27 do qual foi feita essa citação, essas palavras são faladas a respeito de Jeová. Se o Filho não era Jeová, não era correto da parte do escritor de Hebreus citar essas palavras a respeito de Jeová e aplicá-las a Jesus na tentativa de comprovar que Ele era superior aos anjos. Além disso, o que esses versículos dizem a respeito de Jesus só pode ser aplicado a Jeová - a saber, que Ele criou os céus e a terra (cf. Is 44.24) e que Ele é imutável e eterno pela Sua própria natureza.

A totalidade do primeiro capítulo de Hebreus, portanto, testifica que o Filho, Jesus Cristo, é Ele mesmo Deus. Não é mera questão de possuir o título *Deus*, embora *Ele* realmente o possua. É questão de ser Ele Aquele que nos criou, sustenta, e salva; Aquele a quem deve ser prestado culto; Aquele que tem o direito de reinar no trono por toda a eternidade. Essas coisas aplicam-se somente a Deus Jeová, e é o zelo pela grandeza e caráter incomparável de Deus Jeová que exige que essas coisas sejam admitidas como descrições de Jesus tão-somente se Ele é realmente o próprio Jeová.

Jesus como Jeová

A quantidade de matéria na Bíblia que sustenta o ensino de que Jesus Cristo é Jeová Deus é realmente assombrosa. Aqui, só temos espaço para resumir uns poucos dos textos mais notáveis nesse sentido que ainda

não examinamos.

Já mencionamos Filipenses 2.9-11, que diz que Jesus recebeu "o nome que está acima de todo nome," o nome *Senhor*, ou Jeová. Romanos 10.9-13 é ainda mais claro. Aqui, somos ensinados a confessar Jesus como *Senhor* (vv. 9-10), com fé efetiva de que ninguém que confia nEle, Jesus, a rocha na qual os judeus tropeçaram, será decepcionado (v. 11; cf. 9.33), porque Ele é *Senhor* tanto para os judeus como para os gregos, rico para com todos os que O invocam pedindo a salvação (v. 12). Então o v. 13 conclui que quem invocar o nome do *Senhor* será salvo. No contexto, forçosamente se trata de Jesus, pois é Ele o Senhor que precisa ser invocado por aqueles que querem ser salvos, conforme os vv. 9-12 acabaram de dizer; mas a TNM traduz "Senhor" aqui como "Jeová," porque é uma citação de Joel 2.32, onde o hebraico original tem o Nome Divino! Sendo assim, Jesus é identificado aqui como Jeová. 1 Pedro 2.3 é semelhante, pois é uma citação quase literal de Salmo 34.8, onde o *Senhor* é Jeová; mas os vv. 4-8 também deixam claro que o *Senhor* no v. 3 é Jesus. (30)

Além do nome *Jeová* e o título *Deus*, Jesus tem outros títulos que pertencem exclusivamente a Jeová. Jesus é *o primeiro e o último* (Ap 1.17; 22.13; cf. Is 44.6). Ele é *o Rei dos reis e Senhor dos senhores* (1 Tm 6.15; Ap 17.14; 19.16). Revela-se que Jesus é Deus mediante os seguintes títulos usados no sentido espiritual e ulterior: *Salvador* (Lucas 2.11; João 4.42; 1 João 4.14; cf. Is 43.11; 45.21-22; 1 Tm 4.10), *Pastor* (João 10.11; Hb 13.20; cf. Sl 23.1; Is 40.11), e *Rocha* (1 Co 10.4; cf. Is 44.8).

Jesus também recebe as honrarias devidas somente a Jeová Deus. Ele deve receber a mesma honra concedida ao Pai (João 5.23). Deve ser temido (Ef 5.21), receber amor

absoluto (Mt 10.37), e ser o objeto da mesma fé que temos em Deus (João 3.16; 14.1). Ele recebe orações (João 14.14; Atos 7.59-60 comparado com Lucas 23.34, 46; Rm 10.12-13; 1 Co 1.2, etc.), adoração (Mt 28.17; Hb 1.6), e serviço sagrado (Ap 22.3).

Jesus também possui as características ou atributos exclusivos de Deus. Ele é exatamente igual a Deus, a própria imagem do Seu Pai (Cl 1.15; Hb 1.3). Toda a plenitude da natureza de Deus habita em Cristo na forma corpórea (Cl 2.9). Noutro livro, as testemunhas de Jeová fazem esse comentário interessante a respeito de Colossenses 2.9: "O fato de Jesus ser verdadeiramente 'divindade,' ou 'de natureza divina,' não faz com que ele, como Filho de Deus, seja coigual e coeterno com o Pai, assim como o fato de todos os humanos fazerem parte da 'humanidade' ou da 'natureza humana' não faz com que sejam coiguais ou todos da mesma idade." (31) É lógico que as pessoas que compartilham da natureza humana não têm a mesma idade, mas isso é porque todos os seres humanos têm um começo. Mas a lição em pauta é que assim como um filho humano é tão "humano" quanto o seu pai, assim também Jesus Cristo, que em Colossenses 2.9 é declarado plenamente "divino," é, portanto, não menos divino que Seu Pai.

A Bíblia também cita atributos específicos que Deus possui exclusivamente, e que Cristo possui. Ele existe por Si mesmo (João 5.26); é imutável (Hb 1.10-12; 13.8); é eterno (João 1.1-2; 8.58; 17.5; Cl 1.17; Hb 1.2,12); é onipresente, atributo este que as testemunhas de Jeová negam mesmo a Deus (Mt 18.20; 28.20; Ef 1.23; 4.10; Cl 3.11); e além do entendimento humano (Mt 11.25-27).

Este último fato merece ser enfatizado. O ensinamento bíblico de que Jesus Cristo é Jeová, o Senhor de todos,

Deus existente na carne, acha-se em todas as partes do Novo Testamento. Mesmo assim, esta verdade permanece oculta àqueles que buscam a Deus segundo as regras impostas por eles, que exigem que Ele seja compreensível a eles. Ninguém poderá saber que Jesus Cristo é o Senhor Jeová à parte da revelação do Espírito Santo (1 Co 12.3). E, de modo apropriado, é ao assunto do Espírito Santo que agora dirigimos a nossa atenção.

8

O Espírito Santo é uma força?

As testemunhas de Jeová acreditam que não existe nenhuma pessoa chamada "o Espírito Santo." Pelo contrário, acreditam que "espírito santo" é uma força impessoal. Dentro em breve passaremos a considerar o ensinamento bíblico relevante a essa questão. Mas, em primeiro lugar, será útil relacionar essa doutrina com as crenças das testemunhas de Jeová a respeito de Deus.

Por que o Deus das testemunhas de Jeová precisa de uma força

Segundo a brochura das testemunhas de Jeová, espírito santo é "uma força controlada que Jeová Deus usa para realizar uma variedade de propósitos" (pág. 20). Deus usa

essa "força ativa" para criar, para esclarecer os seus servos, para transmitir informações ao seu povo (como as ondas do rádio), para energizar as pessoas para serem corajosas e para fazer coisas que normalmente estariam além da capacidade humana e para executar os Seus juízos (págs. 20-22).

Mas por que o Deus das testemunhas de Jeová precisa de semelhante força? Pela simples razão porque acreditam que Jeová não é onipresente. Acreditam que Deus tem um corpo composto de espírito, que está localizado nalgum lugar nas alturas do céu, sem dúvida bem longe, mas pelo menos nalgum lugar dentro do universo físico do tempo e do espaço. (1) Tudo isso contradiz a Bíblia, que ensina que Deus *criou* os céus (Gn 1.1; Sl 102.25-27; Is 44.24; Hb 1.10-11; etc.); se Deus criou os céus, onde estava Seu "corpo espiritual" antes dEle os ter criado? A Bíblia ensina que Deus não pode ser contido dentro dos céus (1 Rs 8.27; Is 66.1; At 7.48-49), que Ele enche o universo (Jr 23.23-24; At 17.27-28), e que semelhantemente Cristo, que também é Deus, está presente em todos os lugares (Mt 18.20; 28.20) e que enche todas as coisas (Ef 1.23; 4.10; Cl 3.11). Mas as testemunhas de Jeová negam essas verdades. Na opinião delas, Deus está limitado em qualquer localidade que Seu corpo espiritual ocupar.

Conseqüentemente, o Deus adorado pelas testemunhas de Jeová precisa de muita ajuda para fazer cumprir a Sua vontade. Depende muito das Suas legiões de anjos para levarem os Seus recados, para descerem à Terra e descobrirem o que está acontecendo e então voltar para informá-Lo, para executarem os Seus planos, e assim por diante. (Por contraste, o cristianismo ortodoxo ensina que Deus não precisa dos Seus anjos para fazer coisa alguma, mas simplesmente se apraz em operar através deles a fim

de deixá-los deleitar-se em fazer parte da Sua grande obra no universo). Mas para qualquer coisa que Ele mesmo faz, precisa operar através da força impessoal chamada "espírito santo." Diferentemente do próprio ser de Deus, "o espírito de Deus pode alcançar toda parte" (pág. 21). Quando, portanto, o Salmo 139.7-12 diz que o próprio Jeová está em todos os lugares, as testemunhas de Jeová entendem que isso significa que Ele tem a capacidade de exercer a Sua influência em todos os lugares mediante a atividade dessa Sua força.

Sempre deve ser mantido em mente que as testemunhas de Jeová não acreditam no mesmo tipo de Deus que os cristãos ortodoxos, menos a doutrina da Trindade. Não acreditam no mesmo tipo de Deus, de modo nenhum. O Deus ortodoxo é absolutamente infinito, o Criador do espaço, do tempo, da matéria e da energia, que transcende todas as limitações finitas, Onipresente, Onipotente, Onisciente. O Deus das testemunhas de Jeová não é *nenhuma* dessas coisas.

Surge um enigma curioso quando perguntamos a respeito da natureza da "força" de Deus. Não é Deus, segundo as testemunhas de Jeová, pois é uma força impessoal que Deus *emprega*. Nem é uma coisa criada, pois Deus a empregou para criar todas as coisas. De onde, pois, surgiu? Se não é nem Criador nem criatura, nem Deus nem coisa criada, o que é?

Parece que existem apenas duas maneiras de responder a essa pergunta (que as testemunhas de Jeová parecem ter deixado sem resposta). Essa força pode ser considerada uma fonte de energia que emana do próprio corpo espiritual de Deus. Mas assim surge a dúvida perturbadora de se é infinito o suprimento que Deus tem dessa força. Se ele tem um corpo finito composto de uma quantidade limitada de

espírito, pode esgotar-se a quantidade de espírito à sua disposição? Ou ele tem algum jeito de reciclá-lo? A outra maneira de responder à pergunta é dizer que essa força coexiste lado a lado com Deus por toda a eternidade, e que ele a emprega para os seus propósitos. Mas nesse caso, teríamos algo fora de Deus, que existe eternamente, independentemente de Deus - algo que ele não criou e, portanto, que ele não pode destruir. Essas duas explicações não servem para ajudar na resposta a outra pergunta - a saber, como Deus, que está localizado nalgum lugar muito distante, consegue controlar essa força a partir de uma distância de tantos trilhões de quilômetros.

Essas perguntas podem parecer levianas, mas se constituem em problemas graves para as testemunhas de Jeová que insistem que conseguem compreender o Deus a quem adoram. A moral da questão é que no seu zelo para evitar algum mistério, acabam se enveredando numa coisa que só se pode chamar de tolice.

O Deus trinitário não tem problemas assim. O Espírito Santo não é nada menos do que o próprio Deus. Deus está presente em todos os lugares, de modo que não tem problemas em controlar as Suas obras. Ele não precisa de nenhuma força fora de Si mesmo para fazer as Suas obras, nem precisa emanar alguma parte da Sua própria energia para lugares distantes da Sua presença a fim de "estar ali."

Já até a estas alturas, uma coisa deve ficar clara - o Deus trinitário, por mais misterioso que seja, é um Deus muitíssimo mais grandioso do que aquele que é adorado pelas testemunhas de Jeová. Um Deus assim tão grandioso merece muito mais respeito, honra, e louvor, e Ele nos dá motivo de tanta maior confiança na Sua capacidade de fazer o que promete.

Mas o que diz a Bíblia a respeito do Espírito Santo? Ensina que o Espírito Santo é uma pessoa, ou não? O Espírito Santo é Deus, ou algo que Deus usa?

Que o Espírito Santo é uma pessoa divina pode ser visto em Atos cinco, onde Pedro diz a Ananias, primeiramente que este "mentiu ao Espírito Santo" e em seguida: "Não mentiste aos homens, mas a Deus" (Atos 5.3,4). A TNM coloca "trapacear" no lugar de "mentir ao", talvez para diminuir o impacto das palavras "mentir ao Espírito Santo" mediante o emprego de uma expressão não tão obviamente pessoal. Mas fora disso, a implicação fica bastante clara: O Espírito Santo é uma pessoa a quem se pode mentir, e é equiparado com Deus.

Há, na realidade, numerosas referências ao "Espírito Santo," ou, freqüentemente, simplesmente ao "Espírito," que subentendem claramente que Ele é uma pessoa. Neste capítulo, examinaremos primeiro aqueles trechos que são mencionados pela brochura das testemunhas de Jeová, e depois passaremos a uns poucos trechos de grande importância que ela não menciona.

O nome do Espírito Santo

Mateus 28.19 diz que os cristãos devem ser batizados "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." Posto que se sabe que o Pai e o Filho são pessoas, e posto que a palavra *nome* é empregada aqui com referência ao Espírito Santo também, pareceria que o Espírito Santo está sendo referido como pessoa também aqui.

A brochura das testemunhas de Jeová oferece duas considerações para tentar repudiar esse argumento. Primeiro, declaram que "a palavra 'nome' nem sempre significa um nome pessoal, quer em grego quer em

português," e oferecem como exemplo a expressão "em nome da lei" (pág. 22). Não oferecem, porém, nenhum exemplo do grego bíblico. Na realidade, a palavra grega que significa "nome" *(onoma)* é empregada cerca de 228 vezes no Novo Testamento, e, excetuando-se quatro nomes de localidades (Mc 14.32; Lc 1.26; 24.13; At 28.7; cf. Ap 3.12) sempre se refere a pessoas. Procurar lançar a expressão idiomática moderna "em nome da lei" para dentro do texto de Mateus 28.19, tão antigo, é simples anacronismo.

Em segundo lugar, a brochura cita *Word Pictures in the New Testament* ("Quadros Verbais no Novo Testamento"), de A.T. Robertson, dizendo que a palavra nome é usada "para poder ou autoridade." Isso é verdade, naturalmente, mas sempre representa o poder ou autoridade dalguma *pessoa*, e nunca alguma força impessoal. Uma força impessoal não pode ter autoridade; somente uma pessoa o pode. As ondas sonoras, a eletricidade, as energias, as forças, e coisas semelhantes, não possuem nenhuma autoridade ou poder pessoal.

Percebe-se facilmente que o modo de interpretação dos trinitários de Mateus 28.19 encaixa-se melhor no texto do que a interpretação das testemunhas de Jeová. Segundo as testemunhas de Jeová, Jesus aqui ordena que os cristãos sejam batizados em nome do Deus eterno pessoal Jeová, do deus inferior angelical criado, Jesus, e da força ativa impessoal que Deus emprega de modo desconhecido. Segundo os trinitários, Jesus nos mandou batizar em nome das pessoas divinas do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

O Outro Ajudador

Em João caps. 14-16 Jesus fala extensivamente a respeito do Espírito Santo, chamando-O o "Ajudador" ou

"Consolador" (grego *paraklêtos*). A única consideração feita pela brochura da Torre de Vigia no tocante ao ensino desse trecho a respeito do Espírito Santo é trivial. Indica que o emprego de pronomes masculinos com referência ao Espírito Santo não comprova que Ele é pessoa, mas é imposto pela gramática, posto que *paraklêtos* é um substantivo masculino. Embora alguns escritores tenham tirado desses pronomes masculinos conclusões demasiadas, existe muito mais nessa passagem que testifica de personalidade do Espírito.

Em primeiro lugar, há o emprego por Jesus da expressão "outro ajudador" (João 14.16 TNM). A palavra *outro* subentende claramente que há um primeiro "Ajudador" (ou: "Consolador"), que é Jesus Cristo; e na primeira Epístola de João, este chama Jesus explicitamente de nosso "ajudador ou advogado junto ao Pai" (1 João 2.1 TNM). Posto que o primeiro Ajudador, Jesus Cristo, é uma pessoa, normalmente esperaríamos que o outro Ajudador também fosse uma pessoa. Essa expectativa é confirmada pelo emprego da palavra *paraklêtos*, que parece ter sido usada quase sempre no sentido de um conselheiro jurídico, um representante pessoal, um advogado, defensor ou ajudador. (2) No contexto, Jesus está dizendo que, embora Ele esteja de partida, os discípulos não serão deixados sozinhos, porque o Espírito virá para ser outro Ajudador.

Pouco depois de ter feito essa promessa, Jesus diz aos discípulos que "o Ajudador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse VOS ensinará todas as coisas e VOS fará lembrar todas as coisas que eu VOS disse" (14.26 TNM). Aqui somos informados que o Espírito Santo será enviado em nome de Jesus; não se fala normalmente em enviar uma força ou uma energia, e muito menos em enviar uma força impessoal em nome de alguém! E,

imediatamente em seguida, somos informados que o Espírito Santo ensinará aos discípulos tudo quanto precisam saber.

Posteriormente, Jesus diz aos discípulos: "Quando chegar o Ajudador que eu vos enviarei do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, esse dará testemunho de mim, e vós igualmente haveis de dar testemunho..." (15.26-27 TNM). Diz-se, de novo, que o Ajudador é enviado; ele "chega", palavra esta que não se diz normalmente a respeito de uma força (tal como uma onda de rádio); e ele realiza ainda mais uma função pessoal, o de dar testemunho de Cristo. É notável que os discípulos são ordenados a dar testemunho depois de receberem o testemunho dado pelo Espírito; mais uma vez, a implicação é que os dois atos de dar testemunho são atos pessoais.

A explicação mais extensiva feita por Jesus do ministério do Ajudador aparece no capítulo 16. Aqui, Jesus diz aos discípulos que, quando Ele for embora, "enviará" a eles o Ajudador (16.7). Quando o Ajudador "chegar, dará ao mundo evidência convincente a respeito do pecado, e a respeito da justiça, e a respeito do julgamento" (16.8 TNM). Além disso, "quando esse chegar, o espírito da verdade, ele VOS guiará a toda a verdade, pois não falará de seu próprio impulso, mas falará as coisas que ouvir e VOS declarará as coisas vindouras. Esse me glorificará, porque receberá do que é meu e VO[-lo] declarará" (16.13-14 TNM). De novo, é dito que o Espírito Santo é enviado e que chega; vem trazer evidências de como o mundo atenta ao pecado, do padrão divino da justiça, e do juízo iminente de quem não se arrepender. Guia os discípulos a toda a verdade. Não fala por sua própria iniciativa, mas diz tudo quanto ouve da parte de Jesus e do Pai, procurando só glorificar a Cristo. Certamente é absurdo dizer que uma

força impessoal dirá nada por conta própria, mas somente o que ela ouvir dizer. O Espírito Santo é descrito aqui como sendo humilde, abnegado, e zeloso só pela glória do Filho. Nenhum atributo é mais pessoal do que a humildade!

Reconhecemos que é possível escolher *algumas* das características da doutrina dessa passagem a respeito do Espírito Santo e imaginar como poderiam ser aplicadas a uma força impessoal. Mas a totalidade dessas características receberá sua explicação mais fácil se o Espírito for considerado como uma pessoa, e algumas das coisas ditas a respeito do Espírito simplesmente não podem fazer sentido na base de qualquer outra interpretação.

O Espírito Santo vs. espíritos impuros

As testemunhas de Jeová reconhecem que a palavra *espírito* pode referir-se a uma pessoa. Sendo assim, reconhecem que Jeová é uma pessoa; consideram que Jesus é um espírito, e também uma pessoa; sustentam que o Diabo e os seus demônios, sendo todos eles espíritos maus, também são pessoas; e acreditam que alguns cristãos serão ressuscitados como espíritos, e que viverão no Céu como pessoas espirituais.

Deve ser admitido como possível, portanto, que "o Espírito Santo" também é uma pessoa. Conforme já vimos, existem algumas evidências em favor dessa conclusão. Outra linha importante de evidência provém do fato de que a Bíblia contrasta o Espírito Santo com espíritos impuros. Existem pelo menos três trechos no Novo Testamento onde fica explícito esse contraste.

Em Marcos 3.22 os escribas acusam Jesus de expulsar demônios "por meio do governante dos demônios" (TNM),

ou seja: com a ajuda do Diabo. Depois de argumentar que é uma contradição lógica dizer que Satanás expulsa Satanás (vv. 23-27), Jesus lhes adverte: "Deveras, eu vos digo que todas as coisas serão perdoadas aos filhos dos homens, não importa que pecados e blasfêmias cometam blasfemamente. No entanto, quem blasfemar contra o Espírito Santo, nunca terá perdão, mas é culpado de pecado eterno." Marcos acrescenta, então: "Isto, porque diziam: 'Ele tem um espírito impuro'" (vv. 28-30 TNM).

Duas coisas aqui merecem a nossa atenção especial. A primeira é que é possível blasfemar contra o Espírito Santo. Isso não comprova, por si mesmo, nem que o Espírito Santo é uma pessoa, nem que Ele é Deus, posto, que por exemplo, "a palavra de Deus" pode ser blasfemada (Tito 2.5). No entanto, o fato de que esse é o pior tipo de blasfêmia que pode ser cometido sugere enfaticamente que o Espírito Santo é o próprio Deus. Além disso, no trecho paralelo em Mateus, Jesus diz que "quem falar uma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas quem falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado..." (Mt 12.32 TNM). Aqui, falar contra a pessoa do Filho do homem é contrastado com falar contra o Espírito Santo, que é considerado muito pior. A implicação é porque o Espírito Santo é uma pessoa divina.

A segunda coisa a ser notada, e talvez ainda mais importante, é que o *Espírito Santo* é contrastado com um *espírito impuro* (Marcos 3.29-30). Isto é: Jesus, ao ser acusado de ter um espírito impuro, respondeu que, na realidade, Ele tem um *espírito santo* - o próprio Espírito Santo, na realidade. Posto que os espíritos impuros que Jesus expulsou eram entidades pessoais e não forças impessoais, assim o próprio Espírito Santo, por cujo poder Jesus os expulsou, também era uma pessoa.

Outro trecho que contém um contraste é 1 Timóteo 4.1, que diz: "Ora, *o Espírito* afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a *espíritos enganadores* e doutrinas de demônios." O contraste entre "o Espírito" e "espíritos enganadores" convida à conclusão de que "o Espírito" é uma pessoa, e não uma mera força; e essa maneira de entender é reforçada pelo fato de que se declara que "o Espírito" falou.

Esse texto indica tão claramente a personalidade do Espírito que a TNM faz uma tradução falsa, dizendo: "No entanto, a *pronunciação inspirada* diz definitivamente que nos períodos posteriores de tempo alguns se desviarão da fé, prestando atenção a desencaminhadoras *pronunciações inspiradas*...." Que essa é uma tradução falsa vê-se no fato de que os "espíritos enganadores" são ligados com "doutrinas de *demônios*," que indicam que esses "espíritos" são realmente seres malignos e não meras "pronunciações."

Outro texto onde ocorre uma tradução pervertida semelhante de "espírito" é 1 João 4.1-6, onde a frase "expressão inspirada" é empregada oito vezes no lugar da simples palavra "espírito" (*pneuma*, assim como em todos os trechos suprá). Neste contexto, esse fato fica muito significativo porque no versículo anterior, João fala a respeito do "espírito que ele nos deu" (1 João 3.24 TNM), ou seja: do Espírito Santo. A razão da sua advertência em 1 João 4.1 "não deis crédito a qualquer espírito" é que existem espíritos falsos que alegam provir da parte de Deus, mas que realmente são do Diabo. Assim fica subentendido que o Espírito que Deus tem dado a cada cristão, "o Espírito da verdade" (1 João 4.6, cf. João 14.17; 15.26; 16.13), é um espírito pessoal, da mesma maneira que o demoníaco "espírito do erro" (1 João 4.6).

Pessoa ou personificação?

Quase toda a matéria bíblica apresentada supra para sustentar a personalidade do Espírito é evitada pela brochura das testemunhas de Jeová (além de muita outra matéria que o presente livro não está discutindo). Mas, em princípio, as testemunhas de Jeová têm uma explicação para tudo isso. É simplesmente "personificação" - a praxe de descrever uma realidade impessoal como se fosse pessoal. A brochura indica que a sabedoria tem filhos (Lucas 7.35), o pecado e a morte são chamados "reis" (Rm 5.14, 21), e a água e o sangue, juntamente com o Espírito, são chamados "testemunhas" (1 João 5.8).

É verdade que realidades abstratas e impessoais são ocasionalmente personificadas dessa maneira. Mas ninguém chega a se confundir com essas figuras de linguagem. Ninguém pensa que o pecado é uma pessoa, pois noutro lugar recebe uma definição abstrata explícita como atos de incredulidade (Rm 14.23) ou como deixar de praticar o que é certo (Tiago 4.17) ou como transgressões da lei (1 João 3.4). Ninguém pensa que a morte ou a água ou o sangue são pessoas. Ninguém pensa que a sabedoria é uma pessoa, embora algumas pessoas pensem que no Livro de Provérbios, "sabedoria" às vezes retrata Cristo figuradamente. Por outro lado, a maioria das pessoas (inclusive a maioria dos antitrinitários) que já leram o Novo Testamento, têm pensado que o Espírito Santo é uma pessoa, e isso por bons motivos, conforme tem sido explicado.

Além disso, a personificação como dispositivo metafórico só serve para explicar uns poucos fatos. A não ser, talvez, nas formas poéticas e altamente simbólicas de literatura - especialmente Salmos e Provérbios, mas também Daniel

e Apocalipse - não parece haver outros exemplos de realidades impessoais personificadas e repetidas muitas vezes em seguida de modo tão firme como o Espírito Santo é "personificado" em João caps. 14 - 16. Onde quer que realidades pessoais sejam personificadas, conforme foi notado, o fato de serem impessoais já é muito bem conhecido. Dizer, portanto, que todos esses trechos bíblicos que falam do Espírito Santo como uma pessoa são meras personificações de uma força impessoal, mesmo quando isso não sejas claramente indicado na Bíblia, é dar a entender que a Bíblia está nos enganando a respeito da natureza do Espírito Santo.

As testemunhas de Jeová, no entanto, acreditam que existem tais indicações nas Escrituras da natureza impessoal do Espírito Santo. A brochura das testemunhas de Jeová oferece alguns exemplos típicos dessas indicações (págs. 21-22). Podemos comentá-los resumidamente como exemplos do raciocínio errôneo mediante o qual as testemunhas de Jeová negam que o Espírito Santo é uma pessoa.

Supostamente, o Espírito Santo algumas vezes é equiparado com o poder de Deus (Jz 14.6; Lc 5.17). Mas, na realidade, nenhum desses textos *diz* que o Espírito Santo é o poder de Deus. De fato, Juízes 14.6 não chega realmente a usar a palavra *poder ou qualquer sinônimo* (BLH diz: "Mas o Espírito do Deus Eterno fez Sansão ficar forte" - diferentemente daquela versão em inglês, TEV, que segundo a paráfrase referida pelas testemunhas de Jeová, diz "poder" em vez de "Espírito"), e Lucas 5.17 não menciona o Espírito Santo.

O Espírito Santo apareceu na forma de uma pomba (Marcos 1.10); mas isso não comprova a impessoalidade do Espírito Santo mais do que o fato de Jeová (ou Seu anjo)

ter aparecido a Moisés como um fogo numa sarça (Êx 3.2-4) comprova que Jeová (ou Seu anjo) não é uma pessoa.

O Espírito Santo é assemelhado com o fogo (Mt 3.11; Lc 3.16); mas conforme acabamos de ver, Deus apareceu como fogo a Moisés, e a Bíblia diz noutros textos (falando figuradamente, é claro) que Deus *é* um fogo (Dt 4.24; 9.3; Hb 12.29).

Ficar cheio do Espírito é comparado com ficar bêbado com vinho (Ef 5.18); certo; mas a mesma epístola diz aos cristãos que devemos ficar cheios *de Deus* (Ef 3.19; 4.10). A lição ensinada em Efésios 5.18 é justamente que devemos entregar o controle da nossa vida, não a alguma substância impessoal (tal como o vinho), mas, sim, devemos ser controlados somente por Deus, na pessoa do Seu Espírito.

O Espírito Santo é supostamente "incluído entre várias outras qualidades" (pág. 22) em 2 Coríntios 6.6, mas segundo esse raciocínio o Espírito Santo deve ser uma qualidade, e não uma força.

Resumindo: esses argumentos demonstram, não que o Espírito Santo seja uma força impessoal, mas também que Ele age de maneiras que não são facilmente retratadas como as ações de um ser humano. Porque o Espírito Santo opera no íntimo de um número incontável de indivíduos, opera de modo invisível, e geralmente passa despercebido, Ele convida a comparação com forças impessoais nalgumas figuras de linguagem e manifestações simbólicas. Mas que Ele pessoalmente não é uma força impessoal tem sido revelado claramente através do ensino de Jesus Cristo em João caps. 14 - 16, Marcos 3, Mateus 28.19, e noutros textos bíblicos.

9

O trinitarismo no Novo Testamento

Por enquanto, neste livro, temos visto que a doutrina da Trindade foi desenvolvida na Igreja Primitiva como resposta a reinterpretações da doutrina bíblica que eram heréticas e antibíblicas - até mesmo segundo o pensamento das testemunhas de Jeová, na sua maior parte. O trinitarismo representa a unicidade absoluta de Deus e a crença de que somente Deus nos criou e de que somente Ele nos salva. Temos visto evidências de que Jesus Cristo é Deus, e de que o Espírito Santo é uma pessoa que também é Deus. E temos desenvolvido esses ensinos bíblicos em plena harmonia com as distinções claras que a Bíblia faz entre o Pai e o Filho, e com a distinção entre o Espírito Santo e o Pai e o Filho.

O que temos por enquanto, pois, são os *elementos* da doutrina da Trindade. Mas a Bíblia nos encoraja a pensar

em Deus como Pai, Filho, e Espírito Santo? Essa qualidade tríplice fica evidente na própria Bíblia, ou foi imposta artificialmente na Bíblia? Neste capítulo, veremos que a própria estrutura do ensino neotestamentário é trinitária, a despeito de faltarem alguns termos teológicos que vieram a ser usados nas formulações trinitárias em tempos posteriores.

"Textos que provam" a Trindade

A atenção é usualmente focalizada nesse contexto nos versículos tais como Mateus 28.19, onde Jesus ordena o batismo "em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." Também são mencionados comumente 1 Coríntios 12.4-6 e 2 Coríntios 13.14. E não deixam de ser textos importantes.

É interessante notar o comentário da brochura das testemunhas de Jeová sobre esses textos: "Dizem esses versículos que Deus, Cristo, e o Espírito Santo constituem uma Divindade Trina, que os três são iguais em substância, poder e eternidade? Não, não dizem, assim como o fato de alistar três pessoas, como fulano, sicrano e beltrano não significa que sejam três em um" (pág. 23). Indicam, ainda, que "Abraão, Isaque e Jacó," bem como "Pedro, Tiago e João," são mencionados juntos numerosas vezes, "o que tampouco os torna um."

Essas ilustrações, no entanto, dificilmente apóiam os argumentos das testemunhas de Jeová. Entre outras coisas, todos os três exemplos dos grupos de três pessoas são exatamente isso - grupos de três *pessoas*, cada uma delas não sendo mais nem menos uma pessoa do que as demais. E realmente, a expressão "fulano, siclano e beltrano" é geralmente usada no sentido de "quaisquer

três homens," tendo por certo que um é bem igual a outro! Da mesma maneira, Abraão, Isaque, e Jacó são três patriarcas, e Pedro, Tiago e João são três apóstolos. Se essas ilustrações demonstrarem alguma coisa, seria mais provavelmente isso: que "Pai, Filho, e Espírito Santo" refere-se basicamente a três pessoas do mesmo tipo - neste caso, três pessoas divinas - e não que se refere a um Deus todo-poderoso, um anjo criado, e uma força impessoal!

Procurando reforçar sua negação de que esses textos falam da Trindade, as testemunhas de Jeová citam da *Cyclopaedia* de McClintock e Strong, que diz que esse grupo de textos "não prova, em si mesmo, que todos os três pertençam necessariamente à natureza divina, e possuam igual honra divina" (pág. 23). Na frase imediatamente seguinte, no entanto, a *Cyclopaedia* declara que isso pode ser comprovado mediante uma "segunda classe de textos," a saber: os textos que já estudamos nos capítulos anteriores que falam de Jesus e do Espírito Santo em termos de Deus. (1)

As razões citadas por McClintock e Strong para negarem que Mateus 28.19 fala claramente de três pessoas divinas são menos que persuasivas:

> Pois *(a)* o sujeito em que a pessoa é batizada não é necessariamente uma *pessoa*, mas pode ser uma *doutrina* ou uma *religião*. *(b)* A pessoa em quem alguém é batizado não é necessariamente Deus, conforme vemos em 1 Co 1.13: "Fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?" (c) A conexão entre esses três sujeitos não comprova sua *personalidade* ou *igualdade*. (2)

Respondendo, podemos indicar os seguintes fatos:
(a)Embora não tenha sido oferecida nenhuma

exemplificação, podemos reconhecer que seja possível falar em ser batizado numa doutrina ou religião. No entanto, a expressão "batizando-os *em nome de*" comprova, além de toda a dúvida, que há alusão a pessoas. Além disso, sabemos que o Pai e o Filho são pessoas, de modo que fica mais natural entender que o Espírito Santo também é uma pessoa - e muito ilógico e forçado negar essa conclusão.

(b) Em 1 Coríntios 1.13 Paulo está expressando seu horror diante da idéia de haver quem batize outras pessoas em nome dele. Ele não está dizendo que o batismo pode ser realizado em nome de uma criatura tal como ele mesmo - pelo contrário, está repudiando semelhante prática. Além disso, já sabemos que o Pai é Deus, de modo que a coordenação do Filho e do Espírito com o Pai tende a apoiar o fato de serem Deus, também.

(c) A mera conexão do Pai, do Filho e do Espírito Santo não comprova *por si só* que cada um é uma pessoa divina em um só Deus; mas a ordem de batizar em nome deles, compreendida juntamente com o fato de que se sabe que os dois primeiros são pessoas, comprova *no mínimo* que o Espírito Santo é uma pessoa, e subentende fortemente que todas as três são Deus.

No tocante a 2 Coríntios 13.14, a brochura das testemunhas de Jeová (pág. 23) cita a seguinte declaração da *Cyclopaedia*: "Não podemos com justiça inferir que elas possuíam *igual autoridade,* ou a mesma natureza." Em isolamento, isso é provavelmente certo. Mas a *Cyclopaedia* diz, na primeira parte da mesma frase, que "podemos inferir, mediante o paralelismo entre o terceiro membro do trecho com os dois anteriores, a *personalidade* do Espírito Santo." (3)

Um outro texto que comprova a Trindade precisa ser mencionado. Quando Jesus é batizado, o Espírito Santo

desce simbolicamente sobre Ele como pomba, e o Pai proclama que Jesus é o Seu Filho (Mt 3.16-17; cf. Marcos 1.10-11; Lc 3.21-22; João 1.32-34). A brochura das testemunhas de Jeová argumenta que a descida do Espírito sobre Jesus no Seu batismo subentende "que Jesus não fora ungido com o espírito até aquele momento" (pág. 23), mas nada disso é dito. Devemos acreditar que João Batista estava cheio do Espírito desde o ventre da Sua mãe (Lucas 1.15), ao passo que o Filho de Deus estava destituído do Espírito até ficar com cerca de 30 anos de idade? Devemos acreditar que um mero ser humano (que Jesus era, segundo as testemunhas de Jeová) viveu uma vida sem pecado durante cerca de 30 anos sem a ajuda do Espírito Santo? O fato é que a descida do Espírito Santo sobre Jesus não foi para Ele tornar-se ativamente presente na vida de Jesus pela primeira vez, mas para marcar *publicamente* o início do ministério de Jesus e manifestar ao mundo que o Espírito realmente estava sobre Jesus.

Esses textos de prova, portanto, realmente apóiam a crença de que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo são três pessoas, e também dão algum apoio - mas não servem de comprovação total - à crença de que essas três pessoas são Deus. Sua importância principal, no entanto, não se acha em se constituírem em textos de prova isolados em favor da Trindade como uma doutrina completa. Nenhum versículo isolado nos conta tudo a respeito de Deus. A importância desses textos é que demonstram que os escritores do Novo Testamento realmente pensavam em categorias "trinitárias," mas naturalmente sem o vocabulário formal da teologia trinitária posterior.

Mas não é apenas nalguns poucos textos de prova que se acha esse aspecto tríplice, esse padrão trinitário. Pelo contrário, ele permeia o Novo Testamento inteiro.

Um panorama do trinitarismo do Novo Testamento

A história do Novo Testamento é a história dos atos do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. A figura central é obviamente o Filho, Jesus Cristo; mas Ele vem para revelar o Pai e para nos reconciliar com o Pai e, depois da Sua ascensão, Ele envia o Espírito Santo a fim de glorificar o Filho e levar as pessoas a conhecerem o Filho como Senhor, para a glória do Pai. Essa estrutura segue como fio de meada na totalidade do Novo Testamento, desde Mateus até ao Apocalipse, desde o nascimento de Jesus até às revelações dadas ao último dos apóstolos.

A Trindade nos Evangelhos

Podemos começar seguindo a pista desse padrão nos Evangelhos. Jesus Cristo, o Filho de Deus, é concebido mediante o poder do Espírito Santo (Lucas 1.35). Conforme já foi notado, quando Jesus foi batizado, o Espírito Santo desceu sobre Ele, e o Pai proclamou que Jesus é Seu Filho (Mt 3.16-17; Mc 1.10-11; Lc 3.21-22; Jo 1.32-34). Jesus enfrenta a tentação no deserto como o Filho de Deus com a plenitude do Espírito Santo (Lc 4.1-12). Promete aos discípulos que não precisarão preparar de antemão o que devem dizer ao serem julgados pela sua fé, porque as palavras lhes serão dadas pelo Espírito do seu Pai (Mt 10.20, por Cristo (Lc 21.15), e pelo Espírito Santo (Mc 13.11; Lc 12.12). Jesus vem preparar o caminho para a vinda do Espírito, que encherá os que crerem em Cristo com uma vida que transborda de adoração ao Pai (Jo 4.10-26; 7.37-39). Depois de Jesus ter ascendido, o Pai enviará o Espírito Santo em nome do Filho (Jo 14.16-17, 26; 15.26; 16.7). O Pai, Filho e Espírito Santo habitarão no

crente (Jo 14.17, 23). Tudo quanto o Pai tem pertence ao Filho, e tudo quanto o Espírito nos revela provém do Filho (Jo 16.14-15). Assim como o Pai enviou o Filho, assim também o Filho envia os discípulos no poder do Espírito Santo (Jo 20.21-22), com a comissão para batizar em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo (Mt 28.19).

A Trindade em Atos

No Livro de Atos surge o mesmo padrão na vida da igreja. Jesus, depois de relembrar aos discípulos a promessa do Pai no sentido de enviar o Espírito Santo no lugar do Filho (At 1.4-5), manda que deixem o futuro nas mãos do Pai ao testemunharem de Jesus no poder do Espírito Santo (1.7-8). Jesus então sobe ao Céu, e no Dia do Pentecostes envia o Espírito Santo da parte do Pai, conforme o próprio Jesus prometera (2.33). Aqueles que são chamados por Deus e que correspondem com arrependimento e fé são batizados em nome de Jesus e recebem o Espírito Santo (2.38-39). Ananias e Safira foram condenados por terem mentido ao Espírito Santo, a Deus, e ao Espírito do Senhor (5.3, 4, 9). Os apóstolos pregam Jesus como Cristo e Salvador àqueles que recebem o testemunho do Espírito Santo através deles (5.30-32). Nos seus últimos momentos, Estêvão, o primeiro mártir da igreja, ficou cheio do Espírito Santo e viu Jesus à destra de Deus (7.55-56). Depois de ouvir a mensagem de que Deus ungiu Jesus Cristo, o Senhor de tudo, com o Espírito Santo (10.36-38), Cornélio e a sua família receberam o Espírito Santo, exaltaram a Deus, e foram batizados em nome de Jesus (10.44-48; 11.15-18). Posteriormente, Pedro, que tinha pregado a Cornélio, narrou que Deus concedera a salvação e o dom do Espírito Santo aos

gentios mediante a graça do Senhor Jesus (15.8-11). Paulo mandou os presbíteros em Éfeso a zelarem pela igreja de Deus, que Deus comprara mediante o sangue de Cristo e sobre a qual o Espírito Santo os constituíra bispos (20.28). O Livro de Atos termina quando Paulo cita as palavras que o Espírito Santo falou através de Isaías a respeito da incredulidade dos judeus, e de passar a pregar aos gentios o reino de Deus e a ensinar a respeito do Senhor Jesus Cristo (28.25-31).

A Trindade em Paulo

Esse padrão trinitário passa a ser ainda mais evidente nas epístolas de Paulo, mas o espaço disponível só permite que mencionemos alguns dos trechos mais notáveis no assunto. Comecemos com a Epístola aos Romanos. Paulo prega o Evangelho de Deus, a respeito do Seu Filho, cuja filiação foi vindicada pela Sua ressurreição mediante o Espírito da santidade (Rm 1.1-4). O amor de Deus nos foi revelado na morte do Seu Filho e colocado em nossos corações mediante o Espírito Santo (Rm 5.5-10). Deus enviou o Seu Filho para nos livrar da morte e nos vivificar no Seu Espírito (Rm 8.2-4), que é tanto o Espírito de Deus quanto o Espírito de Cristo (Rm 8.9-11). Mediante o Seu Espírito habitando em nós, somos filhos adotados de Deus, em união com Cristo, e assim temos o privilégio de conhecer Deus como Pai (Rm 8.14-17).

Passando, agora, a examinar as Epístolas de Paulo aos Coríntios, o apóstolo diz que os cristãos são lavados, santificados, e justificados *em nome de Jesus e no Espírito* de Deus (1 Co 6.11). A despeito da diversidade dos dons, há o mesmo Espírito, Senhor, e Deus (1 Co 12.4-6). O Espírito distribui os dons segundo Ele quer ao corpo de

Cristo, de modo que cada membro fique onde Deus deseja (1 Co 12.11-12, 18). Deus alicerça os cristãos em Cristo, o Filho de Deus, e nos dá o Espírito (2 Coríntios 1:19-22). A nova aliança é um ministério do Espírito, transformando-nos para que reflitamos a imagem gloriosa do Senhor em Cristo (2 Coríntios 3:6-8, 14-18). Paulo termina 2 Coríntios com a bênção: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós" (2 Co 13.14).

A maioria das demais epístolas de Paulo revela padrões semelhantes. Deus nos justifica e nos dá o Seu Espírito mediante a fé em Jesus Cristo (Gl 3.8-14). Deus envia o Espírito do Seu Filho aos nossos corações a fim de sermos filhos adotados de Deus (Gl 4.4-7). Os cristãos adoram a Deus no Seu Espírito e se gloriam em Cristo Jesus (Fp 3.3). Por determinação de Deus, os cristãos têm a salvação em Cristo e uma vida transformada no Espírito Santo (1 Ts 1.3-6; 2 Ts 2.13-14). Deus nos salvou mediante o Espírito Santo que Ele derramou sobre nós através de Jesus Cristo (Tt 3.4-6).

É possível, no entanto, que a Epístola de Paulo aos Efésios seja uma das mais sublimes expressões da fé trinitária em todo o Novo Testamento. Deus nos escolheu e nos predestinou para a salvação mediante Jesus Cristo e nos selou no Espírito Santo (Ef 1.3-14). Com esse fundamento, Paulo ora para que o Deus de Jesus Cristo dê aos cristãos o Espírito de sabedoria e de revelação (1.15-17). A respeito de Cristo, escreve: "porque por Ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito" (2.18) e nos tornamos "... santuário dedicado ao Senhor... habitação de Deus no Espírito" (2.21-22). Paulo ora de novo, e dessa vez pede que o Pai nos fortaleça mediante o Seu Espírito, de modo que Cristo habite em nossos corações e assim

conheçamos plenamente o amor de Cristo (3.14-19). Ele nos faz lembrar que há "um Espírito... um só Senhor... um só Deus e Pai de todos" (4.4-6). Não devemos, portanto, entristecer o Espírito Santo, mas perdoar os outros assim como Deus nos tem perdoado em Cristo (4.29-32). Devemos ser cheios do Espírito, dando graças a Deus Pai em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (5.18-20).

A Trindade no restante do Novo Testamento

O restante do Novo Testamento também dá testemunho de uma fé trinitária fundamental (embora sem definir uma doutrina formalizada da Trindade). A palavra da salvação foi falada pelo Senhor, e Deus continua dando testemunho dela mediante os dons do Espírito Santo (Hb 2.3-4). Cristo se oferece a Deus como sacrifício de sangue pelos nossos pecados, pelo Espírito eterno (Hb 9.14). Os que rejeitam Cristo estão, com efeito, matando de novo o Filho de Deus, ofendendo o Espírito Santo e, portanto, têm a certeza de serem julgados por Deus (Hb 10.28-31; também 6.4-6). Pedro declara que somos conhecidos de antemão por Deus Pai, santificados pelo Espírito, e aspergidos pelo sangue de Cristo (1 Pedro 1.2). João declara que os cristãos têm confiança diante de Deus ao crerem em Cristo e permanecerem em união com Cristo mediante o Espírito de Deus (1 João 3.21-24; 4.13-14). Judas encoraja os cristãos a orarem no Espírito Santo, a se manterem no amor de Deus, e a esperarem na misericórdia de Jesus Cristo (Judas 20-21). No Apocalipse, o Filho de Deus declara ter autoridade do Seu Pai e conclama Seus ouvintes a prestarem atenção naquilo "que o Espírito diz às igrejas" (Ap 2.18, 27-29).

A fé cristã é fé trinitária

O propósito desse panorama de textos neotestamentários não é declarar que cada um deles, examinado isoladamente, "comprove" a Trindade. A lição em pauta é, isto sim, que no seu conjunto, somado às evidências consideradas nos capítulos anteriores em prol da divindade de Cristo e do Espírito Santo, constituam-se num argumento cumulativo sólido em favor da opinião de que a fé do Novo Testamento é trinitária. Com isso queremos dizer, não que seja necessário conhecer ou aceitar a palavra *Trindade* para ser cristão, mas, sim, que a fé cristã revelada no Novo Testamento realmente é o que a doutrina da Trindade diz ser o que ela é. Para ser cristão, não é necessário conhecer nem compreender as expressões formais do trinitarismo que foram o resultado de séculos de reflexão sobre o Novo Testamento, diante das distorções heréticas daquela fé. Por outro lado, para ser cristão, não se deve rejeitar a fé que a doutrina da Trindade foi projetada para salvaguardar.

Além disso, para ser um cristão responsável, não meramente no sentido de obter a salvação pessoal, mas no sentido de ser um sócio ativo do restante de Igreja de Cristo na comunhão e serviço de Cristo, é necessário aceitar a doutrina da Trindade. Não aceitar a Trindade, depois de ter a igreja elaborado essa doutrina com cuidado e cautela como resposta aos ataques contra a sua fé, é negar que Cristo preservou a igreja através das devastações provocadas pelas heresias e apostasias, e com isso, é ofender implicitamente a Cristo (Mt 16.18; Judas 3-4).

10

Adore a Deus conforme Ele se tem revelado

As testemunhas de Jeová têm razão ao dizer que devemos "adorar a Deus segundo os seus termos" (*Deve-se crer na Trindade?*, pág. 30). Mas, ao rejeitarem a doutrina da Trindade, as testemunhas de Jeová estão realmente rejeitando a revelação de Deus a respeito de como ele quer ser adorado.

A vida eterna, conforme as testemunhas de Jeová indicam corretamente, depende de conhecer a Deus (João 17.3). A Bíblia, porém, deixa claro que ninguém pode conhecer a Deus sem conhecer a Cristo conforme Ele realmente é. De fato, Jesus indica em João 17.3 que a salvação depende de conhecê-Lo, também. O Apóstolo Paulo, que, como fariseu, parecia ter todos os motivos para estar confiante no seu conhecimento de Deus e na

Sua aprovação (Fp 3.4-6), considerava "todas as coisas como perda, por causa do valor superior de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 3.8 TNM). Isso seria estranho se Jesus fosse simplesmente o mais sublime entre todos os seres criados, mas apropriado se, conforme já comprovamos, Jesus é Deus. O fato de Paulo considerar Jesus como Deus é indicado no contexto imediato, onde declara que, como cristãos, nós "temos a nossa jactância em Cristo Jesus" (v. 3 TNM), embora o próprio Paulo insistisse no princípio do Antigo Testamento: "Mas aquele que se gloriar, glorie-se no Senhor" (2 Co 10.17 TNM).

Conhecer a Cristo, portanto, é realmente conhecer a Deus: "Se *vós* me tivésseis conhecido, *teríeis* conhecido meu Pai; deste momento em diante *vós* o conheceis e o tendes visto" (João 14.7 TNM). Não somente isso, mas ninguém pode conhecer o Pai à parte de Cristo: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (v. 6 TNM). "Todo aquele que nega o Filho, tampouco tem o Pai. Quem confessa o Filho, tem também o Pai" (1 João 2.23 TNM). Se o filho fosse uma criatura, deveria ser possível conhecer a Deus à parte daquela criatura. Mas ninguém o pode, porque Jesus é Deus.

Além disso, ninguém pode honrar a Deus se não honrar a Cristo. Realmente, Deus quer que todos "honrem o Filho, assim como honram o Pai" (João 5.23a TNM). A Bíblia contém muitas advertências contra a adoração às criaturas; contém, ainda, mandamentos para exaltar, honrar, adorar, amar, louvar, temer e servir a Cristo, e advertências contra aqueles que negam que Cristo é "o nosso único Dono e Senhor" (Judas 4 TNM). (Como Jesus poderá ser nosso *único* Dono e Senhor se Ele não for Deus?) Mas a Bíblia nunca adverte contra exaltar Jesus demasiadamente. Ninguém é nunca censurado por prestar-Lhe alguma

honraria que Ele não merece. Isso é porque Jesus Cristo tem "o nome que está acima de todo nome" (Fp 2.9), e está "muito acima de todo governo, e autoridade, e poder, e senhorio, e todo nome dado, não só neste sistema de coisas, mas também no que há de vir" (Ef 1.21 TNM). É, portanto, impossível exaltar Jesus demasiadamente.

Confundindo a questão em debate

A brochura das testemunhas de Jeová, *Deve-se Crer na Trindade?* lança a acusação de que a doutrina da Trindade "confundiu e diluiu o entendimento das pessoas a respeito da verdadeira posição de Deus" (pág. 30). A doutrina da Trindade, no entanto, não é a origem a respeito da confusão no tocante à natureza de Deus. Pelo contrário, foi a negação dos ensinos bíblicos simples a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo que levou à variedade estonteante de teorias a respeito de Cristo e do Espírito Santo; que exigiu, como resposta, a formulação cuidadosa e exata do significado da doutrina de Deus na Bíblia.

É interessante que a brochura das testemunhas de Jeová cita o teólogo católico Hans Küng perguntando: "Por que deveria alguém querer acrescentar algo à noção da unicidade e da imparidade de Deus que possa apenas diluir ou anular tal unicidade e imparidade?" (pág. 30). No contexto, Küng está expressando com simpática compreensão a atitude para com a doutrina da Trindade expressa *pelos muçulmanos*, seguidores da religião de Maomé. (1) Küng passa a notar que os muçulmanos ficam igualmente escandalizados pelo ensino do Novo Testamento de que Jesus é o Filho de Deus. (2)

Na realidade, é o ensino das testemunhas de Jeová, de que existem muitos deuses, dos quais Jeová é o maior e

Jesus o segundo maior, que dilui ou anula a unicidade e a imparidade de Deus. Sustentar que Jesus Cristo é Aquele que criou diretamente todas as coisas, que sustenta todas as coisas, que fez a grande obra de morrer pelos nossos pecados, que tem "toda a autoridade nos céus e na terra" (Mt 28.18), e que julgará o mundo - e passar então a negar que Jesus realmente é Deus, certamente subtrai a unicidade e glória de Deus. Somente o trinitarismo, que afirma todas as coisas gloriosas ditas a respeito de Jesus no Novo Testamento, mas que também afirma que Jesus é o Filho de Deus, enviado pelo Pai, e revelado a nós pelo Espírito Santo, preserva a unicidade e a imparidade de Deus à luz do Novo Testamento.

Nesse caso, portanto, as testemunhas de Jeová, assim como a maioria dos antitrinitários, concordam com os judeus e os muçulmanos, e discordam dos cristãos, quanto ao significado de dizer que Deus é um só. Ao rejeitarem a Trindade, estão rejeitando aquilo que faz incomparável o conceito cristão de Deus, por contraste com todos os conceitos não-cristãos e subcristãos.

As testemunhas de Jeová também alegam que a crença na Trindade tem levado a vários males - especificamente, à exaltação antibíblica de Maria, à perseguição dos antitrinitários, e às guerras nas quais os trinitários matam uns aos outros. Essa alegação, porém, simplesmente confunde a questão em debate. Nenhuma dessas coisas é, de modo algum, o resultado da crença na Trindade.

O título "mãe de Deus" aplicado a Maria não tinha, originalmente, nada a ver com a exaltação de Maria. A palavra usada era *precisamente theotokos,* palavra grega que significa "Portadora de Deus". Isso significa que a Pessoa concebida e nutrida no ventre de Maria era realmente Deus. Conforme já vimos, essa é uma doutrina

bíblica. A expressão "mãe de Deus" parece, em muitos casos, subentender que Maria tem uma posição de autoridade sobre Deus, e fica claro que isso é falso; mas bem poucos (ou talvez nenhum) católicos entendem assim, e de qualquer maneira, o uso da expressão para exaltar Maria não tem nada a ver com a Trindade. A crença de que Maria é uma "mediatriz" (crença esta que é rejeitada por todos os trinitários protestantes), também não tem ligação com a doutrina da Trindade. A exaltação de Maria no catolicismo romano a uma posição próxima da divindade surgiu muito tempo depois da doutrina da Trindade, e nada tem de ver com ela.

Outra coisa que confunde a questão em debate é a referência aos trinitários que têm perseguido antitrinitários. Embora tal coisa *tenha* acontecido, não foi como resultado da crença na Trindade, mas por sustentar a crença que o governo civil tinha a responsabilidade de castigar ou até mesmo de executar hereges. Quando e onde antitrinitários estavam no governo e sustentando uma crença semelhante a respeito do papel das autoridades civis, freqüentemente eram perseguidos os trinitários. Logo, a perseguição histórica de antitrinitários por trinitários, por lamentável que tenha sido, não refuta de nenhuma maneira a doutrina da Trindade.

Deve-se manter em mente que a mera crença na Trindade não faz com que uma pessoa seja cristã. Para alguém ser cristão, precisa colocar a sua fé no Deus que é trino e uno, e não simplesmente reconhecer que Ele é trino e uno. Nem o fato de crer na Trindade é garantia de que as crenças e práticas do cristão sejam certas em todas as demais áreas.

Ainda menos relevante é a história lastimável de guerras em que trinitários têm matado trinitários. Quer concordemos ou não com a premissa de que toda a

participação na guerra é um pecado (premissa com que concordam alguns cristãos, mas não todos), o fato de alguns trinitários terem matado outros na guerra, embora seja lamentável, não serve de refutação da doutrina da Trindade. No máximo, serve de prova de que a crença na doutrina da Trindade, por si só, não garante que a conduta da pessoa, ou a conduta de nações inteiras que aceitam essa doutrina, seja consistentemente cristã. Mas simplesmente não existe conexão lógica entre a crença na Trindade e a participação na guerra. Essas são questões separadas, e tentar alegar que a verdade da Trindade é suspeita por causa das crenças a respeito da participação na guerra é simplesmente *confundir a questão.*

Confiança no Deus Trino e Uno

Jeová conclama o mundo a reconhecer que "não há outro Deus, nem alguém semelhante a mim" (Is 46.9 TNM). Não é mera questão de saber o fato de que somente Jeová é Deus, mas de confiar somente em Jeová como Deus e Salvador: "Não fui eu, Jeová, além de quem não há outro Deus; Deus justo e Salvador, não havendo outro além de mim? Virai-vos para mim e sede salvos, todos vós [nos] confins da terra; pois eu sou Deus, e não há outro" (Is 45.21b-22 TNM).

É o trinitário que reconhece Jeová como o único Deus e Salvador mediante sua confissão que Jesus Cristo é verdadeiramente Jeová, e não uma criatura. Jesus Cristo é nosso Deus e Salvador (Tt 2.13; 2 Pe 1.1), e Ele somente pode sê-lo se é Jeová. Mas *simplesmente reconhecer* essa verdade não basta. Precisamos confiar em Jesus Cristo como Deus e Salvador, pôr nEle a nossa confiança, e viver de uma maneira que o honre (Tito 2.13-14).

As boas-novas para as quais o Diabo cega as mentes dos incrédulos são as boas-novas a respeito de Cristo, "o qual é a imagem de Deus" (2 Co 4.4). A mensagem que devemos pregar é "Cristo Jesus como Senhor" (v. 5). Quando aceitamos Cristo como Senhor, Deus faz brilhar em nosso coração a luz do conhecimento de Deus na face de Jesus Cristo (v. 6). É a verdade gloriosa a respeito de Jesus Cristo que o Diabo odeia e procura esconder da raça humana, por meio de todos os truques que se pode imaginar (João 8.43-44).

A doutrina da Trindade foi formulada pelos seguidores de Jesus Cristo a fim de salvaguardar as boas-novas de que em Jesus Cristo nos encontramos com Deus face a face. Não foi elaborada a fim de deixar Deus menos compreensível, nem para fazê-Lo tão misterioso que o povo comum teria que depender dos clérigos e dos teólogos para compreendê-Lo em seu lugar (conforme acusam as testemunhas de Jeová). Pelo contrário, a doutrina da Trindade foi elaborada com o devido respeito à revelação que Deus fez de Si mesmo. As doutrinas das testemunhas de Jeová a respeito de Deus, de Cristo, e do "espírito santo," por outro lado, foram elaboradas, não para representar mais fielmente o ensino da Bíblia, mas para reduzir Deus ao nível do entendimento humano.

Existe a escolha, portanto, entre crer no Deus verdadeiro conforme Ele se revelou, com mistérios e tudo, ou crer num Deus que é relativamente fácil de ser compreendido, mas que tem pouca semelhança com o Deus verdadeiro. Os trinitários estão dispostos a conviver com um Deus a quem não conseguem compreender plenamente. C. S. Lewis expressou o fato assim:

> Se o cristianismo fosse alguma coisa que estivéssemos inventando, é óbvio que poderíamos torná-lo mais fácil. Não conseguimos concorrer, em termos de simplicidade, com as pessoas que estão *inventado* religiões. Como poderíamos? Estamos lidando com fatos. *É óbvio* que qualquer um pode simplificar as coisas se não precisar levar em conta os fatos! (3)

Crer nalguma doutrina - até mesmo na Trindade - não basta. Devemos colocar nossa confiança do Deus verdadeiro indicado pela doutrina. Devemos, também, repudiar aquelas doutrinas que negam "nosso único Dono e Senhor, Jesus Cristo" (Jd 4 TNM). As testemunhas de Jeová precisam buscar a luz da verdade de Deus a respeito de Jesus Cristo (2 Co 4.6), verdade esta que pode libertá-las (Jo 8.32) das exigências de uma organização que toma sobre si ditar a elas o que devem crer. Somente Jesus Cristo, e não alguma organização religiosa, tem as palavras da vida eterna (Jo 6.68). Que Deus Pai liberte muitas testemunhas de Jeová, e pessoas doutras religiões também, "da autoridade da escuridão" e as transfira "para o reino do Filho do seu amor" (Cl 1.13 TNM).

Notas

Capítulo 1 Compreendendo a Trindade

1. *Deve-se Crer na Trindade?* (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1989). As páginas citadas no texto da presente obra referem-se a essa brochura.
2. Frederick C. Grant, "Trinity, The," ("Trindade, A"), em *The Encyclopaedia Americana*, Vol. 27 (Danbury, Conn.: Americana Corp., 1980), 116.

Capítulo 2 A Bíblia e a Trindade

1. Edmund J. Fortman, *The Triune God: A Historical Study of the Doctrine of the Trinity* (Philadelphia: Westminster Press, 1972), 9.
2. *Ibid.*, xv-xvi.
3. "Trinity," *The New Encyclopaedia Britannica: Micropaedia*, Vol. X (Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1981), 126.
4. Johannes Schneider, em "Deus, Deuses, Emanuel" em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Edições Vida Nova, trad. Gordon Chown, 1981) Vol. 1, pág. 652.
5. E. Washburn Hopkins: *The Origin and Evolution of Religion* (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1923), 336.

6. W. Fulton: "Trinity," em *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, ed. James Hastings, Vol. 12 (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1958), 461.
7. *Ibid.*
8. *Ibid.*, 458-59.

Capítulo 3 A Igreja e a Trindade

1. Justino, o Mártir: *Primeira Apologia* 63, em *The Ante-Nicene Fathers: Translations of the Fathers down to A.D. 325*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson, edição revisada A. Cleveland Coxe (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1969 reimpressão [orig. 1885], 1:184; doravante citado como ANF.
2. Justino, o Mártir: *Diáologo com Trifão* 36, em ANF, 1.212.
3. *Ibid.*, 128, em ANF, 1:264
4. Justino, o Mártir, *Primeira Apologia* 6, em ANF 1:164.
5. *Ibid.*, 16, 17, em ANF, 1:168.
6. Ireneu, *Contra Heresias* 1.10.1, em ANF, 1:330.
7. *Ibid.*, em ANF, 1:417.
8. Clemente de Alexandria: *Exortação aos Pagãos*, 10, em ANF, 2.202.
9. Clemente: *O Instrutor* 1.8, 1.11 em ANF, 2.227, 234.
10. Clemente: *Exortação aos pagãos* 12, em ANF, 2:206.
11. Clemente: *Miscelâneas [Stromata]* 5.1, em ANF, 2.444.
12. Tertuliano: *De Pudicitia* 21, citada em Fortman: *The Triune God: A Historical Study of the Doctrine of the Trinity* (Philadelphia: Westminster Press, 1972), 112.
13. "*Elucidações*," em ANF, 3.629.
14. Tertuliano: *Contra Hermógenes* 3, em ANF, 3:478.
15. "*Elucidações*," em ANF, 3:629-30.
16. Tertuliano: *Contra Praxeas* 5, em ANF, 3:600-601.
17. *Ibid.*, 7, em ANF, 3:601, 602.
18. Michael O'Carroll: *Trinitas: A Theological Encyclopaedia of the Holy Trinity* (Wilmington, Del.: Michael Glazier, 1987), 208.
19. Hipólito: *Contra Noêcio* 10, em ANF, 5:227.

20. *Ibid.*, 8, em ANF, 5:226.
21. *Ibid.*, 6, em ANF, 5:225.
22. Hipólito: *A Refutação de Todas as Heresias* 10.30 em ANF, 5:153.
23. Edmund J. Fortman: *The Triune God: A Historical Study of the Doctrine of the Trinity* (Philadelphia: Westminster Press, 1972), 58.
24. *Ibid.*, 56.
25. Gerald Bray, *[Creeds, Councils and Christ]* (Downers Grove, III.: Intervarsity Press, 1984), 83.
26. Para texto e estudo, ver *ibid.*, 104-9.
27. Harold O. J. Brown: *Heresies: The Image of Christ in the Mirror of Heresy and Orthodoxy from the Apostles to the Present* (Grand Rapids: Baker Book House, 1988 [orig. 1984]). 116-17.
28. *The New Encyclopaedia Britannica: Micropaedia*, Vol. 16 (Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1981), 730.
29. Brown: *Heresies*, 117.
30. Bray: *Creeds, Councils, and Christ*, 109.
31. Brown: *Heresies*, 115; Rousas John Rushdoony, *The Foundations of Social Order: Studies in the Creeds and Councils of the Early Church* (Fairfax, Va.: Thoburn Press, 1978), 14-15.
32. W. Fulton: "Trinity," em *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, ed. James Hastings, vol. 12 (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1958), 458.

Capítulo 5 Jesus é criatura?

1. Derek Kidner: *Provérbios: Introdução e Comentário* (São Paulo: Edições Vida Nova, Trad. Gordon Chown, 1980), 76.
2. *Raciocínios à Base das Escrituras* (Watchtower Bible and Tract Society, 1985), 408.
3. Ver mais: Larry R. Helyer: "Arius Revisited: The Firstborn over All Creation," *Journal of the Evangelical Theological Society* 31, 1 (março de 1988): 59-67.

Capítulo 6 A Bíblia nega que Jesus é Deus?

1. Ver Norman L. Geisler e William D. Watkins: "The Incarnation and Logic: Their Compatibility Defended," *Trinity Journal* nº 6 (1985): 185-97.
2. Ver, especialmente, Robert M. Bowman, Jr., e Brian A. Onken: "Was Jesus Raised as a Spirit Creature? Dialoguing with Jehovah's Witnesses on 1 Corinthians 15.44-50," *Christian Research Journal* 10, 1 (verão de 1987):7.

Capítulo 7 Jesus Cristo é Deus

1. G. H. Boobyer: "Jesus as 'Theos' in the New Testament," *Bulletin of the John Rylands Library* 50, 2 (primavera de 1968): 251.
2. *Ibid.*, 250.
3. *Ibid.*, 253.
4. Robert M. Bowman, Jr., *Jehovah's Witnesses, Jesus Christ, and the Gospel of John* (Grand Rapids: Baker Book House, 1989), doravante citado como Bowman, *Gospel of John.*
5. *Ibid.*, 25-26.
6. Ver *ibid.*, 65-69, para um estudo da regra de Colwell.
7. *Ibid.*, 48-49.
8. *Ibid.*, 43-53.
9. *Ibid.*, 20-24.
10. *Ibid.*, 60-61.
11. *Ibid.*, 27, 63.
12. Philip B. Harner: "Qualitative Anarthrous Predicate Nouns: Mark 15.39 and John 1:1, *Journal of Biblical Literature* 92, 1 (março de 1973): 85, 87; ver Bowman: *Gospel of John*, 70-73.
13. John L. McKenzie, *Dictionary of the Bible* (Nova York: Macmillan Publishing Co., 1965), 317; ver Bowman: *Gospel of John*, 80-81.
14. *Ibid.*, 133-34; citando *Ajuda ao Entendimento da Bíblia* (Watchtower Bible and Tract Society, 1971), 885.

15. *Ibid.*, 87-132.
16. *Ibid.*, 125-27; ver também Robert M. Bowman, Jr.: *Jehovah's Witnesses and Biblical Interpretation* (no prelo), capítulo 8.
17. Bowman: *Gospel of John*, 124-25.
18. *Ibid.*, 87-112.
19. *Ibid.*, 120-21.
20. *Ibid.*, 122-24.
21. *Ibid.*, 112-16.
22. *Ibid.*, 117-20.
23. Ralph P. Martin: *Carmen Christi: Philippinas ii.5-11 in Recent Interpretation and in the Setting of Early Christian Worship* (Cambridge University Press, 1967).
24. Ralph P. Martin: *Filipenses: Introdução e Comentário* (São Paulo, Edições Vida Nova, trad. Oswaldo Ramos), 108.
25. *Ibid.*, 108-109.
26. Martin: *Carmen Christi*, 148-149; ver também Martins: *Filipenses*, 109-110.
27. Martin: *Filipenses*, 116; *Carmen Christi*, 235-39; 255-57, 278-83.
28. Esse argumento é documentado em Robert M. Bowman, Jr.: *Our Great God and Saviour* (manuscrito inédito, 1987), 2-8; pode ser adquirido de CRI, Box 500, San Juan Capistrano, CA, EEUU 92693-0500.
29. Para um estudo mais pormenorizado de Tito 2.13; 2 Pedro 1.1; e 1 João 5.20, ver *ibid.*
30. Cf. Robert M. Bowman, Jr., *Jehovah's Witnesses and Biblical Interpretation* (no prelo), capítulo 8; Robert H. Countess: *The Jehovah's Witnesses New Testament: A Critical Analysis of the New World Translation of the Christian Greek Scriptures* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed Publishing Co., 1982), 34-39; D. R. DeLacey: "'One Lord' in Pauline Christology," em *Christ the Lord: Studies in Christology Presented to Donald Guthrie*, ed. Harold H. Rowdon (Leicester, Inglaterra: Inter-Varsity Press, 1982), 191-203.

31. *Raciocínios à Base das Escrituras* (Brooklyn: Watchtower Bible and Tract Society, 1985), 420.

Capítulo 8 O Espírito Santo é uma força?

1. Quanto a esta e outras questões correlatas, ver Duane Magnani: *The Heavenly Weatherman* (Clayton, Calif.: Witness Inc., 1987).
2. Georg Braumann: "Advogado, Parácleto, Ajudador," em *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. I (São Paulo: Edições Vida Nova, trad. Gordon Chown, 1981), 105-107; Johannes Behm: "*paraklêtos*," em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerard Friedrich, trad. e edit. Geoffrey W. Bromiley, Vol. 5 (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1967), 800-814.

Capítulo 9 O trinitarismo no Novo Testamento

1. John M'Clintock e James Strong: *Cyclopaedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature* (Nova York: Harper & Brothers, 1881), 10:552.
2. *Ibid.*
3. *Ibid.*

Capítulo 10 Adore a Deus conforme Ele se tem revelado

1. Hans Küng: *Christianity and the World Religions: Paths of Dialogue with Islam, Hinduism, and Buddhism*, com Josef van Ess, Heinrich von Stietencron, e Heinz Bechert (Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1986), 112-13.
2. *Ibid.*, 116-18. Deve ser notado que Küng adota o conceito crítico modernista da Bíblia, negando, por exemplo, que Jesus afirmava ser o Filho de Deus (pág. 117).
3. C. S. Lewis: *Beyond Personality: The Christian Idea of God* (Londres: Geoffrey Bles, 1944), 19.

Leituras recomendadas

McDowell, Josh & Stewart, Don. *Os Enganadores*, Candeia, São Paulo, 2001.

Jesus — *Uma defesa bíblica da Sua Divindade*, Candeia, São Paulo, 1994.

MENEZES, Aldo dos Santos. *Merecem crédito as testemunhas de Jeová?* Centro de Pesquisa Religiosa, Teresópolis-Rio, 1994.

SILVA, Esequias Soares. *Como responder às testemunhas de Jeová*, Candeia, S. Paulo, 1995.

Testemunhas de Jeová, vol II, Candeia, S. Paulo, 1994.

Índice de assuntos

Adão, 55
Todo-poderoso, significado de, 93-94
anjo, Jesus com, 28-29, 52
anjos, como deuses, 49-52
Pais Ante-Niceanos, 27-34
apostasia, 44-45
arianismo, 36-37,39-41,43,57
Ário de Alexandria, 36, 42
Credo Atanasiano, 11-15, 17, 18, 41
Atanásio, 40-42

Barth, Karl, 24
Bíblia, como Palavra de Deus, 18, 20
Blasfêmia, Jesus acusado de, 81-86
Bracken, Joseph, 18
Bulletin of the John Rylands Library, 85-87

Calvino, João, 83
Ciência Cristã, 45
Clemente de Alexandria, 28, 30, 34
Constantino, 37-40
Concílio, de Nicéia, 37-40; de Constantinopla, 40:41
Credo de Nicéia, 37
Credos, propósito dos, 17, 44-45
Egō eimi ("eu sou"), 94-96
Elohim, 49, 52,55
Encyclopaedia Britannica, 24, 38-39
Encyclopedia of Religion and Ethics, 25, 41,42
Iluminismo, 45
Eusébio de Cesaréia, 39; de Nicomédia, 39

Pai, é Deus de Jesus, 14-15,74-75
Fortman, Edmund, 22-23, 33

Gnosticismo, 29, 35, 44, 71
Deus, como Criador, 35 43;
não tem corpo, 12, 107; não composto de partes, 12-13, 48; o único verdadeiro, 49; unicidade de, 11-13, 47-49; usos representativos e qualitativos da palavra, 53
Deuses, falsos, 48-53

Harner, Philip, 90

Henoteísmo, 49
Hipólito, 32-34
Espírito Santo, evidências alegadas da natureza impessoal, 112-113 e espíritos imundos, 111-113; como o Ajudador (*paraklêtos*), 109-111; blasfemando-o, 112; incoerência do conceito das testemunhas de Jeová do, 107; pronomes masculinos usados a respeito do, 109; personificação do, 113-116; por que as testemunhas de Jeová O consideram como uma força, 105-108
Hopkins, E. Washburn, 24
Hósio, 39
Ireneu, 29-30, 34

Jesus, como Criador, 30, 57, 61-62, 66-69, 101-2; como sendo eterno, 59 89-90, 96,102 como Jeová, 98-99, 102-104; atributos de, 104 morte de, 19, 70-74; distinto de Deus, 67-69; honras devidas a Ele, 103-104, 128; lamentações de, 70-72; orou ao Pai, 14: ressuscitou com Seu corpo físico, 15, 74-76; submeteu-se ao Pai, 14-15, 74-77,97-99; títulos de, 103; duas naturezas de, 14-15, 70-72
Judeus, 34, 129
Journal of Biblical Literature, 91
Juízes, como deuses, 52-56
Justino, o Mártir, 28-29, 34

Conhecimento, de Deus e Cristo, 127-128
Küng, Hans, 129, 137

Lewis, C.S., 132, 137

M'Clintock e Strong: Cyclopedia, 118-120
Martin, Ralph, 97-98
Maria, exaltação de, 129-130
McKenzie, John L., 91
Homens, como deuses, 52-56
Modalismo, 35
Monarquianismo, 14, 35, 36, 43
Monoteísmo (um só Deus), 12, 44, 47-48,56
Mormonismo, 11, 45, 78
Muçulmanos, 129
Mistério, 16, 72,107,132

Neoplatonismo, platonismo, 42-43
Movimento da Nova Era, 45
New Catholic Encylopedia, 18
New International Dictionary of New Testament Theology, 24
New Thought ("Pensamento Novo"), 45
Credo Niceno, 37

Unigênito (monogenês), 77,80-81
Orígenes, 28, 33-34

Paine, L. L., 12
Paradoxo, 70-72
Paraklêtos, 109-110
Perseguição, por trinitários, 129-130
Pessoa, significado de, 13-14, 48
Politeísmo, 47

Rahner, Karl, 86-87
Sacrifício vicário, 72-74
Robertson, A.T., 109
Catolicismo Romano, 16, 18, 21

Satanás, como um deus, 52
Septuaginta, 50,94

Filho de Deus, Jesus como, 68, 77-82,92
Filhos de Deus, 53-54,68
Espírito, falsas traduções de, pelas testemunhas de Jeová, 113
Espiritismo, 45
Substância, consubstancial, 13, 32, 39

Tertuliano, 30-32, 34
Teodósio, 40
Teosofia, 45
tríades pagãs, 41-42
Trinitas - A Theological Encyclopaedia of the Holy Trinity, 31
Trindade, e salvação, 17-19, 125-132; definindo, 11-15; cristãos primitivos e, 25; no Novo Testamento, 23-25, 118-124; no Antigo Testamento, 22-23; ontológica e econômica, 25; origem do termo, 30; significado prático de, 18-19,40,101,102,108; compreendendo, 15-18,127-129; palavra que não está na Bíblia, 22
Triteísmo (três deuses), 11, 13, 23-24, 41-42

Unitarismo, 45
Escola União de Cristianismo, 45

Guerras, trinitários e as, 130-131
Weigall, Arthur, 25
Sabedoria, 57-59, 113-114

Impressão e Acabamento

